



Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós Graduação em Ecologia

Bruno Esteves Conde

CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL E SUA INTERFERÊNCIA NA
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE BOTÂNICA PARA TRÊS
COMUNIDADES QUILOMBOLAS RESIDENTES EM CONTEXTO DE
FLORESTA ATLÂNTICA

Juiz de Fora
2016

Bruno Esteve Conde

**Conhecimento ecológico local e sua interferência na conservação da biodiversidade
botânica para três comunidades quilombolas residentes em contexto de
Floresta Atlântica.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais.

Orientador:

Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Coorientadores:

Prof. Dra. Eliana Rodrigues (Universidade Federal de São Paulo)

Prof. Dra. Tamara Ticktin (University of Hawaii at Manoa)

Prof. Dr. Leonardo de Oliveira Carneiro (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Juiz de Fora
2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Esteves Conde, Bruno .

CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL E SUA INTERFERÊNCIA NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE BOTÂNICA PARA TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS RESIDENTES EM CONTEXTO DE FLORESTA ATLÂNTICA / Bruno Esteves Conde. -- 2016.

195 p.

Orientador: Daniel Sales Pimenta

Coorientadores: Eliana Rodrigues, Tamara Ticktin, Leonardo de Oliveira Carneiro

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Ecologia, 2016.

1. Prioridade de Conservação. 2. Etnobotânica. 3. Espécies Nativas. 4. Comunidades Tradicionais. I. Sales Pimenta, Daniel , orient. II. Rodrigues, Eliana , coorient. III. Ticktin, Tamara, coorient. IV. de Oliveira Carneiro, Leonardo, coorient. V. Título.

**“CONHECIMENTO ECOLÓGICO LOCAL E SUA INTERFERÊNCIA NA
CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE BOTÂNICA PARA TRÊS
COMUNIDADES QUILOMBOLAS RESIDENTES EM CONTEXTO DE
FLORESTA ATLÂNTICA.”**

Bruno Esteves Conde

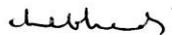
Orientador: Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta

Tese apresentada ao Instituto de
Ciências Biológicas, da
Universidade Federal de Juiz de
Fora, como parte dos requisitos
para obtenção do Título de
Doutor em Ecologia Aplicada ao
Manejo e Conservação de
Recursos Naturais.

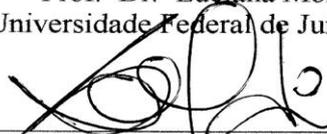
Aprovado em 18 de abril de 2016.



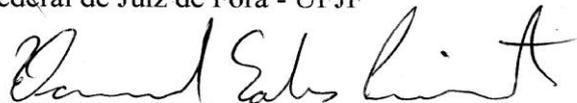
Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF



Prof.^a Dr.^a Luciana Moreira Chedier
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF



Prof. Dr. Gustavo Taboada Soldati
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

CS. ATA 

Prof.^a Dr.^a Tamara Ticktin
University of Hawaii at Manoa



Prof.^a Dr.^a Luci de Senna Valle
Museu Nacional do Rio de Janeiro - UFRJ

Dedico este trabalho à minha mãe, por todo seu amor carinho, dedicação e incentivo. Sem ela jamais eu seria capaz de chegar até aqui.

*“Não ganhe o mundo e perca sua alma;
sabedoria é melhor que prata e ouro”.*

Bob Marley

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em especial minha querida mãe Andréa e a minha avó materna Margarida, pelo enorme apoio, amor, carinho, incentivo e dedicação a mim.

Aos meus avôs paternos Mônica e Edmundo, e ao meu pai Sérgio.

Ao meu companheiro de coração Gabriel Hiotti, que com sua amizade e amor, atribuiu a mim paz nos momentos de maior aflição ao longo desta aventura acadêmica árdua e desafiadora.

À minha grande amiga, e maior colaboradora, Amanda Surerus, que com muita competência, disponibilidade, disposição, comprometimento, amor, amizade e muita sabedoria, foi minha fiel escudeira em todo o desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas tias Adriane Esteves, Cláudia Esteves, Erika Esteves, Débora Conde, Sandra Conde e Elizabete Conde por todo apoio e incentivo.

À Valéria Hiotti, por todo seu carinho, amor, incentivo, acolhimento e amizade.

À Gabriela Hiotti, por sua amizade e seu carinho.

Às minhas lindas cadelinhas Lili, Kika e Maia, que estiveram ao meu lado transmitindo a todo o momento amor e uma amizade incondicional. Foram elas indispensáveis nos momentos mais decisivos da síntese deste trabalho.

Ao Sr. Joaquim (*in memoriam*), líder da comunidade São Sebastião da Boa Vista, que com toda sua enorme sabedoria, nos proporcionou momentos únicos de muita paz. Também nos concedeu enorme hospitalidade. No entanto nos deixou antes mesmo que pudesse ler este agradecimento.

Aos meus orientadores, Daniel Pimenta e Leonardo Carneiro, pois acreditaram que eu pudesse cumprir com os objetivos propostos inicialmente e foram os maiores responsáveis por tornar possível o desenvolvimento desta tese.

À minha co-orientadora e amiga Tamara Ticktin da Universidade do Hawaii, por possibilitar a aventura de maior êxito e enriquecimento científico e cultural de toda minha vida, e também por sua amizade, paciência, disponibilidade, carinho e hospitalidade para comigo.

À minha co-orientadora e amiga Eliana Rodrigues, por toda sua competente contribuição na construção metodológica da presente tese. Também por sua enorme disponibilidade e atenção, uma vez que esteve presente e disposta a me ajudar em todo momento com muita calma e carinho.

À professora Luciana Chedier, pela amizade, confiança e por possibilitar a mim inúmeras oportunidades de enriquecimento acadêmico e profissional.

À professora Luci Senna Valle, por sua confiança e disponibilidade para compor a presente banca de defesa de doutorado.

Aos companheiros do Laboratório de Etnobotânica da Universidade Federal de Juiz de Fora, Mathias Abraão, Arthur Macedo e Flávia Ferrari, por toda a disponibilidade e amizade.

Aos meus companheiros do Laboratório de Etnobotânica da Universidade do Hawaii, Shimona Quazi e Gioconda Lopes, por todo o acolhimento e amizade enquanto estive no Hawaii para aprimorar esta tese.

Aos amigos que fiz na casa onde morei em Honolulu e que muito me apoiaram e incentivaram para a realização desta jornada acadêmica apresentada aqui. São eles: Joseph, Kurt, Lee, Rolland, Joana, Julio, Jana, Mark e Daniel.

Às minhas amigas e fiéis escudeiras, que puderam compartilhar comigo momentos únicos e incríveis no desenvolvimento deste trabalho, Aline Moreira e Izabela Salazar.

Ao amigo Thimoty Ongaro, Amanda Leandro, Felipe Angelo, Elaine Eurico e Barbara Dias Costa, por suas colaborações em campo, e dedicação ao trabalho.

Aos meus amigos que muito ouviram minhas narrativas acadêmicas entusiasmadas, Naiara Ferreira, Luanna Pereira, Alex gaguinho, Rafael Deotti, Rafaela Pellicano, Bruno Paixão, Cris di Spirito, Marina Quintão, Yuri Acán e Joana Miloski.

Às comunidades em que o trabalho foi realizado, por todo acolhimento, confiança e hospitalidade.

Ao Programa de Pós Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, e em especial à Prof. e Vice Coordenadora do Programa, Andréa Ponzo e ao secretário Júlio, sempre muito disponíveis para resolução de qualquer questão relacionada ao programa.

À agência CAPES, que possibilitou o financiamento desta pesquisa, e de minha bolsa de doutorado e doutorado sanduíche.

E a todos os demais que estiveram presentes em minha vida ao longo deste processo, mas não foram aqui citados.

RESUMO

O conhecimento ecológico tradicional de comunidades como as Quilombolas, traz considerações sobre o estado de conservação das espécies locais. Desta forma, o objetivo do presente trabalho foi avaliar o conhecimento ecológico tradicional quanto a sustentabilidade de flora nas comunidades Quilombolas de São Sebastião da Boa Vista (SSBV), São Bento (SB) e Colônia do Paiol (CP), para subsidiar posterior plano de manejo. Utilizou-se: aproximação aos membros da comunidade; coleta de dados etnobotânicos para quaisquer usos; coleta de dados fitossociológicos nas florestas locais; análises quantitativas com a aplicação de índices para avaliar a importância das espécies nativas para a cultura local e seus estados de conservação. Através de 21 especialistas locais, sendo 7 em SSBV, 6 em SB e 8 em CP, obteve-se uma lista de 212 espécies em SSBV (105 espécies nativas), 221 em SB (96 espécies nativas) e 154 espécies em CP (53 espécies nativas). Para os índices que avaliaram a importância da espécie, destacaram para SSBV, *Dalbergia hortensis* Heringer & al. (26 / 2.14) e para SB: *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J.F.Macbr. (3,32 / 1). Com base na prioridade máxima de conservação, SSBV apresentou 33 espécies e SB 32, já em CP não se foi possível acessar as florestas. Quando se relacionou os índices utilizados, verificou-se que não existe correlação entre a importância cultural das espécies botânicas e suas conservações. Em CP, o acesso às florestas locais é atualmente proibido pelos fazendeiros locais que tomaram posse de tais áreas. A floresta de SSBV é predominantemente composta por espécies pioneiras e em SB de espécies secundárias iniciais. Concluiu-se que as comunidades em questão detêm grande conhecimento sobre o uso das floras locais, entretanto, há a necessidade de se implementar estratégias para a recomposição florestal, além da produção de plano de manejo sustentável que priorize a preservação de determinadas espécies locais. A diminuição dos espaços florestais, chama a atenção para a demarcação imediata das terras Quilombolas visando não somente a manutenção da cultura local, como também a consequente conservação da biodiversidade de flora à partir de plano de manejo dos recursos naturais utilizados.

Palavras chave: Prioridade de Conservação; Etnobotânica; Espécies Nativas; Comunidades Tradicionais.

ABSTRACT

The traditional ecological knowledge communities as the Quilombolas, brings considerations about the state of conservation of local species. Thus, the objective of this study was to evaluate the traditional ecological knowledge as the botany sustainability in the Quilombolas communities: São Sebastião da Boa Vista (SSBV), São Bento (SB) and Colônia do Paiol (CP), for further subsidize plan management. We used: approach to community members; ethnobotanical data collection for all purposes; phytosociological data collection in forests; Quantitative analysis with the use of indexes to assess the importance of native species for the local culture and its preservation. Through 21 local experts: 7 of SSBV, 6 in SB and 8 CP; we obtained a list of 212 species SSBV (105 native species), 221 SB (96 native species) and 154 species CP (53 native species). For indexes that evaluated the importance of the species highlighted for SSBV, *Dalbergia hortensis* Heringer & al. (26 / 2.14) and SB: *Piptadenia gonoacantha* (Mart.) J.F.Macbr. (3.32 / 1). Based on the maximum conservation priority, SSBV presented 33 species and SB 32, as in CP not be accessed forests. When correlation indexes used, it was found that there is no correlation between the cultural importance of botanical species and their conservations. In CP, access to local forests is currently prohibited by local farmers took possession of such areas. The SSBV forest is predominantly composed of pioneer species and SB of early secondary species. It was concluded that the communities in question hold great knowledge about the use of local botany species; however, there is the need to implement strategies for reforestation, as well as sustainable management of production plan that prioritizes the preservation of certain local species. The reduction of forest areas draws attention to the immediate demarcation of Quilombo lands seeking not only to maintain the local culture, as well as the consequent conservation of flora biodiversity from natural resource management plan used.

Keywords: Conservation Priority; Ethnobotany; Native Species; Traditional Communities.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Mapa de Minas Gerais com divisão das mesorregiões e destaque para as comunidades de São Sebastião da Boa Vista, São Bento e Colônia do Paiol. Fonte: Adaptado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística através do site oficial do Governo do Estado de Minas.....29
- Figura 2:** Vista superior das comunidades por satélite Cnes/ Spot Image, com marcação em vermelho para o caminho de acesso que as comunicam. Créditos de Imagem: *Google Earth* 2016; e Amanda Surerus Fonseca.....31
- Figura 3:** Comunidade São Sebastião da Boa Vista. A: Vista sobre a comunidade; B: Moradores em momento festivo; C: Moradores em seus cotidianos; D: Igreja de São Sebastião da Boa Vista; E: Casa ao estilo comum na comunidade em vista externa; F: Sala de estar de casa de um morador da comunidade. Crédito de imagem: Bruno Esteves Conde.....40
- Figura 4:** Comunidade São Bento. A: Vista sobre a comunidade; B: Moradores conversando em sala de estar; C: Moradores posando para fotos; D: Igreja de São Bento; E: Moradora posando para foto em frente à sua casa; F: Fogão comum das casas locais. Crédito de imagem: Bruno Esteves Conde.....41
- Figura 5:** Comunidade Colônia do Paiol. A: Vista frontal da comunidade; B: Casa com parábola da comunidade; C: Moradores em seus cotidianos; D: Igreja de Nossa Senhora do Rosário; E: Entrada de uma casa ao estilo comum da comunidade; F: Avó e neta Quilombola. Crédito de imagens: Bruno Esteves Conde.....42
- Figura 6:** Visitas informais realizadas nas casas das comunidades. A: São Sebastião da Boa Vista; B: Colônia do Paiol; C e D: São Bento. Crédito de imagens: Amanda Surerus Fonseca.....43

- Figura 7:** Reuniões nas sedes das associações de moradores, entre pesquisadores e moradores. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; C e D: Colônia do Paiol
Crédito de imagens: Bruno Esteves Conde.....45
- Figura 8:** Cartaz do evento Kizomba Namata com programação; A: Interação entre as comunidades; B: Exposição fotográfica sobre as comunidades
Crédito de imagens: Bruno Esteves Conde.....46
- Figura 9:** Coleta de dados etnoecológicos na perspectiva da etnobotânica realizado nas comunidades Quilombolas: A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol
Crédito: Aline Moreira Siqueira.....47
- Figura 10:** Encontros focais, realizados em A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento.
Crédito de imagens: Leonardo de Oliveira Carneiro.....48
- Figura 11:** Coleta botânica através do método “Walking in the Wood”; A e B: São Sebastião da Boa Vista; C e D: São Bento; E e F: Colônia do Paiol. Crédito: Amanda Surerus Fonseca.....50
- Figura 12:** Imagens aéreas através de *Google earth* com marcações em amarelo das parcelas e em branco os limites das comunidades: A: São Sebastião da Boa Vista; e B: São Bento.
Crédito de imagem: Amanda Surerus Fonseca.....54
- Figura 13:** Esquematização didática para sucessão ecológica florestal e suas respectivas fases (Carvalho *et al.* 2006), em que: 1 = Clímax; 2 = Desmatamento; 3 = Clareiras com ocorrência de espécies pioneiras; 4 = Sub-bosque formado por espécies secundárias primárias; 5 = Bosque formado por espécies secundárias tardias; e 6 = Floresta em regenerada composta por espécies clímax.....57
- Figura 14:** *Dalbergia hortensis*, fotografada na comunidade de São Sebastião da Boa Vista e seus detalhes quanto suas partes botânicas. Sendo A: Espécime adulta vista em campo; B: Ramo com inflorescência; C: Caule; D: Folhas; e E: Inflorescência. Créditos de imagem: Bruno Esteves Conde.....160

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1:** Famílias com maior número de espécies citadas como úteis. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.....144
- Gráfico 2:** Número de citações por categorias de uso, em cada uma das comunidades.....145
- Gráfico 3:** Utilização de espécies nativas e exóticas. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.....146
- Gráfico 4:** Número de citações por categorias de usos em relação à origem das espécies botânicas utilizadas. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento, e C: Colônia do Paiol.....147
- Gráfico 5:** Número de citações por hábito da espécie utilizada e suas respectivas origens. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.....148
- Gráfico 6:** Número de citações por partes botânicas utilizadas e suas respectivas origens. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.....149
- Gráfico 7:** Espécies em número de citações por local de ocorrência e origens; A: São Sebastião da Boa Vista, B: São Bento, e C: Colônia do Paiol.....150
- Gráfico 8:** A: Correlação entre índices de importância cultural, prioridade de conservação e valor em relação ao uso. A: São Sebastião da Boa Vista; e B: São Bento.....158
- Gráfico 9:** Porcentagem de espécies nativas florestais por categorias de prioridade de conservação para as duas comunidades consideradas.....161
- Gráfico 10:** Porcentagem de espécies em relação à sua categorização de estágio sucessional para as duas comunidades consideradas.....164

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1:** Usos de plantas pelos Quilombolas de São Sebastião da Boa Vista, de São Bento e de Colônia do Paiol – (Listagem por categorias adaptadas de Galeano, 2000).....48
- Tabela 2:** Critérios de pontuação usados para determinar as espécies prioritárias para conservação (adaptado Dzerefos & Witkowski, 2001).....55
- Tabela 3:** Principais características diferenciais dos grupos ecológicos de espécies arbóreas (adaptado de Ferreti, 2002).....58
- Tabela 4:** Comparação entre as definições de estágios sucessionais segundo Loefgren (1896), Eiten (1970), Tabarelli (1994) e as Resoluções do CONAMA 10/93 e 1/94.....59
- Tabela 5:** Relação entre os dados sociais obtidos, em que: (SSBV) São Sebastião da Boa Vista, (SB) São Bento, e (CP) Colônia do Paiol; (M) masculino; (F) feminino; (PM) conhecedores de plantas medicinais; (CT) cozinheiros (a) tradicionais; (CO) construtores; (AT) artesão; (F) feiticeiros, bruxas, curandeiros espirituais, benzedores ou quem têm poder sobrenatural para curas e outras magias; (L) Lenhador; (M) mateiro ou pessoas que conhecem as florestas locais e principais coletores de materiais florestais.....60
- Tabela 6:** Lista de espécies citadas como úteis pelos Quilombolas de São Sebastião da Boa Vista (SSBV), São Bento (SB) e Colônia do Paiol (CP), em ordem alfabética de famílias botânicas, seguido das espécies, origem, nomenclatura vernacular do local, hábito (AR – arbórea; AT – arbustiva; H- herbácea; V – trepadeira), categoria de uso (A – alimentar; C – construção; CB – combustível; M – medicinal; O – ornamental; R – ritualística; T – tecnológica), parte utilizada (Folha – F, Flr – Flor, Fr – Fruto, S – Semente, Raíz – R, Caule – Ca, Cs – Casca do Caule, e Pt – Planta toda), local de coleta (Cul – Cultivado, Ruderal – Rd, Fl – Florestal, Nc – não coletado) e voucher obtido em herbário.....63

Tabela 7: Comparação dos índices de diversidade etnobotânico compilados em estudos realizados com comunidades tradicionais do Brasil. Com local do estudo em cidade ou município, autor do estudo, tipo de comunidade, bioma, abrangência do estudo, sendo (G) várias categorias de uso, (M) plantas medicinais; e N° sp - número de espécies citadas; H´B.e - índice de diversidade na base e; N° infor. - número de informantes e N° cit - número de citações.....151

Tabela 8: Espécies florestais nativas citadas como úteis pelas comunidades de estudo, sendo SSBV - São Sebastião da Boa Vista e SB - São Bento, em ordem alfabética de espécies botânicas, seguido de prioridade de conservação, categoria, de valor em relação ao uso, significancia cultural e estágio sucessional com pontos e respectiva categoria Categoria 1 (Cat 1) - espécies com pontuação ≥ 85 com prioridade de conservação e não devem ser coletadas enquanto as precauções adequadas não forem tomadas ; Categoria 2 (Cat2) - espécies com pontuação entre 85 e 60 pode ser moderadamente recolhido ; Categoria 3 (Cat 3) - espécies com pontuação ≤ 60 são adequados para a coleta154

Tabela 9: Ordem alfabética de espécies nativas e arbóreas das comunidades São Sebastião da Boa Vista (SSBV) e São Bento (SB) e seus estados ecológico sucessionais, onde: (P) pioneira, (S) secundárias, (ST) secundárias tardias e (C) clímax.....162

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CGEN Conselho de Gestão do Patrimônio Genético

CONAMA Conselho Nacional do Meio Ambiente

CP Colônia do Paiol

ISC Índice de significancia cultural

EI Índice de equitabilidade de Pielou

IDB Índice de diversidade biológica

IPC Índice de prioridade de conservação

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IVU Índice de valor em relação ao uso

IUCN União Internacional para a Conservação da Natureza

MMA Ministério do Meio Ambiente

SB São Bento

SSBV São Sebastião da Boa Vista

UFJF Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	22
2.1 AS FLORESTAS TROPICAIS.....	22
2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	22
2.3 CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL	23
2.4 COMUNIDADES TRADICIONAIS DA MATA ATLÂNTICA.....	23
2.5 OS QUILOMBOS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS.....	23
2.6 OS QUILOMBOS DA MATA ATLÂNTICA NA ZONA DA MATA MINEIRA.....	24
2.7 CONHECIMENTOS ECOLÓGICOS LOCAIS ENTRE QUILOMBOLAS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS.....	26
2.8 A PROTEÇÃO DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL	26
2.9 A ETNOECOLOGIA NA AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL.....	27
2.10 A ETNOECOLOGIA NA PERSPECTIVA DA ETNOBOTÂNICA	27
2.11 TRANSMISSÕES DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL.....	28
2.12 QUESTÕES RELACIONADAS COM OS PLANOS DE CONSERVAÇÃO.....	28
2.13 COMUNIDADES QUILOMBOLAS: O CASO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, SÃO BENTO E COLÔNIA DO PAIOL.....	29
2.13.1 Acesso às comunidades.....	30
2.13.2 Aspectos de São Sebastião da Boa Vista.....	31
2.13.3 Aspectos de São Bento.....	32
2.13.4 Aspectos de Colônia do Paiol.....	33
2.13.5 Acesso à saúde via sistema formal SUS.....	34
2.13.6 Aspectos etnohistóricos.....	34
2.13.7 História de São Sebastião da Boa Vista.....	34
2.13.8 História de São Bento.....	35
2.13.9 História de Colônia do Paiol.....	36
2.13.10 Ocupação da paisagem.....	37
2.13.11 Pai Tudo.....	37

3. OBJETIVOS	38
3.1 OBJETIVO PRINCIPAL.....	38
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	38
4 HIPÓTESE	39
5 MATERIAIS E MÉTODOS	40
5.1 ÁREA DE ESTUDO.....	40
5.2 COLETA DE DADOS.....	43
5.2.1 Contato preliminar.....	43
5.2.2 Aproximação aos membros das comunidades.....	45
5.2.3 A coleta de dados etnoecológicos na perspectiva da etnobotânica.....	46
5.2.4 Qualificação dos dados por grupos focais.....	48
5.3 COLETA BOTÂNICA E HERBORIZAÇÃO.....	49
5.4 ESTABELECIMENTO DE ESPÉCIES NATIVAS E ESTADOS ATUAIS DE CONSERVAÇÃO.....	51
5.5 ANÁLISES QUANTITATIVAS.....	51
5.5.1 Índice de diversidade e de equitabilidade.....	51
5.5.2 Avaliação de floresta local por associação dos índices de: importância cultural/ prioridade de conservação/ valor em relação ao uso.....	52
5.6 CARACTERIZAÇÃO DOS FRAGMENTOS FLORESTAIS ESTUDADOS E ESTÁGIO SUCESSIONAL DAS ESPÉCIES NATIVAS FLORESTAIS.....	57
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	60
6.1 DADOS SOCIAIS.....	60
6.2 PERFIL ETNOECOLÓGICO DAS COMUNIDADES ESTUDADAS.....	62
6.3 ESPÉCIES NATIVAS LOCAIS.....	145
6.3.1 Estados atuais de conservação.....	150
6.4 ANÁLISES QUANTITATIVAS.....	151
6.4.1 Índice de diversidade e de equitabilidade.....	151
6.4.2 Índices de: significância cultural (ISC), prioridade de conservação (IPC) e valor em relação ao uso (IVU).....	153

6.4.3 Estágio sucessional das florestas locais e caracterização dos ambiente florestais estudados.....	161
7 CONCLUSÃO.....	165
REFERENCIAS.....	167
ANEXOS.....	181
Anexo 1: Diário oficial da União, com registro da comunidade Quilombola São Sebastião da Boa Vista.....	181
Anexo 2: Diário oficial da União, com registro da comunidade Quilombola Colônia do Paiol.....	182
Anexo 3: Diário oficial da União, com autorização para estudo etnobotânico nas comunidades estudadas.....	183
Anexo 4: Pagina oficial do IPHAN na internet, com licença para estudo etnobotânico nas comunidades estudadas.....	184
Anexo 5: Formulário utilizado para coleta de dados etnoecologicos.....	185
Anexo 6: Fotografias diversas do período de realização de trabalho de campo, referente à comunidade de São Sebastião da Boa Vista.....	187
Anexo 7: Fotografias diversas do período de realização de trabalho de campo, referente à comunidade de São Bento.....	190
Anexo 8: Fotografias diversas do período de realização de trabalho de campo, referente à comunidade de Colônia do Paiol.....	193

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Myers *et al.* (2000) existem 25 áreas de enorme riqueza de biodiversidade chamadas “hotspots”, onde ocorrem uma enorme concentração de espécies endêmicas e que podem estar ameaçadas de extinção pela ação antrópica. Cincotta *et al.* (2000), afirmam que mais de 1,1 bilhão de pessoas, ou cerca de 20% da população mundial, podem estar vivendo ou interagindo com estas áreas, como é o caso da Mata Atlântica, onde residem inúmeras comunidades tradicionais, e dentre elas, os Quilombolas.

Neste contexto, é fundamental mencionar o debate sobre a importância do conhecimento ecológico tradicional (BERKES, 1999), estudado através da etnoecologia, que se ocupa de compreender formas como as populações tradicionais utilizam e manejam seu ambiente natural, enfocando as interações entre pessoas e recursos naturais (NAZAREA, 1999).

O conhecimento ecológico tradicional fornece subsídios para o desenvolvimento de alternativas para a conservação dos recursos naturais (BERKES *et al.* 2000), principalmente em países como o Brasil, que ainda possuem grande diversidade biológica e grande diversidade cultural (IUCN, 1997).

Sendo assim a etnoecologia na perspectiva da etnobotânica torna-se uma ferramenta que integra as informações biológicas e ecológicas sobre os recursos vegetais, visando uma avaliação da intervenção antrópica na biodiversidade botânica local e que podem também ser úteis no planejamento de um desenvolvimento participativo e com sustentabilidade (SILLITOE, 1998).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 AS FLORESTAS TROPICAIS

As florestas tropicais cobrem apenas 7% da superfície da Terra, mas detêm metade de todas as espécies conhecidas (KURTZ & ARAÚJO, 2000). De acordo com a WWF (2002), 90% das áreas de floresta tropical não estão sendo protegidas e nem monitoradas. Além disso, milhões de pessoas, como comunidades tradicionais, vivem no interior ou no entorno dessas áreas e dependem de seus recursos para suprirem suas necessidades de sobrevivência (TICKTIN *et al.* 2012). Uma das florestas tropicais mais importantes por sua enorme riqueza de biodiversidade, mas também mais ameaçadas do mundo é a Mata Atlântica no Brasil, que teve quase 96% de sua área original devastada (AB' SABER, 2003). Inseridos nesta floresta estão muitas comunidades tradicionais (DIEGUES & VIANA, 2000).

2.2 COMUNIDADES TRADICIONAIS

Comunidades tradicionais são grupos de pessoas, culturalmente diferenciados e que reproduzem seu modo de vida de forma relativamente isolada, vivendo e interagindo principalmente com as florestas há um longo tempo histórico, com base na cooperação social e de uma estreita ligação com a natureza, a partir de um acervo de conhecimentos denominado conhecimento ecológico tradicional (DIEGUES & VIANA, 2000).

Conforme o decreto constitucional do Brasil, nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, compreende-se por comunidades tradicionais, grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, possuindo formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição.

2.3 CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL

O conhecimento ecológico tradicional pode ser compreendido como um sinônimo de conhecimento indígena, conhecimento local, ou simplesmente conhecimento etnoecológico (BERKES, 1999), dentre outros termos.

O conhecimento ecológico tradicional, é um conjunto de conhecimentos desenvolvidos através do processo de observação e experimentação, que é transmitido entre indivíduos (POSEY & ANDERSON, 1990), e é uma importante ferramenta para estudos conservacionistas, uma vez que podem levantar informações sobre o uso e o manejo dos recursos naturais, auxiliando no conhecimento da flora, fauna, e ecologia dos ambientes (FERNANDES-PINTO & MARQUES, 2004), podendo servir como subsídio para implantação de planos de manejo e conservação das espécies embasadas em uma realidade social (POSEY, 1987; MOURÃO & NORDI, 2006).

2.4 COMUNIDADES TRADICIONAIS DA MATA ATLÂNTICA

No Brasil as altas taxas de biodiversidade e endemismo aliam-se à grande miscigenação cultural, e acabam por resultar em vasto conhecimento sobre a flora (RODRIGUES & CARLINI, 2003). Entretanto, não se pode deixar de levar em conta que, das áreas ainda preservadas do território nacional, grande parte estão habitadas por comunidades tradicionais. No contexto da Mata Atlântica, pode-se observar a ocorrência de comunidades tais como: Indígenas, Caiçaras, Caipiras, Ribeirinhos e Quilombolas (CUNHA & ALMEIDA, 2001).

2.5 OS QUILOMBOS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

Os primeiros negros a pisarem em terras brasileiras, vieram para serem escravizados. A escravidão negra no Brasil é contemporânea à própria colonização do Brasil. Tendo esta sido utilizada para solucionar o problema da falta de índios, que sucumbiam. Então foi criado o comércio de escravos direto, entre a nova Colônia e a África (RODRIGUES, 2010).

A partir do século XVII, resistindo à opressão causada pelo processo escravista, alguns negros começaram fugir de seus proprietários, formando grupos com outros em

igual situação em locais bem escondidos e fortificados no meio das matas (LINDOSO, 2007). Nestas comunidades, eles viviam de acordo com sua cultura africana, plantando e produzindo em comunidade e passando a ser conhecidos como Quilombo (MOURA, 2006). Conforme Munanga (1996), Quilombo deriva do aportuguesamento de “Kilombo”, um vocábulo originário dos povos de língua bantu, sendo seu significado original, como um lugar de repouso utilizado por populações nômades. Na língua quimbundo significa arraial ou acampamento (SILVA, 2003). Para Vinholi Júnior (2009) a palavra Quilombo origina-se etimologicamente da palavra kiombo, da língua quimbundo, que tem entre outros significados, o sentido de povoamento, união.

No Brasil, segundo Schmitt *et al.* (2002), os Quilombos eram caracterizados exclusivamente como expressão da negação do sistema escravista, aparecendo como espaços de resistência e de isolamento da população negra.

De acordo O’Dwyer (2007), atualmente o termo Quilombo foi substituído por remanescentes de Quilombo ou Comunidades Quilombolas, que podem ser considerados, comunidades negras rurais ou com ancestralidade rural. Condição esta que conforme Schmitt *et al.* (2002) também deve enfatizar a sua condição de coletividade camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade relacionada à elementos culturais. O termo Remanescente de Quilombo é usado hoje na tentativa de representar um legado, uma herança cultural e material que lhe confere uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico (ANDRADE, 1997).

2.6 OS QUILOMBOS DA MATA ATLÂNTICA NA ZONA DA MATA MINEIRA

Para controlar as atividades auríferas das regiões das Minas Gerais, a Coroa portuguesa proibiu a abertura de novos caminhos nos chamados Sertões do Leste, atual Zona da Mata mineira (SCARATO, 2014). A mata densa que cobria esses sertões e os vários povos indígenas que povoavam se constituíam numa verdadeira barreira natural. Ao longo do século XVIII, era considerada uma zona de passagem para as minas e as sesmarias concedidas se concentravam nas margens do chamado Caminho novo (SCARATO, 2008).

Com a decadência da mineração, a região foi efetivamente ocupada, apesar da forte resistência dos índios Purís e outros que habitavam tais matas. Nas últimas

décadas do século XIX, a expressiva produção cafeeira torna a Zona da Mata à região mais rica do estado de Minas Gerais, fazendo da região uma referência de desenvolvimento do Brasil (MARTINS, 1983).

Paralelamente, o plantio de café, também ocorreu o violento e contínuo processo de destruição da floresta nativa, sendo os ocupantes principalmente os mineradores da região central do estado, que buscavam novas oportunidades. Junto com o capital obtido, trazem consigo seus cativos, o que prova o chamado comércio intraprovidencial de escravos (BARBOSA, 1972). A mão de obra escrava foi a principal forma de trabalho adotada pelas fazendas até abolição da escravatura; haviam fazendas que concentravam plantéis de até trezentos escravos. Segundo alguns historiadores, esse foi também um dos últimos redutos do escravismo no Brasil (CAMPOLINA, 1988; BOAVENTURA, 1991).

Até os dias atuais, a linguagem, a religiosidade e a música dos negros presentes na Zona da Mata, conferem com as da região central de Minas. E verifica-se sua forte influência tanto nas formações urbanas como nas áreas rurais (COSTA, 1999). A tradição dos congados, das folias de reis e outras manifestações permanecem presentes na vida dos arraiais e cidades de toda a Zona da Mata (CEDEFES, 2008).

Desde a edição da lei das terras de 1850, estas populações vêm sendo expulsas dos territórios que ocuparam após a abolição da escravatura. Dessa forma, muitas comunidades negras rurais foram desalojadas de suas terras e seus integrantes tiveram de mudar para as cidades.

De acordo com Peralta & Andrade (2011), até hoje não há certeza sobre quantas comunidades Quilombolas existem, entretanto a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR, 2012) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2012), órgãos responsáveis pela identificação, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos Quilombolas, afirmam haver atualmente mais aproximadamente 100 comunidades Quilombolas na Mata Atlântica, sendo que muitas destas ainda se encontram em processo de regularização fundiária.

2.7 CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL ENTRE QUILOMBOLAS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

Os Quilombolas podem ser considerados um dos grupos mais promissores em conhecimento ecológico tradicional, uma vez que suas formações estão diretamente relacionada a condição do uso direto da biodiversidade natural dos biomas em que estiveram inseridos (CONDE & PIMENTA, 2015).

Assim é indispensável a realização de estudos sobre o conhecimento ecológico tradicional, pois fornecem dados sobre o uso dos recursos, possibilitando à avaliação do impacto com relação ao manejo da biodiversidade local (FERNANDES-PINTO & MARQUES, 2004). Informações sobre os estoques de conhecimento, uso de recursos naturais e das atividades conexas realizadas por comunidades tradicionais, podem fornecer informações sobre o estado dessas áreas de conservação; e do conhecimento da biodiversidade local que detêm (DIEGUES & ARRUDA, 2001) e delinear estratégias para a conservação e uso sustentável da natureza local (ZANK & HANAZAKI, 2012).

2.8 A PROTEÇÃO DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL

Há muito tempo os recursos genéticos e os conhecimentos ecológicos tradicionais locais têm sido utilizados indevidamente, muitas vezes, os detentores desses conhecimentos não são consultados e não recebem nenhum benefício econômico quanto ao uso desses recursos. A Convenção sobre Diversidade Biológica estabelecida na ECO-92 e que se transformou no decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998, propôs um grupo de trabalho sobre o conhecimento ecológico tradicional que visava organizar e facilitar as discussões governamentais relacionadas ao tema. Hoje, o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN), vinculado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), vinculado ao Ministério da Cultura, tem centralizado de forma integrada o controle sobre o acesso ao conhecimento ecológico tradicional. De acordo com a Medida Provisória nº. 2.186 - 16, de 23/08/2001, o conhecimento ecológico tradicional está associado ao patrimônio genético e integra o patrimônio cultural brasileiro, podendo assim ser cadastrado, conforme dispuser o conselho de gestão ou legislação específica. Desta forma o acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos ecológicos locais associados são objetos de

autorizações estatais, para fins de pesquisa científica, bioprospecção ou desenvolvimento tecnológico, com vistas a sua aplicação industrial ou de outra natureza, visando à repartição dos bens com suas comunidades detentoras deste saber empírico possa vir a ser difundido entre o meio acadêmico.

2.9 A ETNOECOLOGIA NA AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL

Para avaliar a relação da conservação da biodiversidade com o conhecimento ecológico tradicional, tem-se a etnoecologia, que de acordo com Toledo (1992) é o estudo da avaliação ecológica das práticas e atividades que determinado grupo humano executa durante sua apropriação dos recursos naturais.

Em relação às perspectivas relacionadas à etnoecologia, pode-se dizer que esta vai muito além do simples inventário de nomes nativos de plantas ou de práticas produtivas do grupo, uma vez que esta se ocupa da avaliação dos sistemas integrados de comunidades dentro de uma lógica própria de transmissão de conhecimento e aprendizagem (CONDE & PIMENTA, 2015).

Para a etnoecologia é importante se estudar as comunidades tradicionais, por serem grupos humanos que se relacionam mais frequentemente com meio natural, sendo indispensável à compreensão do núcleo intelectual e prático dos processos culturais compartilhados, pois estes povos se apropriam da natureza, mantêm-se e reproduzem-se ao longo da história de suas existências (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2009). Sendo assim a etnoecologia também busca a compreensão da complexa inter-relação entre as crenças, os conhecimentos e as práticas culturais, que vai além do senso comum.

2.10 A ETNOECOLOGIA NA PERSPECTIVA DA ETNOBOTÂNICA

Em se considerar as comunidades tradicionais, o perfil cultural tem um significado carregado de simbologias. Estes são códigos que foram emersos de suas vivências e experiências cotidianas, e em destaque as relacionadas ao mundo vegetal, no qual essas comunidades estão em constante contato (AMOROZO, 1996). No contexto da etnoecologia e para o desenvolvimento deste acervo, tem-se a etnobotânica, que

consiste no estudo das aplicações e dos usos tradicionais dos vegetais desenvolvidas por qualquer cultura sobre as plantas (ALBUQUERQUE, 2005).

Segundo Begossi *et al.* (2002), a etnobotânica é parte integrada da etnoecologia, estuda a maneira como as pessoas se relacionam com as plantas e suas implicações ecológicas.

2.11 TRANSMISSÕES DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO TRADICIONAL

À medida que a relação com a terra se transforma pela modernização do campo e o contato com a sociedade urbana se intensifica, principalmente pelos meios de comunicação, a rede de transmissão do conhecimento ecológico tradicional vem sofrendo erosão, deixando de ser interessante para os mais jovens. Conhecer e preservar este tipo de conhecimento é uma maneira de deixar registrado um modo de aprendizado cultural e prático que interagem diretamente à identidade ambiental e as conexões relativas ao mundo natural (HINDS & SPARKS, 2008; KIESLING & MANNING, 2010; SCANNELL & GIFFORD, 2010).

Para a manutenção deste tipo de conhecimento e no contexto das comunidades tradicionais, têm-se algumas iniciativas que visam à manutenção dos conhecimentos culturais e a geração de produtos culturais locais como meio de subsistência, como a produção de livros, cartilhas, documentários audiovisuais o que vem ao encontro com a preservação dos saberes tradicionais locais e da biodiversidade, uma vez que a análise acadêmica pode subsidiar a produção de dados que podem ser utilizados como elementos estratégicos para a promoção da sustentabilidade e da conservação dos recursos naturais utilizados pelos mesmos (CONDE & PIMENTA, 2015).

2.12 QUESTÕES RELACIONADAS COM OS PLANOS DE CONSERVAÇÃO

No âmbito dos projetos voltados para a conservação da biodiversidade, geralmente não se inclui a comunicação com as comunidades locais (ETKIN & TICKTIN, 2010). Uma vez que estes utilizam diretamente os recursos naturais, quando se estabelece a comunicação e o diálogo com a população local, pode-se obter maior sucesso na implementação de tais projetos, com menor impacto entre o modo de vida tradicional no ambiente natural local (MARTIN, 1995).

Populações de plantas tropicais são frequentemente sujeitas a múltiplas fontes de perturbação antrópica às colocando em maior risco (TICKTIN *et al.* 2012). Portanto, um levantamento da utilização dos recursos vegetais, pode ajudar tanto na documentação do conhecimento ecológico tradicional, como também fornecer informações para avaliar o potencial de uso sustentável destas áreas (FONSECA-KRUEL & PEREIRA, 2009).

2.13 COMUNIDADES QUILOMBOLAS: O CASO DE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA, SÃO BENTO E COLÔNIA DO PAIOL

São Sebastião da Boa Vista (SSBV), São Bento (SB) e Colônia do Paiol (CP) são 3 comunidades Quilombolas brasileiras, inseridas em contexto de Mata Atlântica no estado de Minas Gerais, na região da Zona da Mata (Figura 1), e que desde 2010 tem contato com o departamento de Geografia e de Botânica da UFJF e que até hoje, ainda não haviam passado por um estudo etnoecológico que visasse avaliar o uso dos recursos naturais em relação à conservação de flora local.

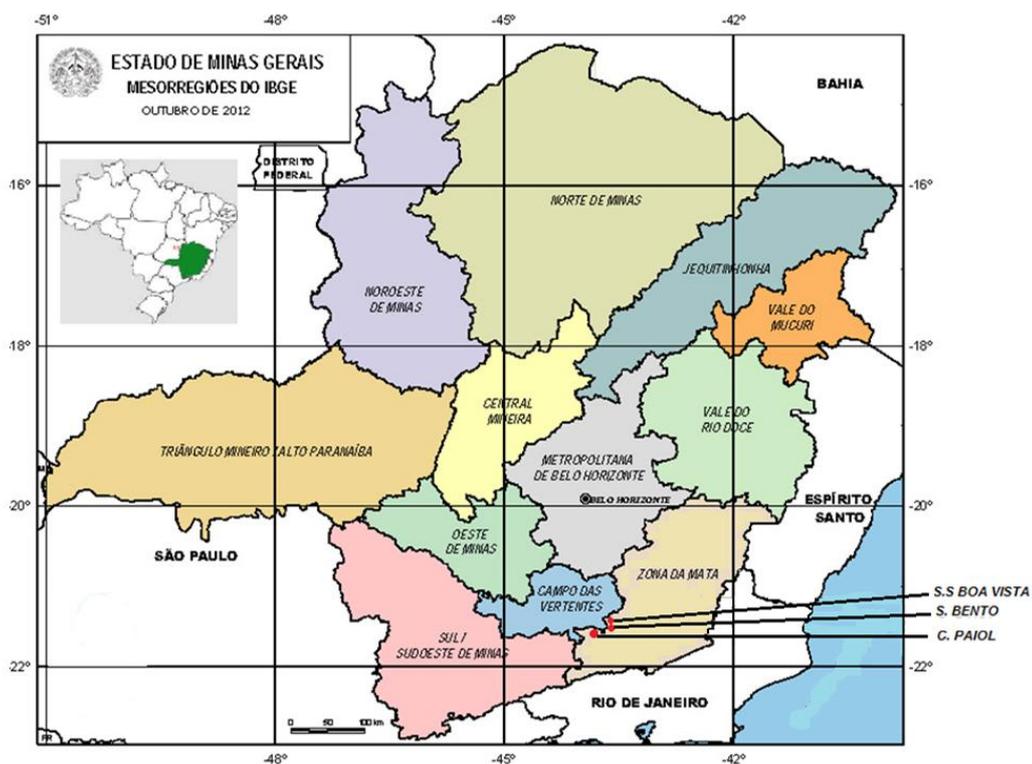


Figura 1: Mapa de Minas Gerais com divisão das mesorregiões e destaque para as comunidades de São Sebastião da Boa Vista, São Bento e Colônia do Paiol. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística através do site oficial do Governo do Estado de Minas.

SSBV e SB pertencem ao Município de Santo Dumont e CP ao Município de Bías Fortes. Estas comunidades estão inseridas numa área de relevo bastante acidentado e que segundo Ab'Saber (2003) é conhecido como complexo da Serra da Mantiqueira. Apresentam altitudes acima do nível do mar de 1000 m SSBV, 940 m SB e 840m CP, sendo suas respectivas latitudes e longitudes: SSBV (21°31'0. 24'' S e 43° 39' 30. 26''O) e SB (21° 33' 39.33 S e 43° 38' 59. 94 O) e CP (21°35'.27.82'' S e 43°43'.25.62'' O).

As comunidades estão circundadas por vegetações com predominância de pastagens e áreas de plantios de eucalipto, já que se configuram como principais atividades entre os fazendeiros vizinhos às comunidades, a produção de leite e cultivo de eucalipto. Porém também são encontrados ao entorno das 3 comunidades, diversos fragmentos florestais que estão nos limites entre as referidas fazendas e as terras Quilombolas, e que apresentam características de floresta atlântica estacional semidecidual. Em SSBV a área florestal é de aproximadamente (40.000 m²) em SB (150.000 m²) e em CP, não foi possível estabelecer a área, uma vez que o acesso às florestas não é autorizado.

Segundo Sebrae-MG (1999) a área onde estão localizadas as referidas comunidades, apresentam clima caracterizado por duas estações diferenciadas: uma de outubro a abril, com temperaturas mais elevadas e maiores precipitações, e outra de maio a setembro, cujas temperaturas são mais brandas e quando ocorrem estiagens onde a seca é curta e dura de 2 a 3 meses, coincidindo com o inverno. Ainda segundo Sebrae-MG (1999) o índice pluviométrico varia em torno 1 500 mm, sendo temperatura média anual de aproximadamente 20°C, sendo que a média das máximas é de 21°C e a das mínimas, de 19°C.

2.13.1 Acesso às comunidades

Quanto ao acesso à comunidade de São Sebastião da Boa Vista e São Bento, este se dá por estrada de chão, que se inicia em Santos Dumont, passando pela comunidade de Nova Dores do Paraíbuna e a leste da represa de Chapéu D'Úvas. Em um entroncamento final e indicado por placas, seguindo à direita ou norte, a 3 km encontra-se a comunidade de São Sebastião da Boa Vista e à esquerda ou sul, a 2 km, encontra-se a comunidade de São Bento. A condução dos moradores destas comunidades a Santos

Dumont, geralmente é feita através de ônibus coletivos urbanos, oferecidos em dois horários em dois dias da semana. Para se chegar à Colônia do Paiol o acesso mais breve se dá a partir de Bias Fortes por uma estrada de chão de aproximadamente 5 km e que é comumente conhecida como “estrada do quilombo” seguindo em direção à comunidade de Serraria. A principal condução dos mesmos ocorre por ônibus coletivo urbano oferecido diariamente em dois horários, além de automóveis e motos pertencentes a alguns membros da comunidade. As comunidades estão equidistantes 18 km, através da estrada de acesso entre os extremos de São Sebastião da Boa Vista e Colônia do Paiol, estando São Bento entre elas, e distando 5 km de São Sebastião da Boa Vista e 13 km de Colônia do Paiol (Figura 2).



Figura 2: Vista superior das comunidades por satélite Cnes/ Spot Image, com marcação em vermelho para o caminho de acesso que as comunicam. Créditos de Imagem: *Google Earth 2016*; e Amanda Surerus Fonseca.

2.13.2 Aspectos de São Sebastião da Boa Vista

A comunidade de SSBV (Anexo 6) tinha como líder comunitário e presidente da associação de moradores o Sr. Joaquim da Silva, falecido ao final de 2015. SSBV foi reconhecida como remanescente de quilombo a partir da publicação no diário oficial da união na seção 1/ n° 221 de 19 de novembro de 2009 e registrado no livro de n°11, registro n°1167 folha 183 (Anexo 1).

A Igreja de São Sebastião da Boa Vista é considerada um ponto de referência local, onde os moradores costumam se reunir para missas que são celebradas mensalmente por um padre vindo da paróquia da arquidiocese de Santos Dumont. As casas da comunidade estão concentradas ao entorno de sua igreja e de seu pátio central. Atualmente a comunidade conta com 36 casas e 98 moradores. Possui uma escola que oferece o ensino fundamental I, um galpão onde é a sede da associação dos moradores da comunidade, além de espaços comuns como o campo de futebol e um pátio usado nas festas promovidas na comunidade. Também conta com uma venda, que oferece bebidas alcoólicas e não alcoólicas, e também alguns poucos itens de higiene e alimentação. A comunicação é feita por um orelhão público, além de dois outros telefones celulares rurais, pertencentes a membros da comunidade. Alguns itens alimentares ainda são cultivados e produzidos na comunidade, porém a grande maioria é comprada. Compras de armazém geralmente são feitas através de um comerciante ambulante móvel, que atende à comunidade há aproximadamente 10 anos. Geralmente os moradores fazem suas listas de compras e as repassam para o Sr. Joaquim, que se encarrega de solicitar por telefone ao comerciante que todas as sextas às 18h faz a entrega das encomendas na sede da associação de moradores da comunidade.

2.13.3 Aspectos de São Bento

A comunidade de SB (Anexo 7) têm como líder comunitário o Sr. Alberto do Nascimento. Ainda não fora reconhecida como remanescente de quilombo, e no atual momento existe a manifestação formal da comunidade que fora enviado e protocolada nos órgãos competentes: Fundação Cultural Palmares e Ministério da Cultura. Tal processo encontra-se no período de análise.

A Igreja de São Bento é o ponto de referência da comunidade, local esse que os moradores costumam se reunir para missas que são celebradas mensalmente por um padre vindo da paróquia da arquidiocese de Santos Dumont e também para demais reuniões ocasionais. Suas casas encontram-se espalhadas em um raio de até 6 km, o que a torna uma comunidade pouco convencional já que muitas das casas da comunidade ficam isoladas e com difíceis acessos, os quais geralmente são feitos por trilhas. Atualmente a comunidade conta 22 casas, sendo 2 delas vazias, e apresenta um total de 85 moradores. Possui uma escola que apesar de bastante mal conservada, conta com

turmas de ensino fundamental I, além de algumas áreas comuns como, um campo de futebol e algumas áreas de plantio de milho, feijão, mandioca e determinadas hortaliças. Alguns itens alimentares ainda são cultivados e produzidos na comunidade, porém a grande maioria é comprada. Compras de armazém ocasionalmente são feitas através de um comerciante ambulante móvel, já que o mesmo comerciante atende preferencialmente à comunidade de São Sebastião da Boa Vista e quando há espaços em seu automóvel, então se atende a comunidade de São Bento, que solicita suas encomendas a partir do Sr. Alberto que se encarrega de entrar em contato com tal comerciante. Eventualmente o Sr. Alberto recolhe a lista de itens de armazém solicitados pela comunidade e vai até a cidade de Santos Dumont, onde faz as referidas compras. A comunicação geralmente é feita por um celular rural pertencente a um membro comunitário.

2.13.4 Aspectos de Colônia do Paiol

A comunidade de Colônia do Paiol (Anexo 8) tem como presidente da associação de moradores a Sra. Nivalda de Fátima. Foi reconhecida como comunidade remanescente de quilombo a partir da publicação no diário oficial da união na seção 1/ nº 99 de 25 de maio de 2005 e registrado no livro de nº02, registro nº108 folha 12 (Anexo 2).

Não muito diferente das comunidades de SSBV e SB, a comunidade de CP também têm como ponto de referência sua Igreja de Nossa Senhora do Rosário, local onde os moradores costumam se reunir para missas que ocorrem eventualmente por um padre vindo de Bias Fortes. As casas da comunidade estão mais concentradas ao entorno de uma rua sendo algumas delas mais afastadas. Atualmente a comunidade conta com 95 casas e 510 moradores. Possui uma escola que oferece o ensino fundamental I, uma casa onde é a sede da associação dos moradores da comunidade e um campo de futebol. Também conta com três vendas, que oferecem bebidas alcoólicas e não alcoólicas, e também alguns itens de higiene e alimentação. A comunicação é feita através de dois orelhões públicos, além de celulares rurais pertencentes a membros da comunidade. Alguns itens alimentares ainda são cultivados e produzidos na comunidade, porém a grande a maior parte é comprado. Compras de armazém geralmente são feitas na cidade de Bias Fortes.

2.13.5 Acesso à saúde via sistema formal SUS

O atendimento à saúde dos moradores de SSBV e SB é feito pela unidade básica de saúde da comunidade vizinha, Dores do Paraíbuna, ou pelas unidades básicas de Saúde e hospitais do município de Santos Dumont. Já CP é atendida pelas unidades básicas de saúde do município de Bias Fortes e por um posto de saúde que funciona periodicamente com médicos da família que são enviados pela prefeitura de Bias Fortes.

2.13.6 Aspectos etnohistóricos

Na ausência de registros históricos sobre das comunidades em questão, buscou-se através de relatos informais dos moradores mais velhos da comunidade, confeccionar um breve registro etnohistórico.

2.13.7 História de São Sebastião da Boa Vista

O povoado da comunidade São Sebastião da Boa Vista se originou em meados do século XVIII com a vinda de descendentes de escravos que trabalhavam em regime de semiescravidão em fazendas da região, com o passar do tempo, a localidade ficou conhecida como Corujas e recentemente São Sebastião da Boa Vista. A base econômica e de sustentação da comunidade até hoje é a agropecuária, porém atividades como o cultivo de feijão, arroz e café que eram bastante comuns, hoje não ocorrem mais.

São consideradas como as famílias mais antigas da comunidade: Mendes, Silva, e Ferreira; sendo a família Silva a mais numerosa.

Os antepassados contavam que em tempos remotos a comunidade teve crescimento com o trabalho braçal e artesão, destacando o morador João Rodrigues Mendes, popular João Pires, que fazia esteira de carro de boi, balaio para a colheita de milho e berço para criança.

Também são citados como nomes de destaque na memória: Antônio Rodrigues Mendes, tropeiro; Dona Josefa Joaquina Mendes, grande conselheira e conhecedora de remédios caseiros, feitos com ervas plantadas nas hortas ou retiradas na mata; O senhor Antônio Inácio da Silva, homem brincalhão, e sua esposa, Maria

Geralda da Silva, grande parteira e benzedeira; O senhor Wlisses Mendes, grande colaborador na construção da comunidade; O senhor José Teodoro da Silva, retireiro, carreiro, carpinteiro, e sua esposa dona Conceição, doadores do terreno em que a capela local foi construída.

2.13.8 História de São Bento

A comunidade de São Bento possui aproximadamente 150 anos. Os nomes dos moradores mais antigos são Joaquim Inácio, José Inácio, Sebastião José Aleixo, João Ferreira Dias e José Hananias, que trabalhava tirando leite na fazenda do fazendeiro José Custódio. Estes são avós de muitos dos atuais moradores da comunidade e trabalhavam como escravos para os fazendeiros da região. Os mais importantes eram José Custódio e Júlio Marinho. A família mais antiga é a Nascimento, vindo depois dos Silva. Os primeiros moradores eram escravos dos fazendeiros que montaram em meados dos anos de 1940 algumas fábricas de queijo e laticínios nas redondezas, as quais fizeram com que no período pós-escravatura, alguns moradores da comunidade começassem a ter seus primeiros empregos remunerados.

É relatado na comunidade que a lei Áurea de 1888, não mudou a realidade no local, pois os escravos continuaram a ser explorados por mais de 60 anos, trabalhando para os mesmos fazendeiros locais e sem remuneração. Alguns trabalhavam de sol a sol para receber farinha e rapadura como pagamento, outros trabalhavam pelo direito de plantar nas terras dos fazendeiros da região. Os escravos recebiam um preço o qual era dado de acordo com a grossura das suas canelas. As pessoas que tinham a “canela mais fina” eram vendidas por um preço maior do que as pessoas que tinham “canela mais grossa”. Segundo relato de alguns moradores a escravidão perdurou até 1965.

A comunidade foi nomeada aproximadamente em 1930 durante a construção da primeira capela para orações dedicadas a São Bento. O nome foi dado pelo fazendeiro José Custódio, homem muito devoto que percorrendo à cavalo as trilhas de cavaleiros com alguns escravos, disse que batizaria a comunidade de Vera Luz de São Bento, pois este era o santo padroeiro dos trabalhadores do campo e lhes protegeria das cobras que viviam nos pastos e caminhos da comunidade. A construção era de pau a pique e barro e foi erguida pelos próprios moradores.

A construção da Igreja foi um marco para a comunidade. O padre que ministrava as missas na época se chamava Frei Gilberto e a fundação recebeu benção do Frei João. Havia 27 casas, oriundas de ramos de 4 famílias principais. O terreno foi doado por um fazendeiro, e através de várias festas juntamente com os dízimos da comunidade, conseguiram comprar os materiais para a construção da Igreja.

Existe uma escola de Ensino Fundamental na qual estudam as crianças mais novas, as crianças mais velhas estudam em Nova Dores e Santos Dumont e o transporte é concedido pela Prefeitura. O local não possui orelhão e a comunicação dos moradores é feita por celulares rurais. Antigamente os moradores participavam de um grande encontro de comunidades rurais e negras da região no dia 20 de novembro, mas com o passar do tempo abandonaram essa tradição.

2.13.9 História de Colônia do Paiol

A comunidade de Colônia do Paiol teve sua origem na segunda metade do século XIX. Sua história é associada a nove escravos que foram libertados e receberam terras doadas pelo fazendeiro José Ribeiro Nunes, que alforriou seus escravos antes da Lei Áurea, em 1888, conforme testamento existente no arquivo público do fórum de Barbacena, Minas Gerais.

Atualmente os herdeiros dos antigos cativos pertencem às quartas gerações. Somente uma mulher chamada Maria Quirina, falecida recentemente aos 105 anos, parece ter sido herdeira direta de um dos fundadores.

As representações comunitárias trabalham para garantir a melhoria contínua da comunidade. Esse trabalho coletivo é tido como sendo essencial para a construção de uma escola e da Igreja. Os laços solidários são visíveis, uma vez que na situação de uma família estar passando por dificuldades, estes são resolvidos com o auxílio dos demais membros da comunidade.

As tradições da comunidade, como o relato de sua fundação, a Congada e o Jongo, são mantidas pela oralidade. Esses costumes são perpetuados de geração em geração.

As principais festas promovidas pela comunidade ocorrem no dia da Consciência Negra, 20 de novembro, de Nossa Senhora do Rosário, 7 de outubro, e das

Mães no segundo domingo de maio. Os habitantes da comunidade participam também da festa da padroeira, Nossa Senhora do Rosário, em Bias Fortes.

Existem na comunidade grupos organizados de Congado, terno de folia de Reis, Maculelê e Associação das Mães.

2.13.10 Ocupação da Paisagem

Em SSBV e SB, os quintais caseiros e as florestas locais, são as principais fontes de obtenção de recursos para o suprimento de suas necessidades, entretanto em CP, as florestas, apenas não mais são acessadas, por imposição dos fazendeiros locais que vieram a tomar posse arbitrariamente de espaços que historicamente pertenciam aos Quilombolas, fazendo com que os quintais domésticos tornem-se a única fonte de recursos, com plantio de espécies frutíferas e hortaliças.

2.13.11 Pai Tudo

Nos anos de 1930, em uma comunidade chamada Mantiqueira, próxima a SSBV, aproximadamente 3 km e a SB, aproximadamente 6 km, residiu um escravo e benzedor, especialista em curar picadas de serpentes, chamado pelos moradores da região como “Pai Tudo”. Apesar de ser bastante conhecido em SSBV e em SB, ele foi considerado um marco histórico local apenas em SSBV. Foram atribuídos a ele inúmeros poderes, tendo sido usado para qualificá-lo, os seguintes termos: curador de picada de cobras, curandeiro, macumbeiro, feiticeiro, benzedor, curandeiro espiritual, mágico, bruxo, homem capaz de trazer o bem e o mal, leitor de pensamento, homem onipresente, homem de sete vidas e ventania brava. Pai Tudo também foi relatado como sendo o grande disseminador do conhecimento ecológico tradicional local em SSBV.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO PRINCIPAL

Avaliar o conhecimento ecológico tradicional quanto a sustentabilidade de flora nas comunidades Quilombolas de São Sebastião da Boa Vista, São Bento e Colônia do Paiol, para subsidiar posterior plano de manejo.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Elencar as espécies relevantes com base em seus usos locais;
- 2) Avaliar a vulnerabilidade das espécies elencadas;
- 3) Correlacionar conservação da flora com sua importância cultural.

4 HIPÓTESE

Espera-se que a importância cultural contribua para um manejo sustentável. Uma vez que estas comunidades Quilombolas dependem das florestas como fontes de matéria prima, promovendo maior vulnerabilidade para aquelas que sofrem maior incidência do uso

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 ÁREA DE ESTUDO

O Recorte espacial em que se configura o estudo recai sobre as comunidades Quilombolas de: SSBV (Figura 3), SB (Figura 4) e CP (Figura 5), que foram escolhidas por já possuírem vínculo prévio com o Departamento de Geografia da UFJF.



Figura 3: Comunidade São Sebastião da Boa Vista. A: Vista sobre a comunidade; B: Moradores em momento festivo; C: Moradores em seus cotidianos; D: Igreja de São Sebastião da Boa Vista; E: Casa ao estilo comum na comunidade em vista externa; F: Sala de estar de casa de um morador da comunidade. Crédito de imagem: Bruno Esteves Conde.



Figura 4: Comunidade São Bento. A: Vista sobre a comunidade; B: Moradores conversando em sala de estar; C: Moradores posando para fotos; D: Igreja de São Bento; E: Moradora posando para foto em frente à sua casa; F: Fogão comum das casas locais. Crédito de imagem: Bruno Esteves Conde.



Figura 5: Comunidade Colônia do Paiol. A: Vista frontal da comunidade; B: Casa com parabólica da comunidade; C: Moradores em seus cotidianos; D: Igreja de Nossa Senhora do Rosário; E: Entrada de uma casa ao estilo comum da comunidade; F: Avó e neta Quilombola. Crédito de imagens: Bruno Esteves Conde.

5.2 COLETA DE DADOS

5.2.1 Contato preliminar

Para cada comunidade estudada, foram realizadas 10 inserções à campo, entre os meses de março e dezembro de 2012 com duração de um dia cada. A cada encontro foram realizadas visitas domiciliares e reuniões com as respectivas associações de moradores.

As visitas domiciliares (Figura 6) foram conduzidas na companhia de um informante chave, o que de acordo com Albuquerque *et al.* (2010), é alguém de influência no contexto da comunidade e que seja selecionado para contribuir mais ativamente na pesquisa. No caso do presente estudo, formou-se o grupo dos informantes chaves com os moradores mais influentes, sendo estes, os presidentes das associações de moradores de CP e SSBV, D. Nivalda e Sr. Joaquim respectivamente, enquanto que em SB com foi líder comunitário Sr. Alberto.



Figura 6: Visitas informais realizadas nas casas das comunidades. A: São Sebastião da Boa Vista; B: Colônia do Paiol; C e D: São Bento. Crédito de imagens: Amanda Surerus Fonseca.

Foram realizadas visitas em todas as casas das comunidades. Durante as visitas, foram aplicadas às técnicas de entrevistas informais (BERNARD, 2006), onde através de conversas livres, registraram-se em diários de campo (SILVA, 2000) os principais pontos abordados durante as entrevistas, tais como: histórias de vida e abordagens sobre os maiores entendedores e/ou usuários da flora local, e que, no presente trabalho serão denominados de especialistas (ZANK & HANAZAKI, 2012).

No intuito da realização de consequente estudo etnoecológico na perspectiva da etnobotânica, foram realizadas ao término de cada dia de inserção, reuniões na sede das associações de moradores das comunidades (Figura 7), junto a representantes das associações e demais moradores. Durante as reuniões foram apresentados os principais objetivos do trabalho, onde os moradores puderam discutir e avaliar os possíveis benefícios e consequências caso viessem a aceitar participação no estudo. No último encontro, foi apresentado um termo de anuência prévia, previsto com fins de autorização para a realização de estudos em comunidades tradicionais diante ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Com a concordância unânime da comunidade, os presidentes das associações assinaram o documento que foi enviado para avaliação e consequentemente emissão da autorização pela publicação registrado no Diário Oficial da União do dia 3 de fevereiro de 2013 e processo de nº 01450.010839/2012-62 (Anexos 3 e 4).



Figura 7: Reuniões nas sedes das associações de moradores, entre pesquisadores e moradores. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; C e D: Colônia do Paiol
Crédito de imagens: Bruno Esteves Conde

5.2.2 Aproximação aos membros das comunidades

Como forma de aproximação entre os pesquisadores e os membros das comunidades envolvidas, entre os dias 23 e 27 de outubro de 2012, realizou-se no campus da Universidade Federal de Juiz de Fora o evento intitulado “Kizomba Namata”, organizado pelos professores Daniel Sales Pimenta (Departamento de Botânica/UFJF), Leonardo Oliveira Carneiro (Departamento de Geografia/UFJF), doutorando Bruno Esteves Conde (Departamento de Botânica/UFJF), executor da presente tese, juntamente com os demais colaboradores envolvidos na pesquisa. Neste evento foram reunidas as comunidades Quilombolas de São Sebastião da Boa Vista, São Bento e Colônia do Paiol, juntamente com outras comunidades Quilombolas da Zona da Mata. Foram então promovidas discussões sobre a identidade e demarcação de terras de comunidades quilombolas além com o esclarecimento de alguns temas como a inserção dos jovens destas comunidades às universidades. Fizeram parte da programação,

conferências, diálogos direcionados, oficinas, exposição de fotografias e apresentações culturais com o objetivo de valorizar a cultura quilombola (Figura 8).



Figura 8: Cartaz do evento Kizomba Namata com programação; A: Interação entre as comunidades; B: exposição fotográfica sobre as comunidades. Crédito de imagens: Bruno Esteves Conde.

5.2.3 A coleta de dados etnoecológicos na perspectiva da etnobotânica

Os dados foram coletados através de entrevistas com especialistas locais ou maiores conhecedores de plantas das respectivas comunidades, em que o método bola de neve (BERNARD, 2006) foi empregado, de forma em que um especialistas local, indicava os possíveis outros conhecedores de plantas das comunidades.

Formulário semi-estruturados (Anexo 5) foram aplicados com todas as pessoas que foram indicadas como especialistas locais (ALEXIADES, 1996) das

referidas comunidades (Figura 9). Para a complementação dos dados, também utilizou-se do método "entrevista / artefato" (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004) que incidu sobre a argumentação sobre as espécies botânicas que eram utilizadas como matéria prima para a confecção de artesanatos que eram vistos no interior das casas.



Figura 9: Coleta de dados etnoecológicos na perspectiva da etnobotânica nas comunidades; A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol. Crédito de imagens: Aline Moreira Siqueira.

Foram realizadas 7 entrevistas semi-estruturadas em SSBV (2 homens e 5 mulheres), 6 em SB (2 homens e quatro de mulheres), e 8 em CP (1 homem e 7 mulheres).

5.2.4 Qualificação dos dados por grupos focais

Para triangular os dados coletados através das entrevistas com a aplicação dos formulários semi-estruturados, então foram realizados “grupos focais”. A partir de reuniões de um dia inteiro em cada comunidade, em que se convocaram todos os moradores (RESSEL *et al.* 2008). Nessas reuniões, foram discutidos os usos de cada uma das espécies botânicas relatadas em fase anterior com a exposição de imagens referentes às espécies já identificadas (Figura 10). Os participantes confirmaram os usos e nomes vernaculares e discutiram abertamente, por até uma hora, as plantas usadas para cada finalidade conforme categorizados na Tabela 1 (GALEANO, 2000).



Figura 10: Encontros focais, realizados em A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento. Crédito de imagens: Leonardo de Oliveira Carneiro.

Os dados recolhidos durante os grupos focais foram comparados com os dados coletados por meio de formulários semi-estruturados, de forma em que as imagens de fotos e vídeos das espécies coletadas foram apresentados aos participantes, a partir de então confirmaram-se os nomes vernaculares, os usos, e as formas de coleta.

Tabela 1: Usos de plantas pelos *Quilombolas* de São Sebastião da Boa Vista, de São Bento e de Colônia do Paiol – (Listagem por categorias adaptadas de Galeano, 2000).

Categoria de uso	Tipos de usos
Alimentar	Palmitos Folhas frutos e flores, consumidos crus ou cozidos Frutos usados para produção de bebidas alcoólicas Frutos comestíveis Temperos
Construção	Fundação de casas Assoalho Esteios Engradamento Palhas para cobertura
Combustível	Produção de fogo para diversos fins
Medicinal	Remédios diversos preparados
Ornamental	Cultivadas para o embelezamento da casa ou do ambiente *(Neste caso, não há coleta)
Ritualística	Banho para descarregar o corpo de energias ruins Proteger a casa
Tecnológica	Confecção de canga Utensílios para pescaria Móveis Cabos de ferramentas em geral Produção de mourões e cercados

5.3 COLETA BOTÂNICA E HERBORIZAÇÃO

Após a obtenção dos dados etnoecológicos/ etnobotânicos, espécies férteis foram coletados *in vivo* (PAVAN-FRUEHAUF, 2000) através do método “Walking in the wood” (PHILLIPS & GENTRY, 1993) com os entrevistados conduzindo os pesquisadores até o local principal de coleta da respectiva espécie (Figura 11). O material então fora coletado, armazenado pelo método molhado (Alexiades, 1996), seco em estufas e posteriormente herborizados. A identificação das espécies foram realizadas por especialistas da UFJF e também por especialistas parceiros. Os números de registo ou *voucher* foram obtidos junto ao Herbário Leopoldo Krieger - CESJ da UFJF. As atuais nomenclaturas de espécies botânicas e suas respectivas famílias foram revisadas em www.theplantlist.org. Desta forma a Família Asteraceae foi considerada Compositae por exemplo.



Figura 11: Coleta botânica através do método “Walking in the Wood”; A e B: São Sebastião da Boa Vista; C e D: São Bento; E e F: Colônia do Paiol. Crédito: Amanda Surerus Fonseca

As espécies não férteis foram coletadas, no entanto suas identificações foram obtidas por comparação com amostras do Herbario CESJ e com registros de imagens do Herbário Virtual do Muséum National d'Historie Naturelle, Royal Botanical Gardens, Missouri Botanical Garden.

Para as espécies em que não se foi possível coletar amostras, o método “check-list” (CONDE *et al.* 2014) foi realizado, de forma que fotografias de espécies botânicas do acervo do Laboratório de Etnobotânica da UFJF foram mostrados aos entrevistados no momento da realização dos grupos focais, para que eles pudessem confirmar quais eram as espécies citadas nas entrevistas.

5.4 ESTABELECIMENTO DE ESPÉCIES NATIVAS E ESTADOS ATUAIS DE CONSERVAÇÃO

Para o estabelecimento de estratégias metodológicas que visassem a conservação de flora local, então priorizou-se a avaliação do estudo voltado para espécies consideradas nativas para para o bioma local de Mata Atlântica. Então realizou-se pesquisa bibliográfica para o estabelecimento das espécies nativas e seus estados atuais de conservação. Para tal utilizou-se dos seguintes manuais: Flora brasiliensis (2014), Lista de Espécies da Flora do Brasil (2014) e Stehmann *et al.* (2009).

5.5 ANALISES QUANTITATIVAS

5.5.1 Índice de diversidade e de equitabilidade

Para avaliar a homogeneidade do conhecimento e diversidade do conhecimento etnoecológico/ etnobotânico para cada uma das comunidades estudadas, foram utilizados, o índice de equitabilidade de Pielou (EI) e o índice de diversidade biológica de Shannon-Wiener (IDB) (BEGOSSO, 1996). Esses índices comumente usados em ecologia foram adaptados para a etnobotânica, visando avaliar a uniformidade e a diversidade de conhecimento etnoecológico/ etnobotânico de um determinado grupo humano. Estes índices foram calculados com base em todas as espécies levantadas, sem distinção entre nativas e exóticas. Para tal utilizou-se do software Past v.134 (HAMMER *et al.* 2001) sendo as equações abaixo (EI e IDB, respectivamente) utilizadas para os respectivos cálculos:

Índice de diversidade: $H' = -\sum P_i \log P_i$

Onde: $P_i = n^i/N$

$H' = IDB$

n^i = apenas citações de espécies através de entrevistas semi estruturadas

N = total de citações

Índice de equitabilidade: $J' = H'/H' \text{ max}$

$IDB = H'$

$H' \text{ max}$ = (logaritmo de base natural) do total do número de espécies

Levando-se em conta o EI e o IDB, comparou-se o conhecimento ecológico tradicional a demais comunidades tradicionais brasileiras. Levou-se em conta, 18 estudos realizados anteriormente, em que foram obtidos índices respectivos. Tais trabalhos foram encontrados em bancos de dados tais como: Google Scholar, Scopus, e Scielo, onde se utilizou as palavras chave para busca: “índice de diversidade biológica” e “etnobotânica”.

5.5.2 Avaliação de floresta local por associação dos índices de: importância cultural/prioridade de conservação/ valor em relação ao uso

Para uma melhor avaliação da área florestal local, alguns índices foram aplicados para as espécies de ocorrência florestal e de origem nativa. No caso do presente trabalho apenas foram consideradas as comunidades de SSBV e SB, uma vez que em CP, as florestas locais restantes não são mais acessadas pelos moradores da comunidade.

Para a avaliação da importância cultural em relação conservação das espécies, foi utilizado o índice de significância cultural (ISC), (SILVA *et al.* 2006).

Índice de significancia cultural: $ISC = \Sigma (i \times e \times c) \times CF$

i = manejo de espécies (variando entre 1 e 2. Sendo 2 = cultivadas ou gerenciado)

e = uso preferencial (variando entre 1 e 2. Sendo 2 = preferencial para um uso particular)

c = frequência de utilização (variando entre 1 e 2. Sendo 1 = pouco citada; no caso do presente trabalho, são as que foram citadas por menos de duas pessoas)

CF = fator de correção (citações da espécie x / citações da espécie mais citada)

* (i x e x c) = devem ser calculados para cada categoria de uso

Esse índice foi relacionado ao índice de prioridade de conservação, que será descrito em seguida, no intuito de estabelecer alguma relação entre os aspectos culturais e os conservacionistas nas comunidades de SSBV e SB.

No Brasil, é raro encontrar trabalhos que visam avaliar a relação da conservação da biodiversidade através do conhecimento ecológico tradicional em comunidades Quilombolas, entretanto recentemente Crepaldi & Peixoto (2010), avaliaram a abundância de espécies em florestas e na forma de gestão específica em comunidade Quilombola no estado do Espírito Santo, Brasil.

Fora do Brasil, Hoffman (2009) estudou uso de plantas tropicais da floresta por uma comunidade Quilombola no Suriname, com implicações para a conservação biocultural. Já Austin-Ragosta (2012), estudou as influências históricas sobre o desenvolvimento do conhecimento dos Quilombolas jamaicanos e a conservação da biodiversidade em relação à etnomedicina.

No caso do presente estudo, priorizou-se a avaliação do estado de conservação das espécies de plantas florestais e nativas utilizadas pelas comunidades de SSBV e SB, através da interação da associação de ferramentas metodológicas.

Para uma melhor avaliação das espécies contidas nas florestas locais em relação à densidade das espécies e suas formas de coleta, utilizou-se o índice de prioridade de conservação (IPC) (DZEREFOS & WITKOWSKI, 2001), que leva em conta a realização de parcelas em meio às florestas locais para o cálculo da densidade para cada espécie. Foram realizadas 10 parcelas de 10 m x 10 m (totalizando 0,1 hectare), que foram estabelecidas nas florestas que cercam as duas comunidades (ESPÍRITO SANTO *et al.* 2005). Os locais de realização dos pontos parcelas foram escolhidos por "amostragem preferencial" (ARAÚJO & FERRAZ, 2010), em que os especialistas locais, conduzem os pesquisadores às áreas, que segundo eles são as de maior

disponibilidade de suas matérias primas e que foram descritas como sendo as de maior incidência de coleta. Os mesmos especialistas locais foram solicitados a identificarem todas as espécies contidas internamente aos pontos parcelas (PHILLIPS & GENTRY, 1993) (Figura 12). Foram coletadas partes botânicas de todas as espécies amostradas (CREPALDI & PEIXOTO, 2010) *in vivo* (PAVAN-FRUEHAUF, 2000), além da realização de registro de imagem (FONSECA- KRUEL & PEIXOTO, 2004) como meio de produção de material complementar no processo de identificação por comparação com espécies contidas no Herbário CESJ (CONDE *et al.* 2014).

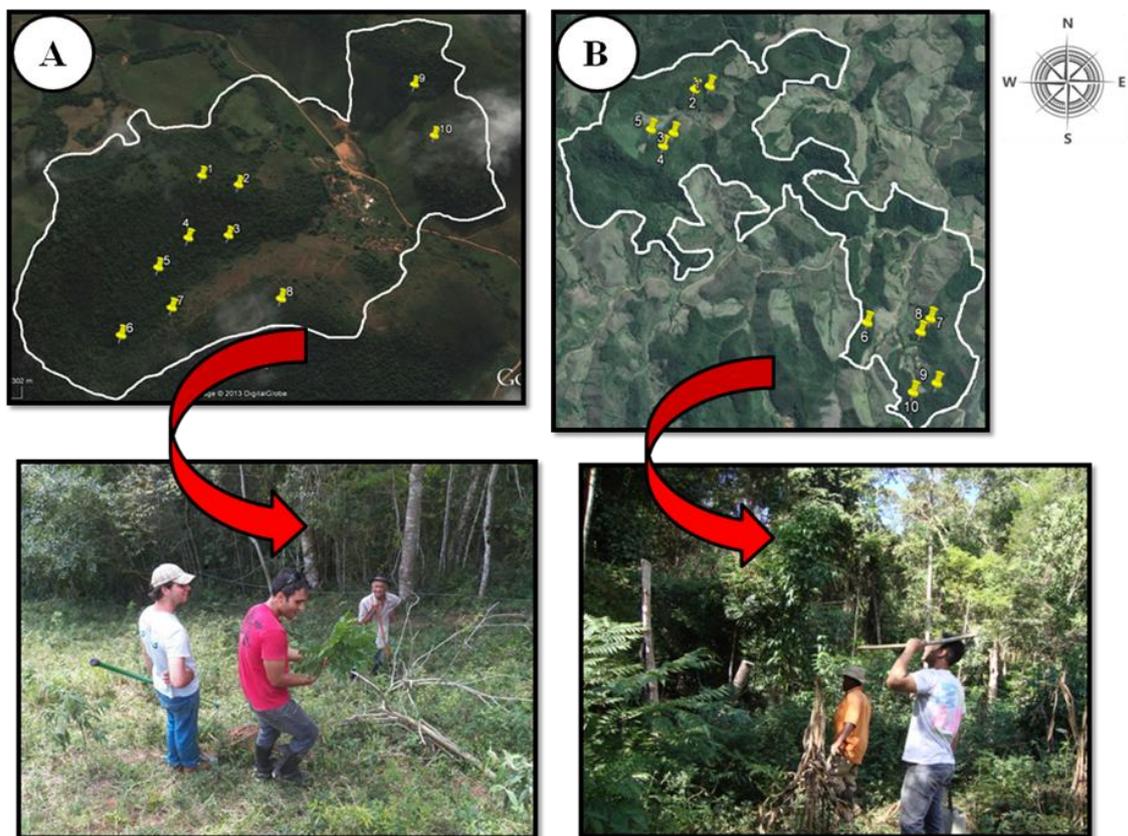


Figura 12: Imagens aérea através de *Google earth* com marcações em amarelo das parcelas e em branco os limites das comunidades: A: São Sebastião da Boa Vista; e B: São Bento. Crédito de imagem: Amanda Surerus Fonseca.

O IPC foi pontuado de acordo com a Tabela 2 e calculada usando a fórmula que se segue:

$$\text{Índice de prioridade de conservação: IPC} = 0,5 (B) + 0,5 (RU)$$

Em que:

B = valor biológico

RU = Risco de utilização

Onde:

$$B = Dr \times 10 \quad Dr = (N / ni) \times 100$$

N = indivíduos da espécie x

ni = indivíduos de todas as espécies amostradas

$$RU = 0,5(C) + 0,5(U) \times 10$$

U = Valor sobre o uso. Este é determinado pelo valor mais alto entre L e Div.

Tabela 2: Critérios de pontuação usados para determinar as espécies prioritárias para conservação (adaptado de Dzerefos & Witkowski, 2001).

	Critério	Pontuação
(Dr) Densidade relativa	Ocorrência entre 0 e 1 ou demasiado baixo	10
	Ocorrência entre 1,1 e 3,5, ou baixa	7
	Ocorrência entre 3,6 e 7, ou médio.	4
	Ocorrência acima de 7 ou moderado ou alto	1
(C) Risco de coleta com base na parte botânica coletada	A remoção do espécime, de descendentes, excluindo possibilidade de perpetuação da espécie.	10
	Remoção de estruturas perenes, sem morte, mas influenciando ativamente no crescimento vegetativo ou de floração e perpetuação das espécies. Ex: órgãos botânicos que caem em abundância naturalmente e periodicamente, tais como alguns frutos.	7
	A remoção de partes aéreas permanentes sem morte e influencia apenas no crescimento vegetativo e a produção energética	4
	A remoção de partes aéreas transitórios sem influência direta sobre o ciclo de vida das espécies.	1
(L) Uso local, com base na frequência de citação	Entre 10 e 20%, o seu uso é considerado moderadamente elevado.	7
	Até 10%, a sua utilização é considerado moderadamente baixo.	4
	Apenas mencionado em entrevistas	1
(Div) Diversidade ou multiplicidade de uso atribuído à espécie	Para cada uso, adicione 1,42 para o valor Div.	máximo 10

As espécies analisadas foram classificadas em três grupos:

Categoria 1 (espécies com pontuação ≥ 85); correm risco de se extinguir no local e têm prioridade de conservação, não devendo mais serem coletadas enquanto não sejam tomadas precauções adequadas ou um plano de manejo específico voltados para estas;

Categoria 2 (espécies com pontuação entre 85 e 60); eles podem ser moderadamente recolhido;

Categoria 3 (espécies com pontuação ≤ 60); eles são adequados para a recolha.

Como um indicador adicional de pressão sobre as espécies nativas, o Índice de valor em relação ao uso (IVU) (PHILLIPS & GENTRY, 1993) adaptada por Lucena *et al.* (2013), foi calculado através da fórmula:

$$VU = \Sigma U/n$$

Onde:

VU = Valor em relação ao uso de uma espécie X.

U = Número de usos da espécie X mencionados.

n = Número total de informantes entrevistados.

Lucena *et al.* (2013) afirmam que o IPC é o índice mais eficiente para identificar espécies raras e impactadas em relação à vegetação local, no entanto o IVU pode ser adicionalmente utilizado para identificar as espécies mais conhecidas e usadas, contribuindo para o diagnóstico de uma maior incidência de uso.

Justifica-se a utilização de tal conjunto metodológico apenas para as comunidades de SSBV e SB, pelo fato de que são as únicas comunidades dentre as estudadas que ainda utilizam a floresta. No caso da comunidade de CP, o espaço florestal das proximidades e que historicamente eram áreas de acesso frequente da comunidade, não mais podem ser utilizados, uma vez que os fazendeiros locais cercaram as áreas, e proibiram o acesso, alegando ter posse das terras e coagindo os Quilombolas que tentam acessá-las.

5.6 CARACTERIZAÇÃO DOS FRAGMENTOS FLORESTAIS ESTUDADOS E ESTÁGIO SUCESSIONAL DAS ESPÉCIES NATIVAS FLORESTAIS

Para uma melhor caracterização das áreas florestais estudadas, foram realizadas pesquisas quanto às características específicas em relação ao ciclo de vida das espécies nativas florestais inventariadas. Para tal foram considerados os critérios de sucessão ecológica proposto por Gandolfi *et al.* (1995), e didaticamente ilustrado por Carvalheiro *et al.* (2006) através da Figura 13.

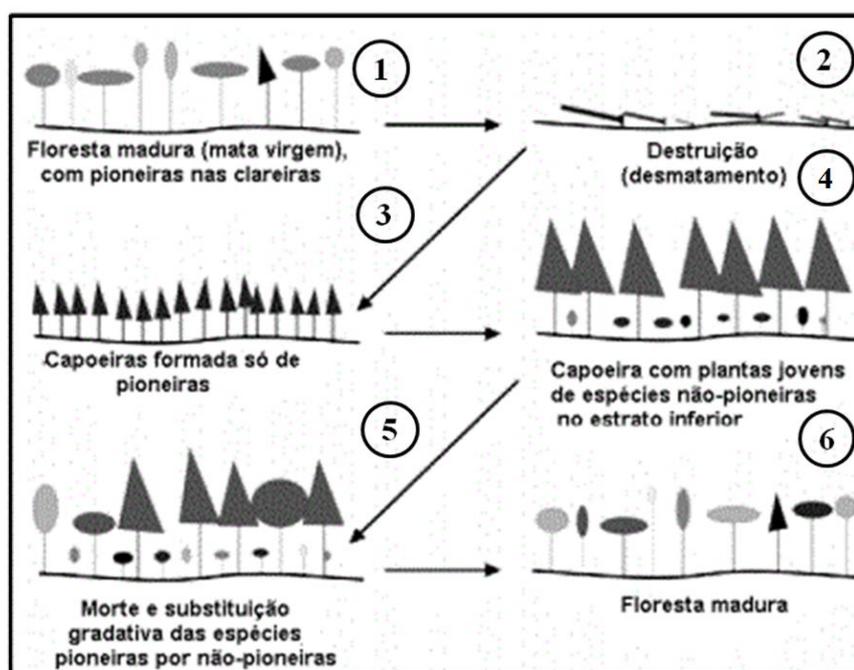


Figura 13: Esquemática didática para sucessão ecológica florestal e suas respectivas fases (Carvalheiros *et al.* 2006), em que: 1 = Clímax; 2 = Desmatamento; 3 = Clareiras com ocorrência de espécies pioneiras; 4 = Sub-bosque formado por espécies secundárias primárias; 5 = Bosque formado por espécies secundárias tardias; e 6 = Floresta em regenerada composta por espécies clímax.

De forma geral, a sucessão ecológica é definida como sendo um fenômeno em que uma dada comunidade vegetal é progressivamente substituída por outra ao longo do tempo em um dado local (GANDOLFI *et al.* 2007). Com base em teorias de dinâmica populacional de florestas tropicais, a sucessão florestal se dá a partir da substituição gradual de espécies com diferentes tipos de comportamentos (COOK *et al.* 2005),

Então as espécies selecionadas foram divididas em quatro grupos (Tabela 3), que seguiram critérios de classificação de Ferreti (2002), em que cada uma foi avaliada quanto às suas características fenológicas e categorizada individualmente.

Tabela 3: Principais características diferenciais dos grupos ecológicos de espécies arbóreas (adaptado de Ferreti, 2002).

Classificação	Características
Pioneiras	1) Espécies de início de sucessão que produzem grande número de sementes pequenas e necessitam de luz para germinação.
	2) Apresentam crescimento muito rápido e ciclo de vida muito curto (aproximadamente 10 anos).
	3) Desenvolvem-se em clareiras nas bordas das florestas ou a céu aberto, não ocorrendo geralmente no sub-bosque.
Secundária inicial	1) Espécies intermediárias na sucessão que produzem sementes de tamanho médio e são intolerantes à sombra.
	2) Apresentam crescimento rápido e ciclo de vida curto (10 a 25 anos).
	3) Desenvolvem-se em pequenas clareiras no sub-bosque, em condições de algumas sombras ao lado de espécies pioneiras.
Secundária tardia	1) Espécies intermediárias na sucessão, que produzem frutos e sementes leves, tolerantes a sombra no estágio juvenil.
	2) Tempo de crescimento médio e ciclo de vida longo (25 a 100 anos).
	3) Desenvolvem-se exclusivamente no sub-bosque sombreado de forma permanente, e, neste caso, árvores pequenas ou grandes espécies de árvores que se desenvolvem lentamente em ambientes obscuros, podem atingir o dossel ou estão a emergir
Clímax	1) Espécies de final de sucessão, que tem baixa produção de sementes e frutos e sementes grandes e pesados.
	2) Germinação e desenvolvimento preferencialmente à sombra. Tempo de crescimento lento ou muito lento. Ciclo de vida muito longo (mais de 100 anos).
	3) Desenvolvem-se exclusivamente em sombras.

Sendo assim, o ambiente florestal foi caracterizado, levando-se em conta dois critérios, 1) a prevalência de determinado grupo de espécies de acordo com seu estágio

sucessional; e 2) a caracterização florestal de Loefgren (1896), Eiten (1970), Budowski (1965), Tabarelli (1994) e as Resoluções do CONAMA 10/93 e 1/94 (Tabela 4).

Tabela 4: Comparação entre as definições de estágios sucessionais segundo Loefgren (1896), Eiten (1970), Tabarelli (1994) e as Resoluções do CONAMA 10/93 e 1/94.

Classificação	Autores				
	Loefgren (1896)	Eiten (1970)	Budowski (1965)	Resoluções CONAMA 10/93 e 01/94	Tabarelli (1994)
	Macerrga	Carrascal		Estágio pioneiro	
	Capoeirinha	Capoeirinha	Comunidade pioneira	Estágio inicial	Pioneiro
	Capoeira	Capoeira	Comunidade secundária inicial	Estágio médio	Secundário inicial
	Capoeirão	Floresta secundária	Comunidade secundária tardia	Estágio avançado	Estágio secundário tardio
	Mata	Mata virgem	Clímax		Clímax

O estágio pioneiro, carrascal ou macerga seria composto predominantemente por vegetação herbáceo-arbustiva e muitas lianas, conforme Loefgren (1896). Já a capoeirinha é um estágio inicial da capoeira, embora ela possa ser vista como estágio pioneiro, diferenciado do carrascal (CATHARINO, 1989). Entretanto a capoeira ou estágio secundário inicial apresenta um estrato arbóreo denso e uniforme, onde as epífitas são raras e as lianas abundantes. Para o estágio sucessional tardio ou capoeirão, encontram-se as espécies citadas para o estágio anterior já bastante desenvolvidas e com estratificação florestal mais nítida (EITEN, 1970). Neste estágio as epífitas aparecem em maior número de espécies, enquanto as lianas são raras. O último estágio seria o de mata, ou mata virgem, ou clímax, que são florestas densas de árvores velhas, copas altas e por definição, não devem ter sofrido interferência humana (TABARELLI, 1994).

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 DADOS SOCIAIS

Em relação às comunidades em questão, encontrou-se um total de 21 especialistas locais, sendo 15 mulheres e 6 homens que detinham conhecimento etnoecológico/ etnobotânico relevante em pelo menos uma das categorias de uso das 7 consideradas para o presente trabalho. A idade desses especialistas variou de 24 a 82 anos (Tabela 5).

Tabela 5: Relação entre os dados sociais obtidos, em que: (SSBV) São Sebastião da Boa Vista (SB) São Bento, e (CP) Colônia do Paiol; (M) masculino; (F) feminino; (PM) conhecedor (a) de plantas medicinais; (CT) cozinheiros (a) tradicionais; (CO) construtores; (AT) artesão; (F) feiticeiros, bruxas, curandeiros espirituais, benzedores ou quem têm poder sobrenatural para curas e outras magias; (L) Lenhador; (M) mateiro ou pessoas que conhecem as florestas locais e principais coletores de materiais florestais.

Comunidade	Gênero		Categoria de uso em que é especialista							Idade	Média de idade	Desvio padrão
	M	F	PM	CT	CO	AT	F	L	M			
SSBV	2	5	7	2	2	1	2	2	2	46 - 66	58,71	±9,66
SB	3	3	5	2	2	1	2	2	2	63 - 75	67,16	±3,89
CP	1	7	7	1	2	0	0	0	0	24 - 82	57,5	±18,97
Total	6	15	19	5	6	2	4	4	4		61,12	

Observa-se que o conhecimento etnoecológico/ etnobotânico das comunidades estudadas, em média é predominante entre os idosos (com idade média superior a 60 anos). Autores como Lima *et al.* (2000), Hanazaki *et al.* (2000), e Pavan-Fruehauf (2000), encontraram resultados semelhantes. Assim, pode-se demonstrar que no contexto das comunidades estudadas, a idade pode estar diretamente relacionada ao acúmulo de conhecimento sobre plantas, como já foi demonstrado Voeks & Leony (2004), Cakilcioglu *et al.* (2011), e Silva *et al.* (2012). No entanto, Galeano (2000), afirma que resultados como esses podem indicar que o conhecimento está sendo diluído entre os jovens e assim estar comprometido. Foi observado que a diminuição do isolamento destas comunidades vem trazendo mudanças no estilo de vida destas populações através da incorporação de elementos urbanos na cultura local. Isto é

igualmente evidenciado pelo aumento de domicílios com TV e telefone e acesso a educação, uma vez que 7 adolescentes de SSBV e 5 SB, que atualmente estão em curso nas escolas da cidade de Santos Dumont.

Pode-se constatar também que na comunidade de SB a faixa de idade apresentada pelos especialistas locais, apresentam uma variação consideravelmente menor, observada através de um desvio padrão de 3,89 e idades variando entre 63 e 75 anos. Tal variação, pode estar relacionada ao isolamento e a evasão comunitária. Dentre as 3 comunidades estudadas, SB, apesar de ser mais isolada, também apresenta o maior índice de evasão entre os moradores mais jovens, que após fazerem 18 anos, acabam migrando para os centros urbanos mais próximos (Santos Dumont e Juiz de Fora) no intuito de exercerem atividades geradoras de renda. Estes jovens, em sua grande maioria, não se interessam mais pelas atividades tradicionais e historicamente desenvolvidas na comunidade, uma vez que após estudarem parte de suas vidas nos centros urbanos, passam a se interessar mais pela condição social das populações urbanas. Esta condição é relatada como sendo uma das maiores preocupações entre os moradores de SB, já que, caso esta tendência se mantenha, a comunidade pode vir a acabar em no máximo duas gerações próximas.

Todos os informantes locais entrevistados relataram ser da religião católica, o que demonstra a grande influência do catolicismo no processo histórico e social na formação das comunidades quilombolas brasileiras (SANTOS, 2013). Como relatado oralmente por moradores de SSBV e SB, no passado existiam em suas áreas latifúndios produtores de café e leite. Os proprietários destas áreas possuíam também escravos. Por sua vez, estes eram obrigados a se converterem ao catolicismo. No caso das referidas comunidades em estudo, os principais marcos históricos locais, são as inaugurações das Igrejas Católicas locais, construídas por antigos fazendeiros como forma de presentear as comunidades e também como moeda de troca para posteriores favores, na demanda de mão de obra para atividades agropecuárias realizadas nas fazendas.

Também é possível perceber a exclusividade do gênero feminino em cuidar da saúde das famílias e pelas práticas médicas realizadas tradicionalmente nas comunidades. Já o gênero masculino foi exclusivo em relação às construções e ao conhecimento das florestas locais.

6.2 PERFIL ETNOBOTÂNICO DAS COMUNIDADES ESTUDADAS

Para as 3 comunidades estudadas, foi possível inventariar um total de 319 espécies úteis referentes a 87 famílias botânicas, sendo 212 espécie e 74 famílias em SSBV, 221 espécies e 69 famílias em SB e 154 espécies e 64 famílias em CP (Tabela 6).

Tabela 6: Lista de espécies citadas como úteis pelos Quilombolas de São Sebastião da Boa Vista (SSBV), São Bento (SB) e Colônia do Paiol (CP), em ordem alfabética de famílias botânicas, seguido das espécies, origem, nomenclatura vernacular do local, hábito (AR – arbórea; AT – arbustiva; H- herbácea; V – trepadeira), categoria de uso (A – alimentar; C – construção; CB – combustível; M – medicinal; O – ornamental; R – ritualística; T – tecnológica), parte utilizada (Folha – F, Flr – Flor, Fr – Fruto, S – Semente, Raíz – R, Caule – Ca, Cs – Casca do Caule, e Pt – Planta toda), local de coleta (Cul – Cultivado, Ruderal – Rd, FI – Florestal, Nc – não coletado) e “voucher” obtido em herbário.

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Acanthaceae	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Peru	Camarão do Jardim			H	O			Nc			Cul					
Adoxaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Europa	Sabugueiro	Sabugueiro		AR	C	M		Ca	F		FI	FI			63295	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltl.) Micheli	Nativa	Chapéu de Couro	Chapéu de Couro	Chapéu de Couro	H	M	M	M	F	F	F	Rd	Rd	Rd	61724		
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Nativa	Amoxilina	Antibiótico de Horta		H	M	M		F	F		Cul	Cul		60495		
	<i>Amaranthus</i> sp.	América		Carirú		H		A			F			Rd			63286	
	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Caribe	Carirú	Carirú Mmijão		H	A	M		F	F		Rd	Rd				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Amaryllidaceae	<i>Beta vulgaris</i> L.	Américas	Beterraba	Beterraba	Beterraba	H	A	A	A	Rz	Rz	Rz	Cul	Cul	Cul			
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Nativa	Santa Maria		Santa Maria	H	M		M	F		F	Cul		Rd	60489		65437
	<i>Allium cepa</i> L.	Ásia	Cebola	Cebola de Cabeça	Cebola	H	A	A	M; A; R	Rz	Rz	Rz	Cul	Cul	Cul			
	<i>Allium fistulosum</i> L.	Ásia	Cebolinha	Cebolinha Verde	Cebolinha	H	A	A	A	F	F	F	Cul	Cul	Cul	62763		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Allium sativum L.</i>	Ásia	Alho	Alho	Alho	H	M; A	A; R	M; A	Rz	Rz	Rz	Cul	Cul	Cul			
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale L.</i>	Nativa	Cajú			AR	M			F			Cul					
	<i>Mangifera indica L.</i>	Índia	Manga	Manga	Manga	AR	A	A	M; A	F	F	F; Fr	Cul	Cul	Cul			
	<i>Schinus terebinthifolius Radd</i>	Nativa	Aroeira	Aroeira		AR	CB	CB; T		Ca	Ca		Fl	Fl		63310		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Annonaceae	<i>Guatteria villosissima</i> A. St.-Hil.	Nativa	Pindaíba	Pindaíba		AR	C; CB	C; CB		Ca	Ca		Fl	Fl				
	<i>Rollinia sylvatica</i> (A. St.-Hil.) Martius	Nativa	Articum	Articum	Articum	AR	CB	C	C	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl			
	<i>Xylopi sericea</i> A. St-Hill.	Nativa	Andorinha		Pimenteira	AR	C		C; CB; T	Ca		Ca	Fl		Fl			
	<i>Xylopi brasiliensis</i> Spreng.	Nativa		Pau Andorinha		AR		T			Ca			Fl				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Europa	Salsa	Salsa	Salsa	H	A	A	M; A	F	F	F	Cul	Cul	Cul			
	<i>Daucus carota</i> L.	Ásia	Cenoura	Cenoura	Cenoura	H	A	A	A	R	R	R	Cul	Cul	Cul			
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Mediterrâneo	Funcho	Funcho	Funcho	H	M	M	M; A	F	F	F	Cul	Cul	Cul	60522		
Apocyna	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Nativa		Mate		AT		M; O			F		Cul					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Asclepias curassavica</i> L.	América Tropical		Veneno de Rato		H		T		F		Rd						
Araceae	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden ex André	América do Sul	Antúrio	Antúrio	Antúrio	H	M; O	O	M; O; R	F	Nc	F	Cul	Cul	Cul	62752	63252	
	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott.	Ásia	Inhame Roxo		Inhame Roxo	H	A		A	Rz		Rz	Fl		Fl	62966		
	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq) Schott	América do Norte	Comigo-Ninguém-Pode			H	M; O			F			Cul			62967		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Dieffenbachia</i> sp.	Américas	Comigo-Ninguém-Pode	Comigo-Ninguém-Pode	Comigo-Ninguém-Pode	H	O; R	O; R	O; R	F	F	F	Cul	Cul	Cul	63270	63026	
	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	México		Costela de Adão		AT		O			Nc			Cul				
	<i>Philodendron myrmecophilum</i> Engl.	Brasil	Tracuá			H	R			R			Fl					
	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott.	Nativa	Taioba	Taioba	Taioba	H	A	A	A	F	F	F	Cul	Cul	Cul	62723	63279	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Xanthosoma</i> sp.	Américas	Couve Japonesa			H	A			F			Cul					
	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Europa			Copo de Leite	H			O		Nc			Cul				
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Nativa	Pinheiro			AR	A; T			S; F			Fl					
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	América do Sul		Coqueiro	Coqueiro	AR		A	M; A		Fr	Fr		Cul	Cul			
	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E.Moore	Brasil		Carnaúba		AR		A; T			Fr, F			Fl				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Nativa	Palmito			AR	A; T			Ca; Fr; F			FI					
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia</i> sp.	Nativa	Milihomi	Milihomi	Milihomi	V	M; R	M; R	M	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI			
Asparagaceae	<i>Cordyline fruticosa</i> (L.) A. Chev.	Ásia		Imbirí		H		O			Nc			Cul			63297	
	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	África	Espada de São Jorge	Espada de São Jorge	Espada de São Jorge	H	R	O; R	M; R	F	F	F	Cul	Cul	Cul	62965	63020	60494

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher			
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	
Aspleniaceae	<i>Asplenium</i> sp.	Nativa	Samambaiazinha		Samambaiazinha	H	O		O	Nc		Nc	Cul		Cul		62737		
Balsaminaceae	<i>Impatiens walleriana</i> Hook. f.	África		Beijo	Beijinho	H		O	O		Nc	Nc		Cul	Cul			63289	
Basellaceae	<i>Anredera cordifolia</i> (Ten.) Steenis	América do Sul		Bestanha		H		A			F			Cul				63256	
	<i>Basella alba</i> L.	Ásia	Bertalha	Bertalha	Bertalha	H	A	A	A	F	F	F	Cul	Cul	Cul				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Begoniaceae	<i>Begonia</i> sp.	América Tropical			Azedinha Roxa	H			O			Nc			Cul			63294
	<i>Begonia</i> sp ¹ .	Nativa		Azedinho		H		O			Nc		Cul					
Bignoniaceae	<i>Cybistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Brasil		Ipê branco		AR		C			Ca		Fl					
	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex A. DC.) Mattos	Nativa	Pau Mulato	Ipê Comum	Pau Mulato	AR	T	CB	T	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	62972		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.	Nativa	Carobinha			AR	CB; T			Ca		FI				63274		
	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	Nativa	Cipó São João	Cipó São João	Cipó Amarelo	V	R	T	M	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI	63301	65419	
	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	Nativa	Cinco Folhas	Cinco Folhas	Cinco Folhas	AR	M; CB	M; CB;	M; CB;	F; Ca	F; Ca	F; Ca	FI	FI	FI	63309		
	<i>Zeyheria tuberculosa</i> (Vell.) Bureau ex Verl.	Nativa		Ipê Graúdo		AR		CB			Ca		FI					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Nativa	Urucum	Aricum	Urucum	AR	M; A	M	M; A	S	S	S	Cul	Cul	Cul	62727		
Boraginaceae	<i>Tournefortia paniculata</i> Cham.	Nativa	Marmelinho	Marmilim		H	M	M		F	F		Cul	Cul				
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Mediterrâneo	Couve	Couve	Couve	H	A	A	A	F	F	F	Cul	Cul	Cul			
	<i>Brassica rapa</i> L.	Nativa		Mostarda		H		A			F			Cul				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Brasil	Abacaxí		Abacaxí	H	A		M; A	Flr		Flr	Cul		Cul			
Bursaraceae	<i>Commiphora habessinica</i> (O.Berg) Engl.	África	Incenso	Incenso		AT	R	R		F; Ca	F; Ca		Cul	Cul		62769	63304	
	<i>Commiphora myrrha</i> (T. Nees) Engl.	África		Mirra		H		M; R			F; Ca			Cul			6323	
Cactaceae	<i>Rhipsalis clavata</i> F.A.C. Weber	Nativa		Chuveirinho	Chuveirinho	H		O	O		Nc	Nc		Cul	Cul			
	<i>Schlumbergera truncata</i> (Haw.) Moran	Nativa	Flor de Maio	Flor de Maio		H	O	M; O		Nc	F		Cul	Cul		62743		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Campanulaceae	<i>Lobelia fistulosa</i> Vell.	Nativa	Rabo de Onça			H	M			Flr			Fl					
Cannaceae	<i>Canna indica</i> L.	Nativa	Bananeirinha	Imbirí de Flor		H	O	O		Nc	Nc		Cul	Cul		62722	62997	
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	América Tropical	Mamão	Mamão	Mamão	AR	A	A	M; A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul		62985		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Compositae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Europa			Dipirona	H			M			F			Cul			
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.)DC.	Nativa	Marcela do Campo		Macela	H	T		M	F		F	Cul		Cul	62794		
	<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	África		Necroton		H		M			F		Cul			63240		
	<i>Ageratum conyzoides</i> (L.) L.	Nativa	São João	Erva de São João	Erva de São João	H	M	M	M; R	F	F	F	Rd	Rd	Rd	60457		65440

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Europa	Losna	Losna	Losna	H	M	M	M	F	F	F	Cul	Cul	Cul	60525		
	<i>Baccharis coridifolia</i> DC.	Nativa	Alecrim do Mato			H	R			F			Rd			62790		
	<i>Baccharis pingraea</i> DC.	Nativa		Santarina		H		M			F			Rd				
	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	América do Sul	Carqueja	Carqueja	Carqueja	H	M; R	M; R	M	F; Ca	F; Ca	F; Ca	Rd	Rd	Rd	60459		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Nativa	Picão	Picão	Picão	H	M	M	M	F	F	Pt	Rd	Rd	Rd	60532	63242	65423
	<i>Chrysanthemum morifolium</i> Ramat	Ásia	Monsenhor			H	O			Nc			Cul			62732		
	<i>Cichorium intybus</i> L.	Europa	Almeirão	Almeirão	Almeirão	H	A	A	A	F	F	F	Cul	Cul	Cul			
	<i>Cissampelos pareira</i> L.	Nativa		Abuta Branca		V		M			F; Ca			Fl				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	México	Dália		Dália	H	O		O	Nc		Nc	Cul		Cul	62782		
	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish.	Nativa	Candeia	Candeia	Candeia	AR	C; CB; T	C; T	C	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	62976		
	<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less) Cabrera	Nativa	Camará			AR	C; T			Ca			Fl			62740		
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Mediterrâneo	Alface	Alface	Alface	H	A	A	A	F	F	F	Cul	Cul	Cul			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Leucanthemum vulgare</i> (Vaill.) Lam	Europa	Margarida			H	O			Nc			Cul			62762		
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	América do Norte		Camomila		H		M; A			Flr		Cul			63248		
	<i>Mikania glomerata</i> Spreng	Nativa		Guaco		H		M			F		Cul					
	<i>Mikania hirsutissima</i> var. <i>ursina</i> Baker	Nativa	Cipó Cabeludo Roxo	Cipó Cabeludo	Cipó Cabeludo	V	R	M	M	F; Ca	F; Ca	F; Ca	Fl	Fl	Fl	62969		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd.	Nativa	Cipó Coração de Jesus			V	CB			F; Ca		Fl			62775			
	<i>Montanoa bipinnatifida</i> (Kunth) K.	México		Damasco, Margarida		AT		O		Nc		Cul			63264			
	<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker	Nativa	Branda Fogo			AR	R; T			F; Ca		Fl						
	<i>Pterocaulon virgatum</i> (L.) DC	América do Sul	Erva da Lua	Erva da Lua	Erva da Lua	H	M	M	M	F; Ca	F; Ca	F; Ca	Rd	Rd	Rd	60519	63249	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Nativa	Arnica	Arnica		H	M	M		F	F		Cul	Cul		62459		
	<i>Sonchus oleraceus</i> (L.) L.	Mediterrâneo	Serralha	Serralha		H	A	A		F	F		Cul	Cul		62982	63288	
	<i>Tanacetum parthenium</i> L. Sch Bip	Europa		Artemísio	Artemísia	H		M	R		F	F		Cul	Cul			
	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A. Gray	América Central		Margaridão		H		O			Nc			Cul			63014	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Vernonanthura divaricata</i> (Spreng) H. Rob.	Brasil	Abobráo	Abobráo	Abobráo	AR	CB	CB	C	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl			
	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H. Rob.	Brasil	Assapeixe	Assapeixe	Assapeixe	AT	M; CB;	M; CB;	M; R	F; Ca	F; Ca	F; Ca	Rd	Rd	Rd	60484		
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Américas	Batata Doce	Batata Doce	Batata Doce	H	A	A	A	Rz	F; Rz	Rz	Cul	Cul	Cul	62742	63313	
Costaceae	<i>Costus barbatus</i> Suess.	América do Sul		Imbirí		H		O			Nc			Cul				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	América do Sul	Cana Café	Cana Café	Cana de Macaco	H	M	M	M	F; Ca	F; Ca	F; Ca	Cul	Cul	Cul			
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Brasil	Fortuna		Fortuna	H	O		O	Nc		Nc	Cul		Cul	62765		
	<i>Kalanchoe laciniata</i> (L.) DC.	Brasil			Saião	H			M			F			Cul			
	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC.	México		Bálsamo		H		M; A			F		Cul				63251	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Sedum rubrotinctum</i> R.T. Clausen	México	Dedinho de Moça			H	O			Nc			Cul			62747		
Cucurbitaceae	<i>Apodanthera smilacifolia</i> Cogn.	África	Cipó Azogre			V	M; R			F; Ca			Fl			62983		
	<i>Benincasa hispida</i> (Thunb.) Cogn.	Ásia		Abóbora d'água		V		A			Fr			Cul			62978	
	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	África	Melancia	Melancia		H	A	A		Fr	Fr		Cul	Cul				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Cucumis sativus</i> L.	México	Pepino	Pepino		H	A	A		Fr	Fr		Cul	Cul				
	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	Ásia		Moranga		H		A			Fr			Cul				
	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	México	Abóbora	Abóbora	Abóbora	H	A	A	M; A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	62715	63261	
	<i>Luffa cylindrica</i> M. Roem.	Ásia		Bucha	Bucha	V		T	M; T		Fr	Fr		Cul	Cul		63015	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher			
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	
	<i>Momordica charantia</i> L.	Ásia		Melão	São Caetano	V		A	M		S	S		Rd	Rd			63314	
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) SW.	América Central	Chuchu	Chuchu	Chuchu	V	M; A	A	M; A	F; Fr	Fr	F; Fr	Cul	Cul	Cul	62753	63303	65439	
Davalliaceae	<i>Davallia</i> sp.	Nativa	Samambaia			H	O			Nc			Cul			62749			
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Nativa	Cipó-caboclo	Cipó-caboclo		V	R	R; T		F; Ca	F; Ca		Fl	Fl		62791	63292		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Dioscoreaceae	<i>Dioscorea</i> sp.	Nativa	Inhame	Inhame		H	M	A		Rz	Rz		Cul	Cul				
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> L.f.	Ásia			Caqui	AR			A		Fr				Cul			
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum pelleterianum</i> A. St.-Hil.	Brasil	Gualibarte	Gualibardi	Gualibardi	AR	T	T	C; CB; T	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Euphorbiaceae	<i>Acalypha chamaedrifolia</i> (Lam.) Müll. Arg.	Índia		Taturaninha		AT		O			Nc		Cul			63245		
	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Nativa	Adrago	Adrago	Adrago	AR	C; CB	CB	C; CB	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	62793	62998	
	<i>Euphorbia cotinifolia</i> L.	América Tropical	Enfeite			H	O			Nc			Cul			62796		
	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Madagascar			Coroa de Cristo	H			O			Nc		Cul				65427

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	México		Damasco		AR		O			Nc		Cul			63007		
	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.	Brasil		Tronco de São Sebastião		H		O			Nc		Cul					
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Nativa	Mandioca	Mandioca	Mandioca	H	A	A	A	R	R	R	Cul	Cul	Cul	62721	62996	65435
	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	Nativa	Santa Luzia			AR	CB; T			Ca			Fl					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Ricinus communis</i> L.	África		Mamoneiro	Mamona	AR		M	M		Fr	Fr		Rd	Rd		62991	
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Nativa	Leiteira	Leiteira		AR	M	C		Ca	Ca		Fl	Fl				
Geraniaceae	<i>Pelargonium x hortorum</i> L.H. Bailey	Ásia	Malva cheirosa	Malva té logo	Té logo	H	M; O	O	O	Nc	Nc	Nc	Cul	Cul	Cul	60510	63253	
Hypericaceae	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy	Nativa	Ruão	Ruão	Ruão	AR	C; T	T	CB	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	62783		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Iridaceae	<i>Crocasmia crocosmitiflora</i> (Lemoine) N.E. Br.	África do Sul		Aurora		H		O			Fr			Cul				
	<i>Sisyrinchium palmifolium</i> L.	América do Sul		Mariçó		H		M			Rz			Cul				63296
Lamiaceae	<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	Nativa	Papagaio	Papagaio		AR	CB	CB		Ca	Ca		Fl	Fl			62984	63312
	<i>Aegiphila</i> sp.	Nativa	Papagaio Pequeno			AR	CB			Ca			Fl				62975	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Glechoma hederacea</i> L.	Europa			Erva terrestre	H			M		F			Cul				
	<i>Hyptidendron asperrimum</i> (Epling) Harley	Nativa	Cinzeiro			AR	CB			Ca		Fl						
	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	África		Cordão de Frade		H		M			F		Rd					
	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Ásia	Mané Turé	Mané Turé	Mané Turé	H	M	M	M	F	F	F	Rd	Rd	Rd	60518	65426	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Melissa officinalis</i> L.	Europa	Melissa			H	M			F			Cul			60517		
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Índia	Poejo	Poejo	Poejo	H	M	M	M	F	F	F	Cul	Cul	Cul			
	<i>Mentha spicata</i> L.	Europa	Hortelã	Hortelã	Hortelã	H	M	M	M; A	F	F	F	Cul	Cul	Cul	60521		
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Europa	Elevante		Elevante	H	M			F		F	Cul		Cul			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Índia	Manjeriço	Manjeriço	Manjeriço	H	M; A	A	M; A	F	F	F	Cul	Cul	Cul	62726		
	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	Brasil			Erva Doce	H			M; A		F			Cul				
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Ásia			Alfavaca	H			M; A		F			Cul				
	<i>Peltodon radicans</i> Pohl.	Nativa	Hortelã do Mato	Hortelã do Mato	Hortelã do Mato	H	M	M	M	F; Ca	F	F	Rd	Rd	Rd	60479	63258	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Índia	Boldo	Boldo	Boldo	H	M; R	M	M; R	F	F	F	Cul	Cul	Cul	60470		65425
	<i>Plectranthus madagascariensis</i> (Pers.) Benth.	Madagascar	Limpa Casa			H	O			Nc			Cul			62748		
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Europa	Alecrim		Alecrim	H	M		M; R	F		F	Cul		Cul	60471		
	<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Schult.	Nativa		Sirigaita		H		O				Nc		Cul			62992	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Stachys byzantina</i> K.Koch	Ásia		Assapão		H		A			F			Cul				
Lauraceae	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	Nativa	Capoeira Branca	Capoeira Branca	Capoeira Branca	AR	CB	CB	CB	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI	62784		
	<i>Laurus nobilis</i> L.	Mediterrâneo	Louro			H	A			F				Cul				
	<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart.	Nativa	Canela Branca	Canela Parda	Canela	AR	C; CB	C; CB	CB	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI	62782		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Nativa		Sassafráz	Canela Sassafráz	AR		CB	C; CB		Ca	Ca		FI	FI			
	<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	Nativa	Canela de Rego			AR	C; T			Ca			FI					
	<i>Ocotea</i> sp.1	Nativa		Canela Vermelha		AR		CB; T			Ca			FI				
	<i>Persea americana</i> Mill.	América Tropical	Abacate	Abacate	Abacate	AR	M; A	A; CB	M; A	F; Fr	F; Fr; Ca	F; Fr	FI	FI	FI	62774		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Lecythydaceae	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Nativa			Jequitibá	AR			M; C			F; Ca			Fl			
Leguminosae	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F.Macbr.	Nativa	Limpeza do Mundo			AR	R			F		Fl				61713		
	<i>Bauhinia purpurea</i> L.	Ásia			Pata de Vaca	AR			M		F			Fl				
	<i>Calliandra brevipes</i> Benth.	Ásia	Buchinha	Buchinha	Esponjinha	AT	O	O	O	Nc	Nc	Nc	Cul	Cul	Cul	62759	63244	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Dalbergia hortensis</i> Heringer & al.	Nativa	Endireita Mundo	Endireita Mundo		AR	M; C; R;	T		F; Ca	Ca		FI	FI		65415	65390	
	<i>Hymenolobium</i> sp.	Américas			Angelim Pedra	AR			C		Ca			FI				
	<i>Machaerium isadelphum</i> (E.Mey.) Standl.	Nativa	Muchoco			AR	T			Ca				FI		62731		
	<i>Machaerium nyctitans</i> Benth (Vell.)	Nativa	Bico de Pato	Bico de Pato	Bico de Pato	AR	CB	T	CB	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI	63306	63265	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Machaerium</i> sp.	Nativa	Angú Seco			AR	T			Ca			FI					
	<i>Machaerium villosum</i> Vogel	Nativa	Jacarandá do Campo			AR	T			Ca			FI					
	<i>Machaerium dimorphandrum</i> Hoehne	Nativa		Angú-Seco		AR		T		Ca			FI					
	<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.	Nativa		Caveúna	Gabiúna	AR		C; CB	C	Ca	Ca		FI	FI				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Américas	Feijão	Feijão	Feijão	H	A	A	A	S	S	S	FI	FI	FI	62717	63281	
	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	Nativa	Pau Jacaré	Pau Jacaré	Pau Jacaré	AR	C; CB; T	CB; T	C; CB	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI	62789	63287	
	<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Nativa	Jacarandá			AR	T			Ca			FI			62778		
	<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S.Irwin & Barneby	Nativa	Pau de Cachimbo	Pau de Cachimbo		AR	C; T	O; T		Ca	Ca		FI	FI		62751	62989	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	Nativa	Barbatimão	Barbatimão	Barbatimão	AR	M; CB;	M; CB;	M	Ca; Cs	Ca; Cs	Cs	Fl	Fl	Fl	60520		
Liliaceae	<i>Lilium</i> sp.	Ásia			Lírio	H			O			Nc			Cul			
Lygodiaceae	<i>Lygodium volubile</i> SW.	Nativa	Segue Caminho	Abre Caminho		H	R	R		Ca	Ca		Fl	Fl		62738	63291	
Lythraceae	<i>Cuphea</i> sp.	Nativa		Vassoura Canela de Saracura		H		R; T			Pt			Fl		63302		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Malpighiaceae	<i>Cyathea</i> sp.	Nativa	Samambaiaçú	Samambaiaçú		AR	M; O; T	T		F; Ca	Ca		Fl	Fl		62776	63280	
	<i>Cyathea</i> sp. ¹	Nativa		Samambaia	Samambaia	H		O	O		Nc	Nc		Cul	Cul		63025	
	<i>Punica granatum</i> L.	Ásia	Romã	Romã		AR	M; A	M		Fr	Fr		Cul	Cul				
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Nativa	Acerola	Acerola	Acerola	AR	M; A	A	A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	África	Quiabo	Quiabo	Quiabo	H	M; A	A	A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	62716	63260	65438
	<i>Abutilon pictum</i> (Gillies ex Hook.) Walp.	América do Sul		Balãozinho		H		O			Nc		Cul				63277	
	<i>Dombeya wallichii</i> (Lindl.) Baill.	Madagascar		Trapeia		AR		O			Nc		Cul				63298	
	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Américas	Algodão	Algodão		AT	M	M		F; Flr	F; Flr		Cul	Cul		62457		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Hibiscus mutabilis</i> L.	China	Beijo Vermelho			H	O			Nc			Cul			62754		
	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Ásia		Balão	Beijo Vermelho	AT		O	O		Nc	Nc		Cul	Cul		63247	65420
	<i>Hibiscus roseus</i> Thore	Madagascar	Beijo Rosa	Beijo Rosa		AT	O	O		Nc	Nc		Cul	Cul		62755	62988	
	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Brasil	Vinagreira			H	O			Nc			Cul			62725		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Nativa	Açoita Cavallo			AR	M; R			F; Ca		Fl			62980			
	<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	Américas		Carrapicho		H		O		Nc			Cul			62993		
	<i>Pseudobombax</i> sp.	Nativa		Imbira		AR		A; T		F; Ca			Fl					
	<i>Sida acuta</i> Burm.f.	Nativa	Vassoura Babosa		Vassoura Babosa	H	M; O; R;		T	Pt		Pt	Rd		Rd	62745		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Nativa	Vassoura de Florzinha	Vassoura gosmenta		H	T	T		Pt	Pt		Rd	Rd			63002	
	<i>Triumfetta rhomboidea</i> Jacq.	Brasil	Carrapicho			H	M			F; Ca			Rd			60481		
Melastomataceae	<i>Leandra nianga</i> Cogn.	Nativa		Quaresminha		AR		CB			Ca			Fl				
	<i>Leandra sericea</i> DC.	Nativa		Quaresma Miúda		AR		T			Ca			Fl				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Leandra</i> sp.	Nativa	Quaresminha			AR	CB			Ca		FI						
	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	Nativa		Quaresminha		AR		O; CB		Ca			FI					
	<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	Nativa	Murici	Murici		AR	C; CB			Ca	Ca	FI	FI					
	<i>Miconia</i> sp.	Nativa		Zumbi		AR		C			Ca		FI					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Miconia</i> sp ¹ .	Nativa		Murici Cabeça de Rei		AR		C; CB			Ca			FI				
	<i>Miconia</i> sp ² .	Nativa		Carvãozim		AR		CB; T			Ca			FI				
	<i>Miconia cubatanensis</i> Hoehne	Nativa	Zumbi	Zumbi		AR	CB	T		Ca	Ca		FI	FI		62785	63257	
	<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	Nativa	Pau Chorão	Pau Chorão		AR	C; CB; T	T		Ca	Ca		FI	FI		62788		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Tibouchina semidecandra</i> (Mart. & Schrank ex DC.) Cogn.	Nativa		Quaresminha		AR		CB			Ca		FI					
Meliaceae	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart	Nativa	Tento		Tento	AR	T		C; CB; T	Ca		Ca	FI		FI			
	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Nativa	Cedro	Cedro	Cedro	AR	C; T	C	C; T	Ca	Ca	Ca	FI	FI	FI			
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Ásia	Jaca		Jaca	AR	A		A	Fr		Fr	Cul		Cul			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Ficus carica</i> L.	Ásia		Figo	Figo	AR		A	A		Fr	Fr		Cul	Cul			
	<i>Musa</i> sp.	Ásia		Banana	Banana Saquarema	H		M; A	A		Fr	Fr		Cul	Cul			
Musaceae	<i>Musa x. paradisiaca</i> L.	África	Banana		Bananeira	H	A		A	F		F	Cul		Cul	62718		
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Austrália	Eucalipto	Eucalipto	Eucalipto	AR	M; C	C; CB; T	M; C;	Ca	Ca	F; Ca	Cul	Cul	Cul	62728		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Nativa	Pitanga	Pitanga		AR	A	A		Fr	Fr		Cul	Cul		63269	63271	
	<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	Nativa	Goiabinha do Mato			AR	A			Fr			Fl					
	<i>Myrcia perforata</i> O.Berg	Nativa		Gumirim		AR		C; CB; T			Ca			Fl				
	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	Nativa	Gumirim	Gumirim	Gumirim	AR	C; CB	C; CB; T	C; CB; T	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	63266		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Brasil	Jabuticaba	Jabuticaba	Jabuticaba	AR	M; A	A	A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul		63003	
	<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	Nativa	Araça Miúdo			AR	M; A			Fr			Fl			62781		
	<i>Psidium guajava</i> L.	Américas	Goiaba	Goiaba	Goiaba	AR	A	M; A;	M; A	Fr	F; Ca; Fr	Ca; Fr	Fl	Fl	Fl	62713		
	<i>Psidium guineense</i> SW.	Nativa	Araça			AR	A			Fr			Fl			62757		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis</i> sp.	Nativa	Samambaia			H	O			Nc		Cul			62746			
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea</i> sp.	Brasil	Sempre Lustrosa	Sempre Lustrosa	Buganville	AT	O	O	O	Nc	Nc	Nc	Cul	Cul	Cul	62724	63027	
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Nativa			Ameixa	AR			M			F		Fl				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Ásia			Carambola	AR			A			Fr			Cul			
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Nativa	Maracujá			V	A; M			Fr		Cul						
	<i>Passiflora</i> sp.	Nativa	Maracujá do Mato	Maracujá	Maracujá	V	A	A	M; A	Fr	Fr	F; Fr	Fl	Fl	Fl	62786		
Phyllant	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Nativa	Quebra Pedra	Quebra Pedra	Quebra Pedra	H	M	M	M	Pt	Pt	Pt	Rd	Rd	Rd	60531	63243	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Petiveria alliacea</i> L.	América Tropical	Guiné	Guiné	Guiné	H	M; R	M; R	M; R	F	F	Pt	Cul	Cul	Cul	62712	62995	65430
Piperaceae	<i>Peperomia glabella</i> (Sw.) A.Dietr.	Nativa	Rabo de Rato			H	O			Nc			Cul			62761		
	<i>Piper arboreum</i> Aubl	Nativa		Jarabandí Grande		AR		M			Rz			Fl			63004	
	<i>Piper miquelianum</i> C. DC.	Nativa	Jaborandí	Jarabandí	Jaborandí	AT	M	M	M	Rz	Rz	Rz	Fl	Fl	FL		63284	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Plantaginaceae	<i>Piper sp.</i>	Nativa		Jarabandí Graúdo		AR		M			Rz		FI				63299	
	<i>Piper umbellatum L.</i>	Nativa	Capeva	Capeva		H	M; R	M; R		F	F		FI	FI		62970	63009	
	<i>Angelonia biflora Benth</i>	Brasil	Olho de Gato			H	O			Nc			Rd			62764		
	<i>Plantago major L.</i>	Europa	Transagem	Transagem	Transagem	H	M	M	M	F	F	F	Rd	Rd	Rd	60460		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher				
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP		
Poaceae	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Nativa	Vassoura de Nossa Senhora	Vassoura de Nossa Senhora	Vassoura de Nossa Senhora	H	T	M	M; R	Pt	Ca	Pt	Rd	Rd	Rd					
			<i>Arundo donax</i> L.	Europa		Cana do Reino	Cana do Reino	H		M	M; T		Ca	Ca		Cul			62999	
					<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad.	Ásia	Bambú	Bambú	Bambú	AR	C; T	T	T	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	62736
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Ásia	Erva Cidreira de Capim	Capim Cidreira	Capim Cidreira	H	M	M	M	F	F	F	Cul	Cul	Cul	60454			65421	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Sri Lanka		Citronela		H		M			F			Cul				
	<i>Dendrocalamus giganteus</i> Munro	Ásia	Bambú Gigante		Bambú Gigante	AR	T		T	Ca		Ca	Fl					
	<i>Drepanostachyum falcatum</i> (Nees) Keng f.	Ásia		Bambuzin		AR		T			Ca			Fl			63275	
	<i>Guadua</i> sp.	América do Sul			Taquaruçú	H			C; T			Ca			Fl			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Nativa	Sapé		Sapé	H	C; T		C	Ca		F; Ca	Rd		Rd			
	<i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	África	Capim Gordura		Capim Gordura	H	M		M	F		F	Rd		Rd	62971		
	<i>Merostachys</i> sp.	Nativa	Taquara Fina			H	T			Ca			Fl					
	<i>Merostachys</i> sp ¹ .	Nativa	Taquara Poca		Taquara	H	O; C;		T	Ca		Ca	Fl		Rd			

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Panicum maximum</i> Jacq.	África	Capim Mumbeca			H	M; T			F		Rd			61726			
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Ásia	Cana	Cana	Cana de Açúcar	H	M; A	A	M; R	Ca	Ca	Ca	Cul	Cul	Cul	62730	63005	
	<i>Zea mays</i> L.	México	Milho	Milho	Milho	H	A; T	A; CB	A; T	F; Fr; S	F; Fr; S	F; Fr; S	Cul	Cul	Cul	62729	63235	
Polygalaceae	<i>Polygala paniculata</i> L.	Nativa		Vassourinha de Benzer		H		R			Pt		Rd					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher			
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	
Polygonaceae	<i>Persicaria hydropiperoides</i> (Michx.) Small	Ásia		Erva de Bicho		H		M			F		Rd					63238	
Polypodiaceae	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J.Sm.	Nativa	Samambaia Chorona		Samambaia Chorona	H	O		O	Nc		Nc	Cul		Cul			62733	
Primulaceae	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Nativa	Potoroca	Potoroca		AR	C; CB	CB		Ca	Ca		Fl	Fl				62773	62994

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Pteridaceae	<i>Adiantum</i> sp.	Nativa	Avenca			H	M; O			Nc		Cul			62735			
Rosaceae	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Ásia	Pêssego	Pêssego	Pêssego	AR	A	A	A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	60505	63239	65417
	<i>Rosa alba</i> L.	Ásia	Rosa Branca	Rosa Branca	Rosa Branca	AT	M; O; R	M; O; R	M; O	Flr	Flr	Flr	Cul	Cul	Cul	62711	63308	65428
	<i>Rosa gallica</i> L.	Ásia	Rosa Vermelha	Rosa Vermelha	Rosa Vermelha	AT	O	O	O	Nc	Nc	Nc	Cul	Cul	Cul	62734	63023	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Rosa pimpinellifolia</i> L.	Ásia		Rosa Piranha		AT		O			Nc		Cul			63017		
	<i>Rosa</i> sp.	Ásia	Rosa Amarela			AT	O			Nc		Cul						
	<i>Rosa</i> sp ¹ .	Ásia		Rosa		AT		O			Nc		Cul			63246		
	<i>Rosa</i> sp ² .	Ásia		Rosa Rosa		AT		O			Nc		Cul					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Galianthe brasiliensis</i> (Spreng.) E.L. Cabral & Bacigalupo	Nativa		Vassoura Cabelo de Nega		H		T		Pt			Cul					
	<i>Psychotria villosa</i> Ruiz & Pav.	Brasil		Canela de Veado		AR		T		Ca			Fl					
	<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes	Nativa	Puaia			H	M			Pt			Rd			62460		
	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Américas	Vassoura Cordão de Frade	Vassoura Cordão de Frade		H	T	M		F	F		Rd	Rd			63293	65418

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Ásia	Limão	Limão	Limão Galego	AR	M; A	M; A	M; A	F; Fr	F; Fr	F; Fr	Cul	Cul	Cul	62768	62987	
	<i>Citrus medica</i> L.	Índia	Limão cidra			AR	A			Fr			Cul					
	<i>Citrus reticulata</i> Blanco.	Filipinas	Mexirica	Pokan	Candongueira	AR	M; A	A	M; A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	62767	63011	65431
	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Ásia	Laranja Serra d'água	Laranja Serra d'água	Laranja Serra D'agua	AR	M; A	A	A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	63018	62981	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Citrus maxima</i> (Burm.) Merr.	Polinésia	Zamboá	Zamboá		AR	A	A		Fr	Fr		Cul	Cul		62771	63010	
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Europa	Arruda	Arruda	Arruda	H	M; R	M; R	M; R	F	F	Pt	Cul	Cul	Cul	60496		
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Nativa	Maminha da Porca	Mâmica de Porca	Maminha de Porca	AR	CB	C; CB; T	CB	Ca	Ca	Ca	Cul	Cul	Cul			
Salicaceae	<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	Nativa	Canela de Veado		Canela de Veado	AR	T		M; T	F; Ca		F; Ca	Fl		Fl	63268		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher			
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	
	<i>Casearia lasiophylla</i> Eichler	Nativa		Canela de Veado		AR		T			Ca			FI				63307	
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Nativa	Erva Lagarto	Erva Lagarto		AR	M	M; R		F	F		FI	FI		60455	63241		
Sapindaceae	<i>Cupania ludowigii</i> Somner & Ferrucci	Nativa	Camboatá			AR	C			Ca			FI			62977			
	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Nativa		Canjerona	Canjerona	AR		T	C; T		Ca	Ca		FI	FI				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Scrophulariaceae	<i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schltl.	Nativa	Babacu	Barbaço	Barbaçu	H	M	M	M	F	F	F	Rd	Rd	Rd	60491	63276	
Selaginellaceae	<i>Selaginella conduplicata</i> Spring	América do Sul	Samabaia Miúda			H	O			Nc			Cul			62758		
Siparunaceae	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC.	Nativa	Limãozin do Mato	Negra Mina		AR	R	R		F	F		Fl	Fl		62979		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Nativa	Negra Mina	Milongueira		AR	R	M; R		F	F; Fr		Fl	Fl		63008		
Solanaceae	<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schlttdl.	Nativa		Maria Neira	Maria Neira	AR		CB; R	M; R		Ca	F; Ca		Fl	Fl		63273	
	<i>Aureliana tomentosa</i> Sendtn.	Nativa		Pau Canjenga		AR		R			F; Ca			Fl				
	<i>Brugmansia arborea</i> (L.) Steud.	Brasil		Trombeta		AR		O			Nc			Cul				

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Capsicum annuum</i> L.	México	Pimentão	Pimentão		H	A	A		Fr	Fr		Cul	Cul		62792		
	<i>Capsicum baccatum</i> var. <i>praetermissum</i> (Heiser & P.G.Sm.) Hunz.	Nativa	Pimenta	Pimentinha		H	A	A		Fr	Fr		Cul	Cul		62744		
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Américas		Pimenta	Pimenta	H		A	A		Fr	Fr		Cul	Cul		63012	
	<i>Cestrum nocturnum</i> L.	Antilhas	Dama da Noite			AR	O			Nc			Cul			62795		
	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	América Tropical	Tomatinho	Tomatinho	Tomatinho	H	A	A	A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	62719	63255	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Américas		Fumo	Fumo	H		R	M		F	F		Cul	Cul			65436
	<i>Physalis pubescens</i> L.	Índia	Juá Bravo		Juá	H	M		M	Fr		Fr	Rd		Rd	60501		
	<i>Solanum aethiopicum</i> L.	África	Jiló	Jiló	Jiló	H	A	A	M; A	Fr	Fr	Fr	Cul	Cul	Cul	62968	63000	
	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Nativa	Erva Moura	Erva Amore	Erva Moura	H	M	M	M	F	F	F	Rd	Rd	Rd	60513	63262	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Nativa	Panaceia			AT	M			F			Fl			60534		
	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Nativa	Fruta de Lobo	Fruta de Lobo		AT	M	A		Fr	Fr		Rd	Rd		60473	63012	
	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Américas		Tomate		H		A			Fr			Cul				
	<i>Solanum melongena</i> L.	Índia	Berinjela			H	M; A			Fr			Cul					

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Nativa		Jurubeba		H		M			Fr		Rd					
	<i>Solanum tuberosum</i> L.	América do Sul	Batata		Batata	H	M; A		A	Rz		Rz	Cul		Cul	60476		
Talinaceae	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	América do Sul			Ora Pró Nóbis	H			M; A			F		Cul				
Tropaeolaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L.	América do Sul		Chagas de Cristo		H		M				F; Flr						

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Typhaceae	<i>Typha domingensis</i> Pers.	África	Paina	Taboa	Taboa	H	T	T	T	F; Ca	F; Ca	F; Ca						
Urticaceae	<i>Cecropia glaziovii</i> Snehl.	Nativa	Imbaúba	Imbaúba	Imbaúba	AR	C; T	C; T	C; T	Ca	Ca	Ca	Fl	Fl	Fl	62787	63267	
Verbanaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Brasil			Gerivão	H			M; T			F			Rd			65422
	<i>Duranta erecta</i> L.	Nativa	Pingo de Ouro	Brinco de Princesa	Pingo de Ouro	AT	M; O	O	O	F	Nc	Nc	Cul	Cul	Cul	62750	62990	

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
	<i>Lantana camara</i> L.	Nativa			Camarazin	H			M			F			Rd			65429
	<i>Lantana undulata</i> Schrank	Brasil		Amor da Sala		H		O			Nc			Cul				
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Nativa	Erva Cidreira	Erva Cidreira	Erva Cidreira	AT	M	M	M	F	F	F	Cul	Cul	Cul	60466		
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Brasil	Insulina			V	M			F			Cul			60527		

Famílias	Espécies	Origens	Nome Vernacular			Hábito	Categoria de uso/			Parte botânica			Local de coleta			Voucher		
			SSBV	SB	CP		SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP	SSBV	SB	CP
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	África	Babosa	Babosa	Babosa	H	M	M	M; O; R	F	F	F	Cul	Cul	Cul	62458		
Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Nativa	Imbirí			H	O			Nc			Cul			62777		
	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Ásia			Gengibre	H			M			Rz			Cul			

Quanto as famílias botânicas mais citadas em relação ao número de espécie, destaca-se Compositae, predominando nas 3 comunidades estudadas (Gráfico 1).

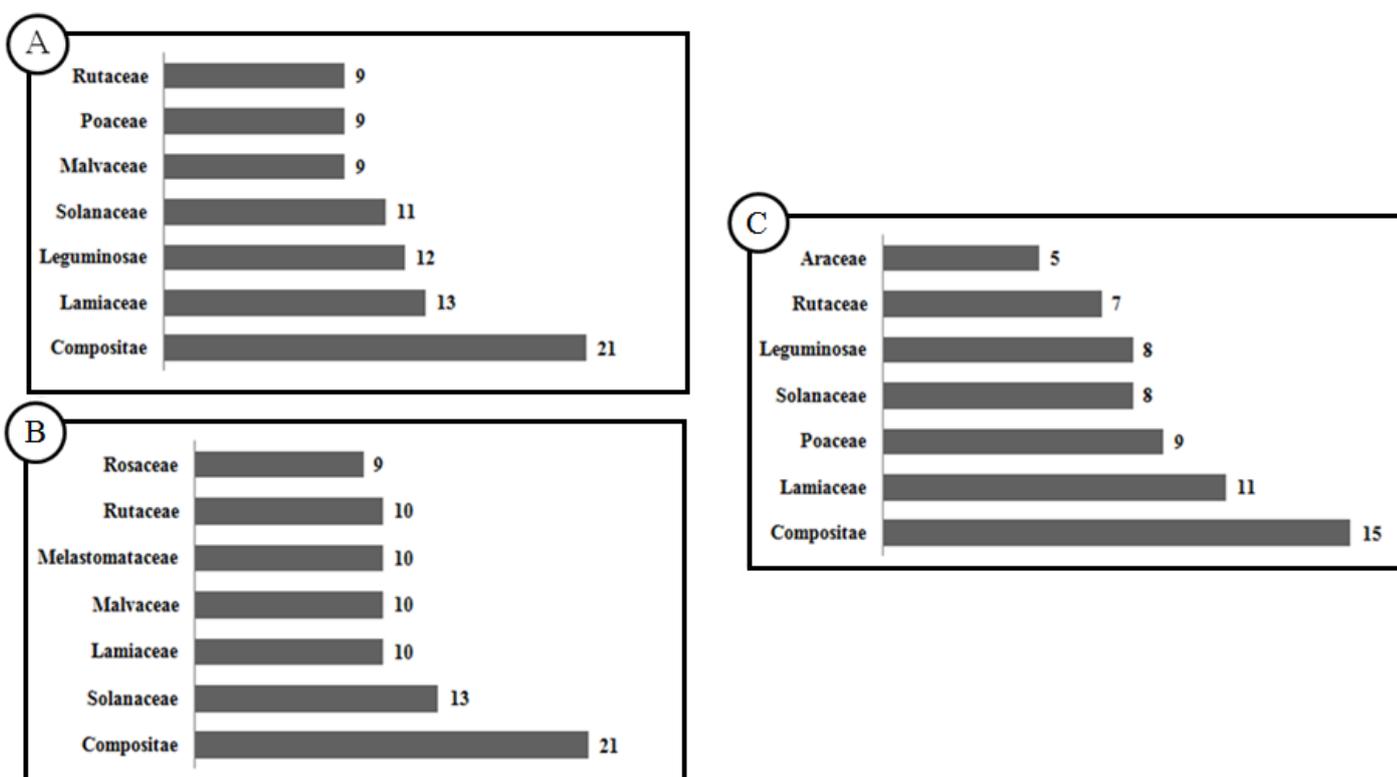


Gráfico 1: Famílias com maior número de espécies citadas como úteis. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.

Autores como Hanazaki *et al.* (2000), Lima *et al.* (2000) e Crepaldi (2007), também encontraram a família Compositae como sendo de predominância entre as espécies citadas em seus trabalhos realizados respectivamente em comunidades Caiçara, Ribeirinha e Quilombola. Tal resultado demonstra a predominância da utilização de espécies da família Compositae em comunidades tradicionais do Brasil. Em relação às categorias de usos, é possível perceber que as espécies utilizadas como medicinal são predominantes nas 3 comunidades estudadas (Gráfico 2).

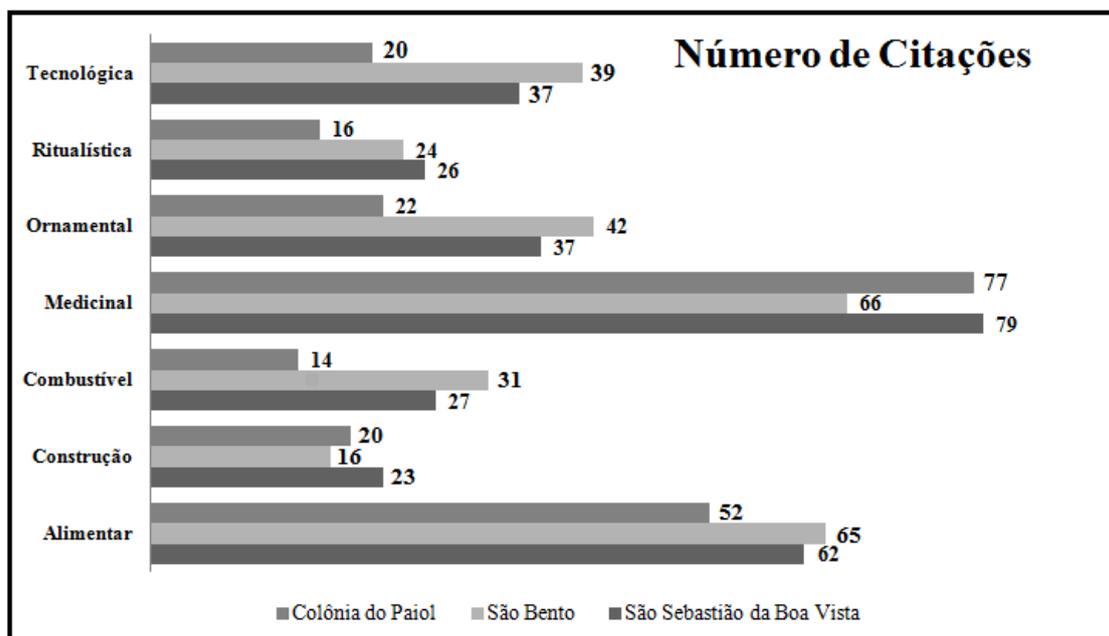


Gráfico 2: Número de citações por categorias de uso, em cada uma das comunidades.

Resultados semelhantes foram encontrados por Hanazaki *et al.* (2000), Lima *et al.* (2000) e França (2001), tendo sido as categorias de uso medicinal e alimentar predominantes entre as espécies citadas. Tal resultado demonstra uma maior diversidade de espécies e vasta possibilidades de usos em relação a categoria medicinal em relação às demais categorias.

6.3 ESPÉCIES NATIVAS LOCAIS

Em geral, percebe-se a predominância no conhecimento e na utilização das espécies exóticas nas 3 comunidades estudadas. Sendo em SSBV, 105 espécies (49,6%) nativas; em SB, 96 (43,4%) e em CP 53 (34,5%) (Gráfico 3).

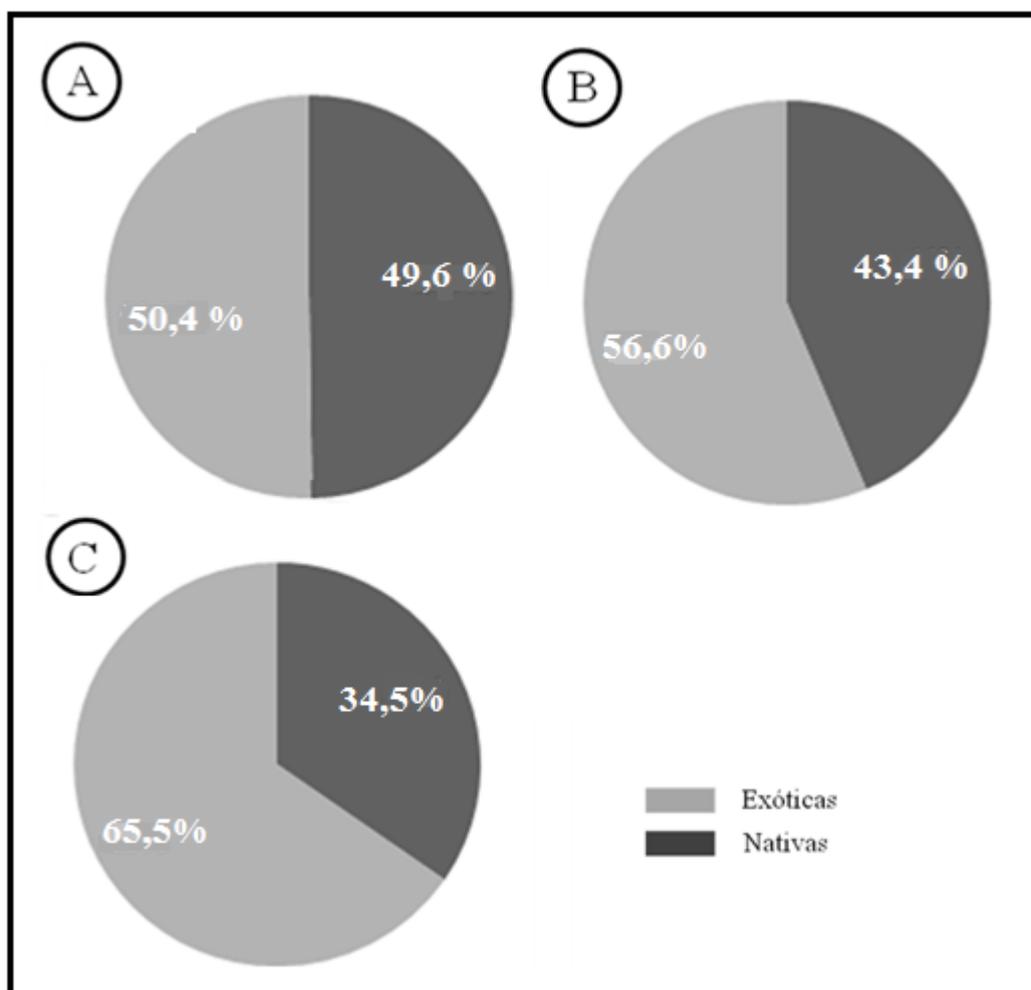


Gráfico 3: Utilização de espécies nativas e exóticas. A - São Sebastião da Boa Vista; B - São Bento; e C - Colônia do Paiol.

O grande número de espécies exóticas utilizadas, demonstram a diversidade cultural que vieram a influenciar o conhecimento das comunidades Quilombolas estudadas. Os africanos, juntamente com os indígenas e europeus, são considerados os principais responsáveis pelas bases culturais e biológicas do conhecimento acerca das espécies botânicas utilizadas no Brasil (ALMEIDA, 2003). De acordo com Conde & Pimenta (2015), quando os escravos trazidos da África chegavam ao Brasil, estes eram forçados ao rearranjo cultural, e utilizavam-se da flora nativa do Brasil de maneira intuitiva. Oliveira (1999) afirma que ocorreu uma substituição das espécies conhecidas na África por nativas do Brasil.

Quando são relacionadas categorias de usos e origem das espécies utilizadas, é possível constatar que as categorias medicinal, alimentar e ornamental são em suas maiorias exóticas nas 3 comunidades estudadas, enquanto que as categorias combustível

e construção são em suas maiorias nativas. Já as categorias, ritualística e tecnológica, são predominantemente nativas apenas em SSBV e SB (Gráfico 4).

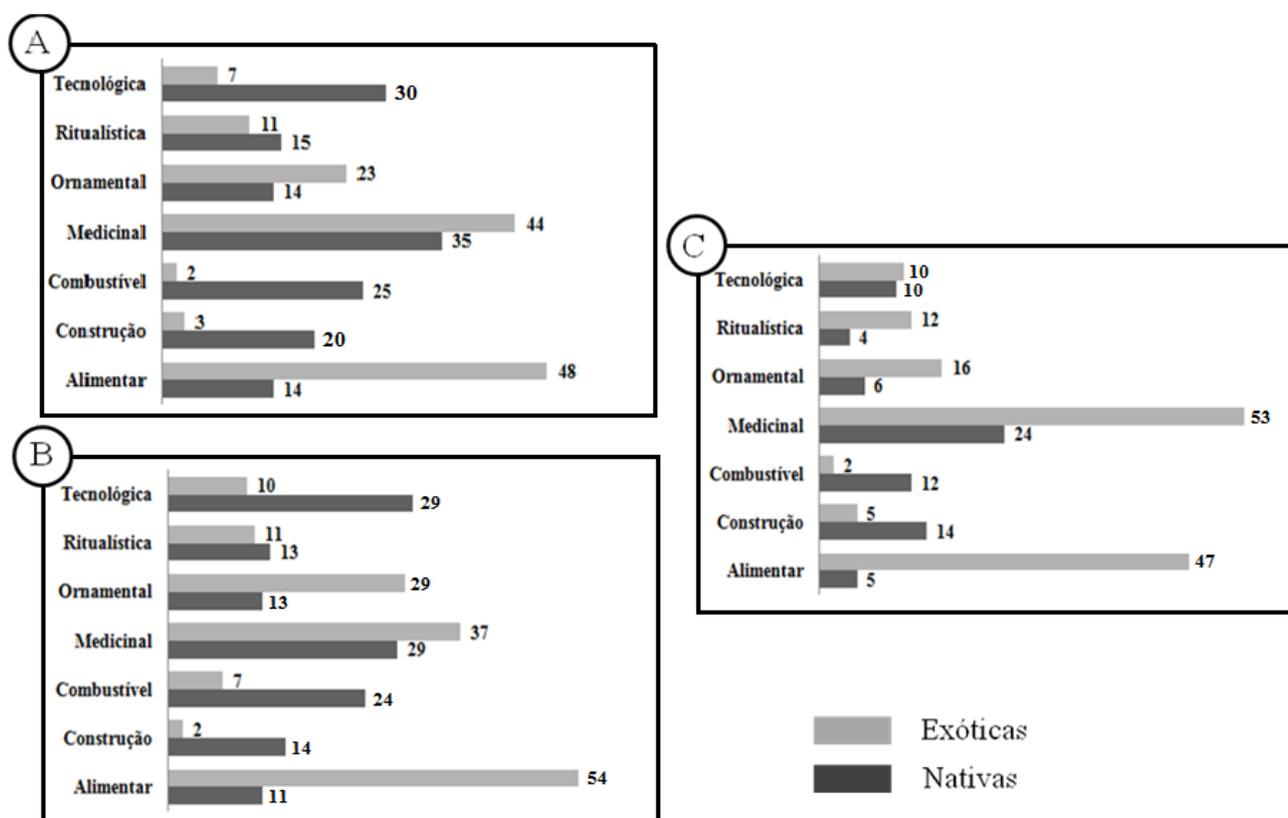


Gráfico 4: Número de citações por categorias de usos em relação à origem das espécies botânicas utilizadas. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.

Em contexto de Mata Atlântica, Hanazaki *et al.* (2000) e Fonseca-Kruel & Peixoto (2004), encontraram resultados semelhantes em relação à predominância das espécies exóticas entre as categorias medicinal e alimentar. Já Crepaldi (2007) em comunidade Quilombola, obteve resultado diferente, onde as nativas predominaram para estas categorias de uso. O menor número de plantas nativas encontradas no presente trabalho pode estar relacionado ao grau de isolamento da comunidade que vêm diminuindo.

Quando se relacionou os hábitos das espécies com as suas origens, constatou-se que é predominante a utilização de espécies com hábito herbáceo, dentre as quais, a maioria são exóticas para o bioma local nas 3 comunidades estudadas (Gráfico 5).

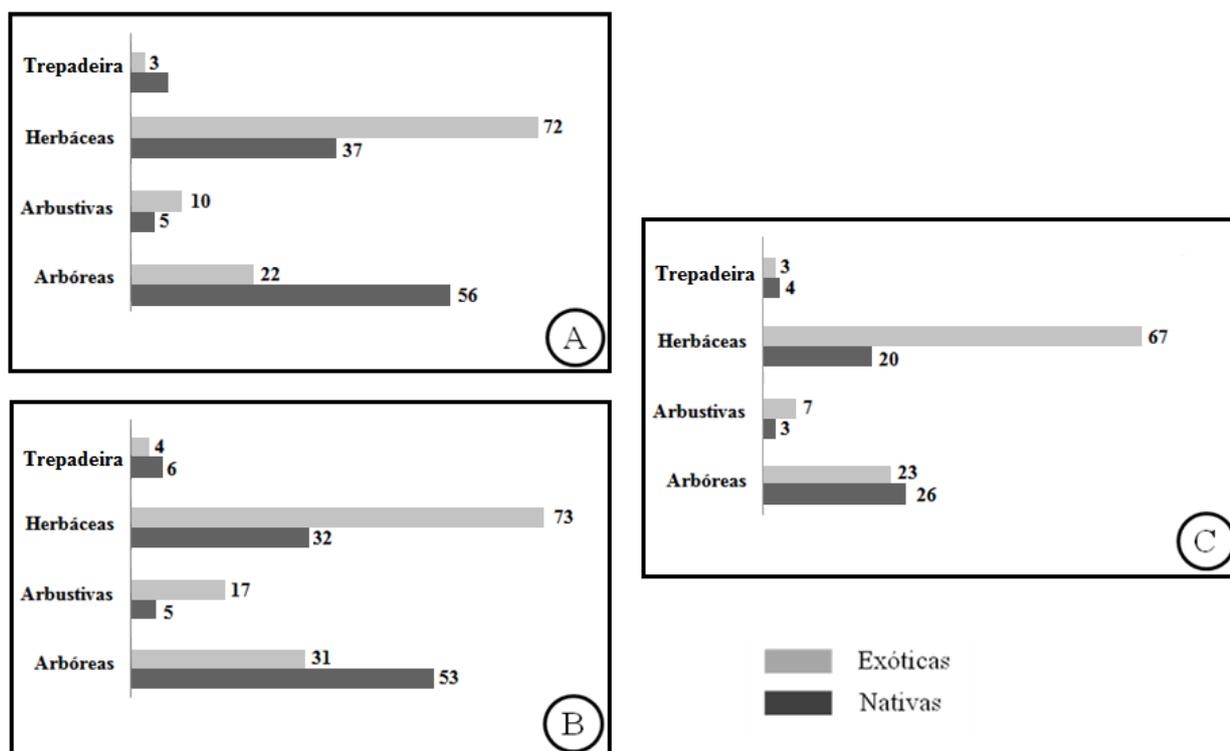


Gráfico 5: Número de citações por hábito da espécie utilizada e suas respectivas origens. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.

O presente resultado poderia sugerir que o manejo praticado nas comunidades estaria sendo caracterizado como de baixo impacto, uma vez que espécies exóticas e herbáceas são utilizadas de forma predominante (CONDE *et al.* 2014). Entretanto, as espécies de hábito arbóreo também são bastante utilizadas, sendo a maioria destas nativas e com predominância na utilização do caule como principal recurso. Sendo assim, passa a existir maior vulnerabilidade em relação aos usos destas (Gráfico 6). De acordo com Crepaldi (2007), estes resultados demonstram a necessidade de se realizar projetos voltados para o aumento da cobertura florestal nativa.

Constatou-se que as folhas são as partes botânicas mais utilizadas nas 3 comunidades estudadas, sendo citadas a utilização desta parte para 82 espécies em SSBV, 77 em SB e 62 em CP (Gráfico 6).

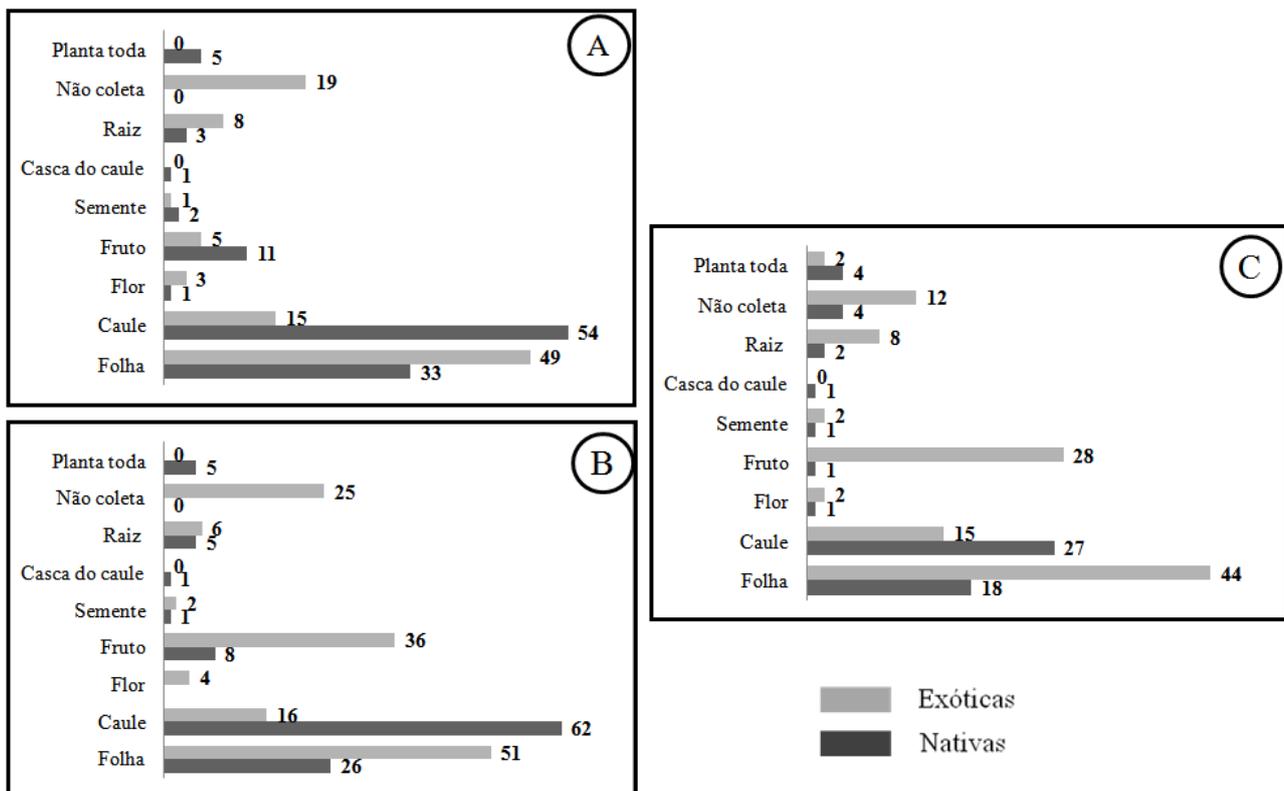


Gráfico 6: Número de citações por partes botânicas utilizadas e suas respectivas origens. A: São Sebastião da Boa Vista; B: São Bento; e C: Colônia do Paiol.

A quantidade significativa do uso do caule das arbóreas e nativas indica a necessidade do desenvolvimento de estratégias para conservação de plantas nativas, com produção de plano de manejo que priorize as mesmas (CREPALDI, 2007).

Sugere-se como iniciativa imediata para o manejo das espécies em que o caule é a principal parte coletada, a utilização prioritária de cascas, folhas e galhos laterais como estruturas de utilização alternativa como proposto por Zschocke *et al.* (2000), visando menor impacto em relação à coleta.

Quando se relacionou o local de coleta com as origens das espécies, constatou-se que, nas 3 comunidades, as espécies cultivadas são predominantemente de origens exótica, enquanto que as florestais são em suas maiorias nativas (Gráfico 7).

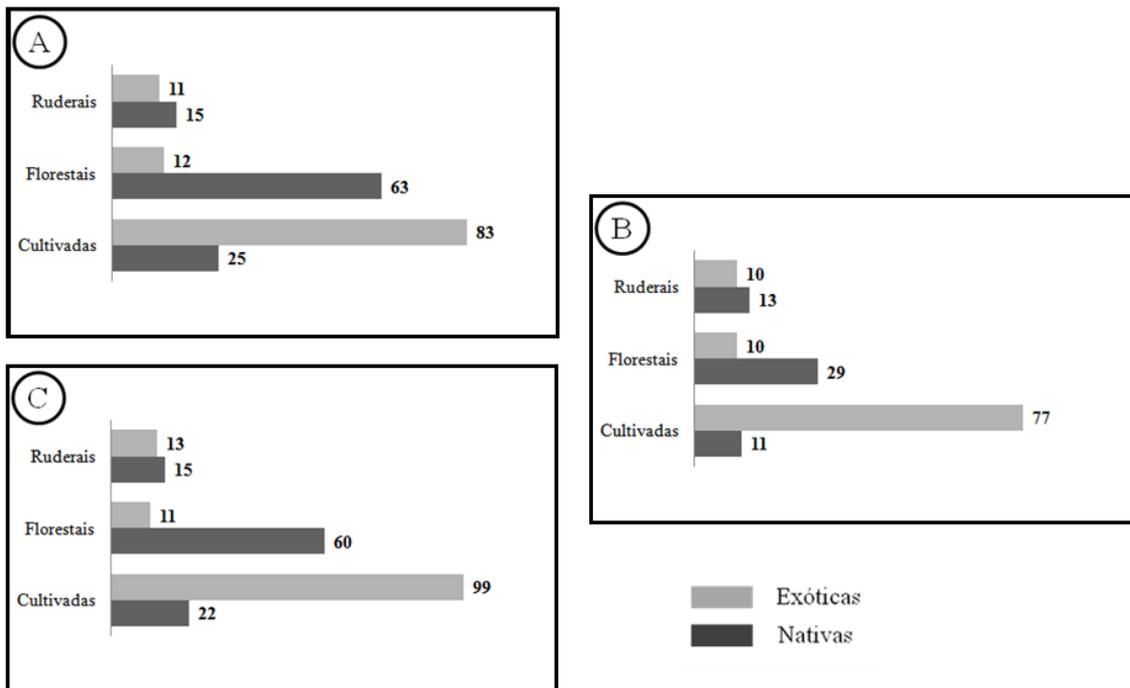


Gráfico 7: Espécies em número de citações por local de ocorrência e origens; A: São Sebastião da Boa Vista, B: São Bento, e C: Colônia do Paiol

De acordo com Vieira & Silva (2002), o cultivo de uma determinada espécie, pode acabar interferindo positivamente na manutenção de sua perpetuação, servindo assim como estratégia de conservação para a mesma. No entanto, nas comunidades em questão, a maioria das espécies cultivadas é de origem exótica, o que torna o enfoque principal da presente avaliação à conservação das espécies nativas florestais locais, uma vez que aparentemente são as mais vulneráveis, e que deveriam ser priorizadas em caso de produção de planos de manejo.

6.3.1 Estados atuais de conservação

Dentre as espécies nativas inventariadas (Tabela 6), e com base em guias para a conservação das espécies nativas de Floresta Atlântica; em SSBV, *Araucaria angustifolia* e *Euterpe edulis* encontram-se em perigo (Biodiversitas), e também ameaçadas de extinção (MMA). Já *Machaerium villosum* encontra-se vulnerável (IUCN). Em SB e em CP, a única espécie incluída nos referidos manuais e citada em ambas as comunidades, foi *Ocotea odorifera*, que encontra-se em perigo (Biodiversitas e MMA).

6.4 ANÁLISES QUANTITATIVAS

6.4.1 Índice de diversidade e de equitabilidade

Os índices de diversidade biológica e de equitabilidade encontrados para as comunidades estudadas são apresentados de forma comparativa com demais comunidades de diversos biomas em que foram realizados estudos etnobotânicos com abrangência de plantas medicinais e para quaisquer uso (Tabela 7).

Tabela 7: Comparação dos índices de diversidade etnobotânico compilados em estudos realizados com comunidades tradicionais do Brasil. Com local do estudo em cidade ou município, autor do estudo, tipo de comunidade, bioma, abrangência do estudo, sendo (G) várias categorias de uso, (M) plantas medicinais; (N° sp) número de espécies citadas; (H'B.e) índice de diversidade na base e; (N° infor.) número de informantes; e (N° cit) número de citações.

Cidade ou Município	Autor	Tipo de Comunidade	Bioma	Abrangência	EI	H' B.e	N° sp.	N° infor.	N° cit.
Xapuri/ AC	Kainer & Duryea, 1992	Rural	Amazônia	G	0,97	4,80	145	14	1284
Ubatuba/ SP	Hanazaki <i>et al.</i> 2000	Caiçaras	Mata Atlântica	G		4,57	162	57	541
Guaraqueçaba/PR	Lima <i>et al.</i> 2000	Rural	Mata Atlântica	G		5,48	445	90	3400
Arraial do Cabo/ RJ	Fonseca-Kruel & Peixoto, 2004	Caiçaras	Mata Atlântica	G		4,1	68	15	444
Ingai/ MG	Botrel <i>et al.</i> 2006	Urbana	Mata Atlântica	G	0,76	4,84	178	17	
Silva Jardim/ RJ	Christo <i>et al.</i> 2006	Rural	Mata Atlântica	G		5,07	209	19	548
Rio Negro/ AM	Silva <i>et al.</i> 2007	Ribeirinhos	Amazônia	G		4,71	425	33	180
Rio Negro/ AM	Silva <i>et al.</i> 2007	Ribeirinhos	Amazônia	G		4,75	632	48	194

Santa Leopoldina/ ES	Crepaldi & Peixoto, 2010	Quilombolas	Mata Atlântica	G		5,12	188	11	
Anchieta/ SC	Vicente, 2010	Rural	Mata Atlântica	G	0,98	4,31	101	78	776
Poxim-Açu/ SE	Lima <i>et al.</i> 2011	Rural	Mata Atlântica	G	0,73	3,9	126	31	
Paraty/ RJ	Brito & Senna Valle, 2012	Caiçaras	Mata Atlântica	G		5,03	190	12	1341
Santos Dumont/ MG	<u>Este estudo, 2016</u>	Quilombolas (SSBV)	Mata Atlântica	G	0,96	5,14	212	7	530
Santos Dumont / MG	<u>Este estudo, 2016</u>	Quilombolas (SB)	Mata Atlântica	G	0,96	5,21	221	6	476
Santos Dumont / MG	<u>Este estudo, 2016</u>	Quilombolas (CP)	Mata Atlântica	G	0,95	4,82	155	8	383
Barcarena/ PA	Amorozo & Gély, 1988	Rural	Amazônia	M	0,94	5,07	220	17	365
Santo Antônio do Leverger/ MT	Amorozo, 2002	Rural	Pantanal	M	0,94	5,09	228	48	938
Itacaré/ BA	Pinto <i>et al.</i> 2006	Comunidade Rural	Mata Atlântica	M	0,92	4,21	98	26	379
Mogi Mirim/ SP	Pilla <i>et al.</i> 2006	Urbana	Mata Atlântica	M	0,87	4,07	107	50	516
Anastácio/ MS	Cunha & Bortolotto, 2011	Rural	Cerrado	M	0,94	5,03	209	35	
Ascurra/ SC	Meyer <i>et al.</i> 2012	Rural	Mata Atlântica	M	0,92	4,23	109	42	314

Os índices de diversidade apresentados pelas comunidades estudadas são considerados altos em relação aos encontrados em outras comunidades brasileiras, o que demonstra que as comunidades estudadas apresentam um relevante conhecimento etnobotânico. No entanto para o presente estudo, destaque para a comunidade de SB, apresentando o segundo maior índice de diversidade (5,21) dentre todas as comunidades comparadas. Lima *et al.* (2000), estes índices podem indicar que a população estudada apresenta significativo conhecimento etnobotânico.

Quanto aos índices de equitabilidade, SSBV e SB apresentaram (0,96), enquanto CP (0,95). Estes valores indicam uma relativa homogeneidade de conhecimento etnobotânico, o que de acordo com Meyer *et al.* (2012) também pode demonstrar que o conhecimento etnobotânico local teve uma origem comum e de ampla utilização. Além disso, o mesmo pode sugerir que ancestralmente este conhecimento acumulado pelas 3 comunidades pode ter tido também uma origem comum, uma vez que das 93 espécies utilizadas em comum, 53 (57%) apresentam o mesmo nome vernacular.

6.4.2 Índices de: significância cultural (ISC), prioridade de conservação (IPC) e valor em relação ao uso (IVU)

Das espécies nativas analisadas em SSBV e SB, quanto ao ISC, estes variaram em SSBV de 0,14 a 26, e em SB de 0,16 a 3,32. Já em relação as categorias referentes ao IPC, em SSBV 33 estão em categoria 1 e em SB 32. Enquanto que os valores de IVU, em SSBV variaram de 0,14 a 2,14 e em SB de 0,17 a 1 (Tabela 8).

Tabela 8: Espécies florestais nativas citadas como úteis pelas comunidades analisadas, sendo SSBV - São Sebastião da Boa Vista e SB - São Bento, em ordem alfabética de espécies botânicas, seguido de prioridade de conservação, categoria, de valor em relação ao uso, significância cultural e estágio sucessional com pontos e respectiva categoria Categoria 1 (Cat 1) - espécies com pontuação ≥ 85 com prioridade de conservação e não devem ser coletadas enquanto as precauções adequadas não forem tomadas ; Categoria 2 (Cat2) - espécies com pontuação entre 85 e 60 pode ser moderadamente recolhido; Categoria 3 (Cat 3) - espécies com pontuação ≤ 60 são adequadas para a coleta .

Espécies	Índice de Prioridade de Conservação (IPC)				Índice de Valor em Relação ao Uso (IVU)		Índice de Significância Cultural (ISC)	
	Valores		Categoria		Valores		Valores	
	SSBV	SB	SSBV	SB	SSBV	SB	SSBV	SB
<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schldtl.		85		1		0.32		0.32
<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	100	100	1	1	0.42	0.82	0.86	1.66
<i>Aegiphila</i> sp.	92.5		1		0.14		0.14	
<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F.Macbr.	85		1		0.85		1.72	
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	92.5		1		0.14		0.14	
<i>Aristolochia</i> sp.	92.5	100	1	1	0.71	0.67	1.71	1.5
<i>Aureliana tomentosa</i> Sendtn.		75		2		0.32		0.96
<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart	62.5	67.5	2	2	0.14	0.17	0.14	0.16
<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	92.5		1		0.14		0.14	
<i>Casearia lasiophylla</i> Eichler		85		1		0.32		1.32
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	85	62.5	1	2	0.42	0.67	1.72	2
<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	100	70	1	2	0.42	0.67	0.84	3.32
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	100	100	1	1	0.85	0.5	2.85	1
<i>Cissampelos pareira</i> L.		100		1		0.17		0.32
<i>Croton urucurana</i> Baill.	100	100	1	1	0.85	1	2.84	2
<i>Cupania ludowigii</i> Somner & Ferrucci	100		1		0.28		0.56	
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.		100		1		0.32		0.66
<i>Cuphea</i> sp.	62.5	75	2	2	0.42	0.32	0.28	1.32
<i>Cyathea</i> sp.		92.5		1		0.17		0.16
<i>Dalbergia hortensis</i> Heringer & al.	100	92.5	1	1	2.14	0.17	26	1

<i>Davilla rugosa</i> Poir.	70	70	2	2	0.42	0.32	0.86	0.66
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	92.5	100	1	1	0.14	0.32	0.14	0.66
<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish.	70	100	2	1	1	0.5	6.88	2
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	77.5		2		0.28		0.28	
<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less) Cabrera	92.5		1		0.28		0.14	
<i>Guatteria villosissima</i> A. St.-Hil.	85	100	1	1	0.57	0.67	0.56	0.66
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	100	77.5	1	2	0.42	0.17	0.86	0.16
<i>Hyptidendron asperrimum</i> (Spreng.) Harley	92.5		1		0.14		0.14	
<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.		77.5		2		0.32		0.32
<i>Leandra nianga</i> Cogn.		92.5		1		0.32		0.16
<i>Leandra sericea</i> DC.		100		1		0.32		0.16
<i>Leandra</i> sp.	70		2		0.42		0.86	
<i>Lobelia fistulosa</i> Vell.	77.5		2		0.14		0.14	
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	85		1		0.57		1.12	
<i>Lygodium volubile</i> Sw.	85	100	1	1	0.28	0.32	3.36	0.48
<i>Machaerium</i> sp.	70		2		0.28		3.36	
<i>Machaerium isadelphum</i> (E.Mey.) Standl.	77.5		2		0.14		0.28	
<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.		85		1		0.32		0.66
<i>Machaerium villosum</i> Vogel	92.5		1		0.14		0.28	
<i>Machaerium dimorphandrum</i> Hoehne		85		1		0.17		0.32
<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.		100		1		0.5		0.99
<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	55		3		0.85		1.72	
<i>Merostachys</i> sp.	85	70	1	2	1	0.17	2.28	0.16
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.		92.5		1		0.32		0.16
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	85	70	1	2	0.28	0.17	1.12	0.16
<i>Miconia cubatanensis</i> Hoene	70	85	2	1	0.42	0.5	0.56	1
<i>Miconia</i> sp.		77.5		2		0.32		0.16

<i>Miconia</i> sp. ¹		100		1		0.5		0.16
<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd	77.5		2		0.14		0.14	
<i>Mikania hirsutissima</i> var. <i>ursina</i> Baker	77.5	55	2	3	0.14	0.32	0.14	0.16
<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	70		2		0.14		0.14	
<i>Myrcia perforata</i> O.Berg		62.5		2		0.5		0.16
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	55	100	3	1	0.71	1	0.57	3
<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze		85		1		0.32		0.66
<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart.	100	85	1	1	1	1	1.14	0.32
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer		77.5		2		0.17		0.32
<i>Ocotea</i> sp.		92.5		1		0.17		0.32
<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	100		1		0.28		0.56	
<i>Passiflora</i> sp.	70	70	2	2	0.28	0.17	0.14	0.16
<i>Piper arboreum</i> Aubl.		77.5		2		0.17		0.16
<i>Piper miquelianum</i> C. DC.	85		1		0.28		1.12	
<i>Piper</i> sp.		92.5		1		0.17		2.5
<i>Piper umbellatum</i> L.	77.5	92.5	2	1	0.14	0.82	0.56	0.16
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	55	70	3	2	1	1	4.3	3.32
<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker	77.5		2		0.14		1.12	
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	85		1		0.28		0.56	
<i>Pseudobombax</i> sp.		92.5		1		0.32		0.16
<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	77.5		2		0.28		0.56	
<i>Psidium guineense</i> SW.	77.5		2		0.28		0.56	
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	77.5	85	2	1	0.14	0.32	0.14	0.66
<i>Rollinia sylvatica</i> (A. St.-Hil.) Martius	100	92.5	1	1	0.28	0.17	0.56	0.16
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	85	77.5	1	2	0.28	0.17	0.56	0.16
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	92.5	55	1	3	0.14	0.32	0.14	0.66
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S.Irwin & Barneby	100	70	1	2	0.42	0.32	1.12	1.98
<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng)A.DC.	77.5	55	2	3	0.42	0.67	0.86	1
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	70	55	2	3	0.28	0.67	1.12	1
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K.	85	70	1	2	0.71	1	4.26	3.32

Schum.								
<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.		70		2		0.17		2
<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	70	77.5	2	2	1	0.32	6.02	1.32
<i>Tibouchina semidecandra</i> (Mart. & Schrank ex DC.) Cogn.		47.5		3		0.17		0.16
<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy.	55	47.5	3	3	0.57	0.17	1.72	0.16
<i>Xylopia sericea</i> A. St-Hill.	92.5		1		0.14		0.14	
<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.		77.5		2		0.67		0.16
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	85	77.5	1	2	0.42	0.5	0.86	0.16
<i>Zeyheria tuberculosa</i> (Vell.) Bureau ex Verl.		92.5		1		0.17		0.16

Entre as espécies com relevantes valores para o ISC (valor acima de 1), 14 (42,4%) estão na categoria 1 de prioridade de conservação em SSBV e 9 (29%) em SB . Por isso, é necessário que as espécies mais importantes culturalmente também estão entre aquelas com maior risco em relação à sua conservação. Relacionando IVU a ISC, destacam-se em SSBV *Dalbergia hortensis* (26/ 2.14), *Eremanthus erythropappus* (6,88/ 1) e *Tibouchina granulosa* (6,02/ 1), enquanto que em SB *Piptadenia gonoacantha* (3,32/ 1), *Sparattosperma leucanthum* (3,32/ 1) e *Cecropia glaziovii* (3,32/ 0,67). Percebe-se assim a relação entre ISC e IVU em ambas as comunidades, uma vez que os maiores valores de ISC estão proporcionalmente de acordo com os maiores valores para IVU. Embora a maior parte das espécies encontrarem-se como sendo de categoria 1 para ambas as comunidades, observa-se que as espécies de categoria 2 e 3 estão apresentando também relevância quanto aos valores de ISC, que mostrou proporcionalidade ao valor em relação ao uso (Gráfico 8).

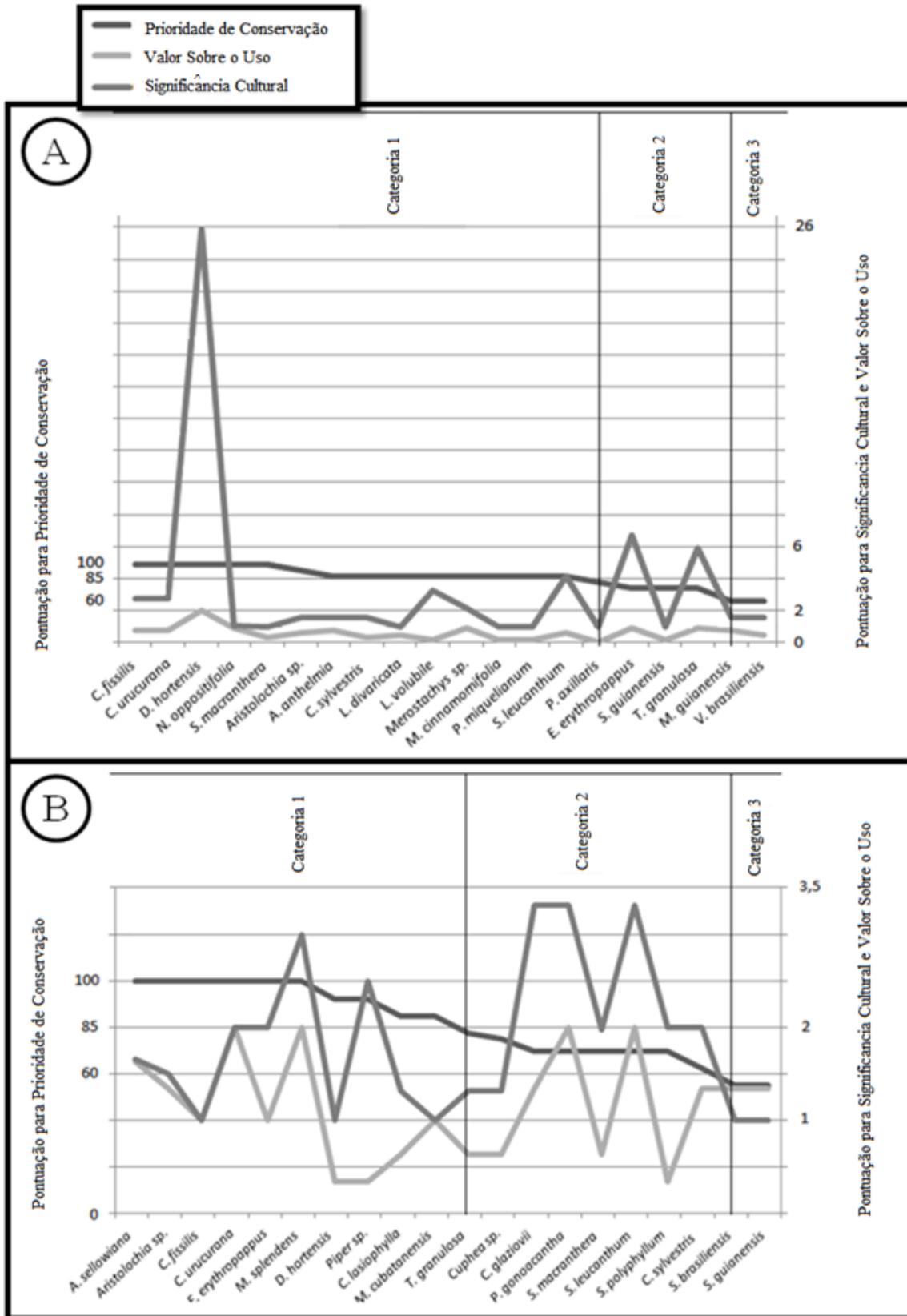


Gráfico 8: Correlação entre índices de importância cultural, prioridade de conservação e valor em relação ao uso. A: São Sebastião da Boa Vista; e B: São Bento.

Ao se comparar as duas comunidades, em relação ao ISC, percebe-se que em SSBV os valores são consideravelmente maiores do que em SB, especialmente em relação à espécie *Dalbergia hortensis* (Figura 21). O uso desta espécie, foi difundido por "Pai Tudo", já referido no presente trabalho. Em SB, o mesmo "Pai Tudo" foi mencionado como disseminador de outra espécie ritualística *Aureliana tomentosa* Sendtn., que não apresentou valor de ISC considerado alto (0,96). No entanto é importante salientar que a mesma pode estar sendo guardada em segredo pela comunidade, o que segundo Albuquerque & Lucena (2004) se trata de um segredo cultural, uma vez que foi relatado pelo líder de SB que esta espécie pode ser nociva a quem venha utilizá-la sem conhecimentos prévios sobre seus potenciais ritualísticos.

Para as duas comunidades consideradas, as espécies com maior ISC (*D. hortensis* para SSBV e *S. Leucanthum* para SB) são utilizadas para fins ritualísticos em ambas as comunidades, o que demonstra a forte influência religiosa de cultura de ancestralidade africana que se utiliza de rituais com plantas, apesar de toda a influência do catolicismo atual (O'DWYER, 1998).

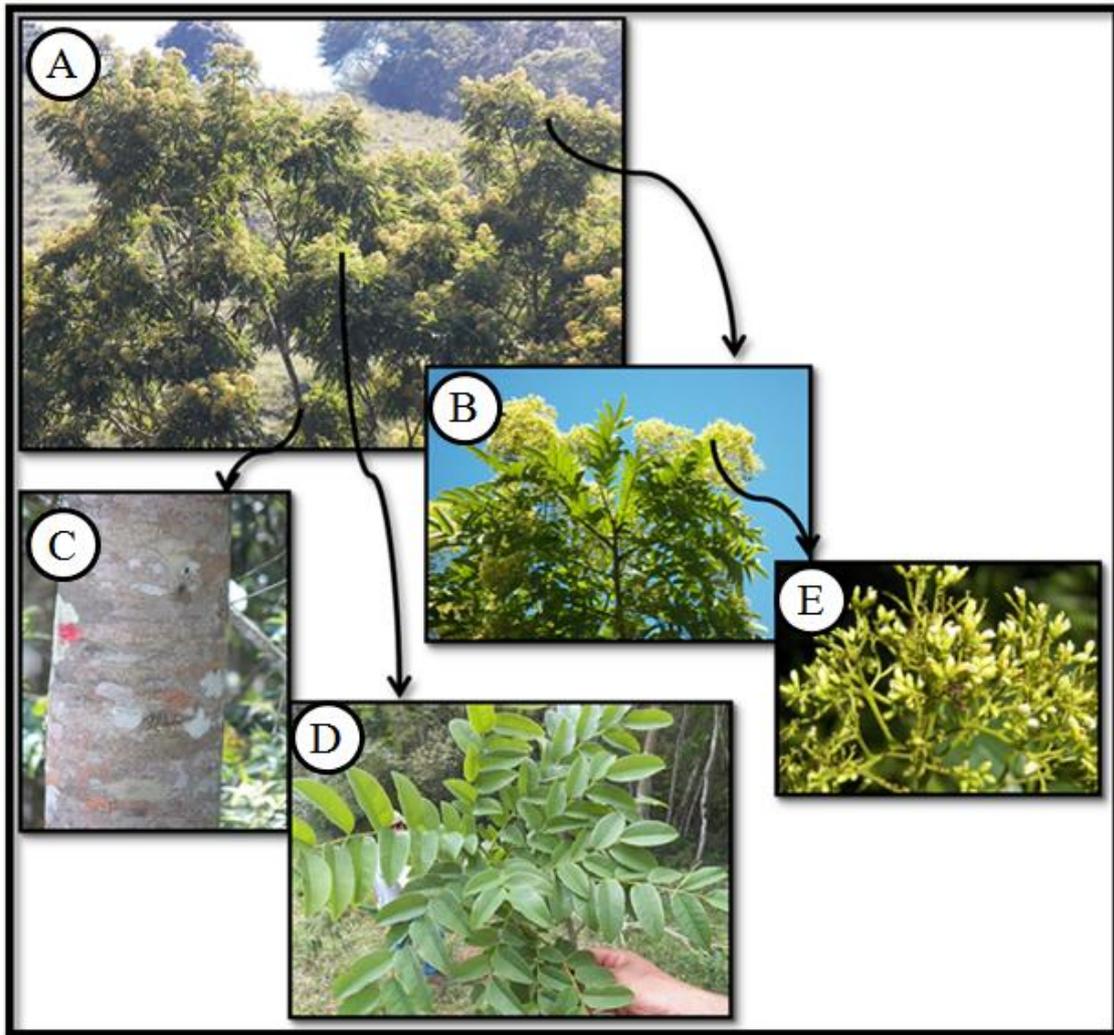


Figura 14: *Dalbergia hortensis*, fotografada na comunidade de São Sebastião da Boa Vista e seus detalhes quanto suas partes botânicas. Sendo A: Espécime adulta vista em campo; B: Ramo com inflorescência; C: Caule; D: Folhas; e E: Inflorescência. Créditos de imagem: Bruno Esteves Conde.

Considerando o IPC, as espécies classificadas como de maior prioridade para a conservação em SSBV são, *Dalbergia hortensis* Heringer & al., *Nectandra oppositifolia* Nees & Mart., *Croton urucurana* Baill. *Cedrela fissilis* Vell.; Já em SB são *Croton urucurana* Baill., *Myrcia splendens* (Sw.) DC. e *Aegiphila sellowiana* Cham.

Das 86 espécies nativas florestais inventariadas para ambas as comunidades, 59 referem-se a SSBV, tendo sido classificadas 33 (56%) na categoria 1 de prioridade de conservação, 22 (37%) na categoria 2, e 4 (7%) na categoria 3. Enquanto que em SB,

das 61 espécies, 32 (52%) foram classificadas na categoria 1, 23 (38%) na categoria 2 e 6 (10%) na categoria 3 (Gráfico 9).

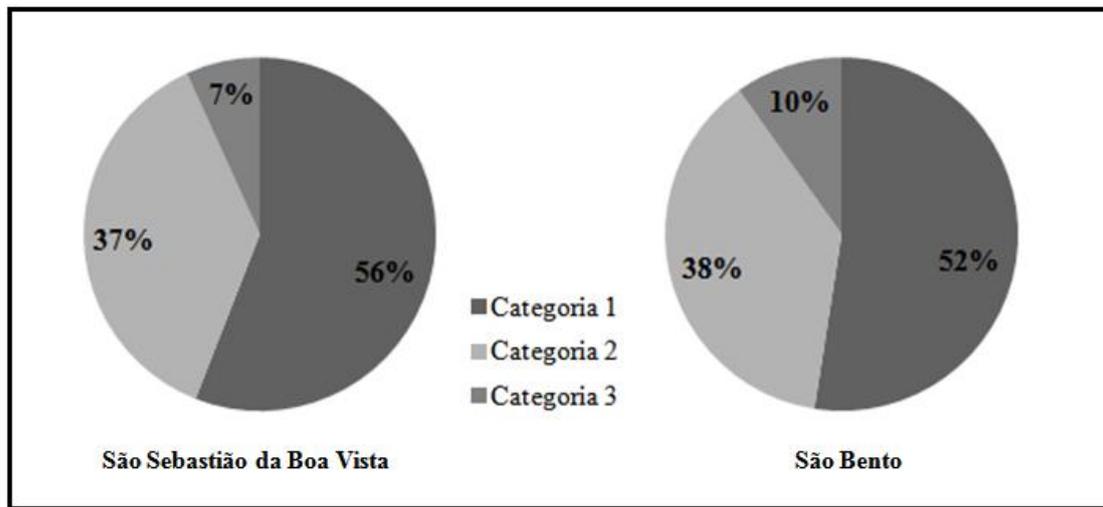


Gráfico 9: Porcentagem de espécies nativas florestais de acordo com suas categorias de prioridade de conservação para as duas comunidades consideradas.

De acordo com Hanazaki (2003), em áreas florestais, quando o número de espécies nativas em risco são predominantes em levantamentos etnobotânicos, é indispensável que seja produzido um plano de manejo voltado para a conservação destas, o que garante a manutenção destas espécies e conservam as matérias primas utilizadas por estas comunidades, e assim pode contribuir para a qualidade de vida destas populações e ao mesmo tempo proporcionar a conservação da biodiversidade.

6.4.3 Estágio sucessional das florestas locais e caracterização dos ambientes florestais estudados

Das espécies identificadas, 85 foram são arbóreas e florestais, sendo 59 referentes a SSBV e 61 a SB, 35 comuns a ambas as comunidades (Tabela 9).

Tabela 9: Ordem alfabética de espécies nativas e arbóreas das comunidades São Sebastião da Boa Vista (SSBV) e São Bento (SB) e seus estados ecológico sucessionais, onde: (P) pioneira, (S) secundárias, (ST) secundárias tardias e (C) clímax.

Species	SSBV	SB	Estágio de sucessão ecológica			
			P	S	ST	C
<i>Acnistus arborescens</i> (L.) Schltld.		x	x			
<i>Aegiphila sellowiana</i> Cham.	x	x	x			
<i>Aegiphila</i> sp.	x		x			
<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) J.F.Macbr.	x				x	
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	x			x		
<i>Aristolochia</i> sp.	x	x		x		
<i>Aureliana tomentosa</i> Sendtn.		x		x		
<i>Cabrlea canjerana</i> (Vell.) Mart	x	x			x	
<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	x		x			
<i>Casearia lasiophylla</i> Eichler		x	x			
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	x	x	x			
<i>Cecropia glaziovii</i> Sneathl.	x	x	x			
<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	x	x		x		
<i>Cissampelos pareira</i> L.		x		x		
<i>Croton urucurana</i> Baill.	x	x	x			
<i>Cupania ludowigii</i> Somner & Ferrucci	x		x			
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.		x	x			
<i>Cuphea</i> sp.	x	x	x			
<i>Cyathea</i> sp.		x		x		
<i>Dalbergia hortensis</i> Heringer & al.	x	x			x	
<i>Davilla rugosa</i> Poir.	x	x		x		
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	x	x			x	
<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish.	x	x	x			
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	x					x
<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less) Cabrera	x			x		
<i>Guatteria villosissima</i> A. St.-Hil.	x	x		x		
<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	x	x	x			
<i>Hyptidendron asperrimum</i> (Spreng.) Harley	x				x	
<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.		x			x	
<i>Leandra nianga</i> Cogn.		x	x			
<i>Leandra sericea</i> DC.		x	x			
<i>Leandra</i> sp.	x		x			
<i>Lobelia fistulosa</i> Vell.	x		x			
<i>Luehea divaricata</i> Mart.	x			x		
<i>Lygodium volubile</i> Sw.	x	x		x		
<i>Machaerium isadelphum</i> (E.Mey.) Standl.	x		x			
<i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth.		x			x	
<i>Machaerium</i> sp.	x			x		
<i>Machaerium villosum</i> Vogel	x			x		
<i>Machaerium dimorphandrum</i> Hoehne		x	x			

<i>Machaerium scleroxylon</i> Tul.		X		X		
<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	X		X			
<i>Merostachys</i> sp.	X	X	X			
<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.		X		X		
<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	X	X	X			
<i>Miconia cubatanensis</i> Hoene	X	X		X		
<i>Miconia</i> sp.		X			X	
<i>Miconia</i> sp. ¹		X		X		
<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd	X			X		
<i>Mikania hirsutissima</i> var. <i>ursina</i> Baker	X	X	X			
<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	X		X			
<i>Myrcia perforata</i> O.Berg		X	X			
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	X	X	X			
<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze		X		X		
<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart.	X	X		X		
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer		X				X
<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	X			X		
<i>Ocotea</i> sp.		X		X		
<i>Passiflora</i> sp.	X	X		X		
<i>Piper arboreum</i> Aubl.		X		X		
<i>Piper miquelianum</i> C. DC.	X			X		
<i>Piper</i> sp.		X		X		
<i>Piper umbellatum</i> L.	X	X		X		
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	X	X	X			
<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker	X		X			
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	X		X			
<i>Pseudobombax</i> sp.		X		X		
<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	X		X			
<i>Psidium guineense</i> SW.	X		X			
<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker Gawl.) Miers	X	X		X		
<i>Rollinia sylvatica</i> (A. St.-Hil.) Martius	X	X		X		
<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	X	X	X			
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	X	X	X			
<i>Senna macranthera</i> (Collad.) H.S.Irwin & Barneby	X	X	X			
<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng)A.DC.	X	X		X		
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	X	X	X			
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	X	X	X			
<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.		X		X		
<i>Tibouchina granulosa</i> (Desr.) Cogn.	X	X		X		
<i>Tibouchina semidecandra</i> (Mart. & Schrank ex DC.) Cogn.		X		X		
<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy.	X	X	X			
<i>Xylopia sericea</i> A. St-Hill.	X			X		
<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.		X		X		
<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	X	X		X		
<i>Zeyheria tuberculosa</i> (Vell.) Bureau ex Verl.		X		X		

Percebe-se que em SSBV predominam as espécies pioneiras (51%), enquanto que em SB as secundárias tardias (47%) (Gráfico 10). De acordo com os critérios para definição de estágios sucessionais propostos por Loefgren (1896), Eiten (1970), Budowski (1965), Resoluções CONAMA (1993 e 1994) e Tabarelli (1994), pode-se inferir preliminarmente que a floresta em SSBV caracteriza-se como sendo estágio inicial a médio de regeneração, enquanto que em SB, estágio médio. Sendo assim, percebe-se que a floresta em SB é mais velha e mais bem consolidada que em SSBV. Os dois fragmentos encontram-se perturbados e caso não sejam adotadas estratégias para suas conservações, os mesmos podem estar correndo riscos em relação à suas manutenções.

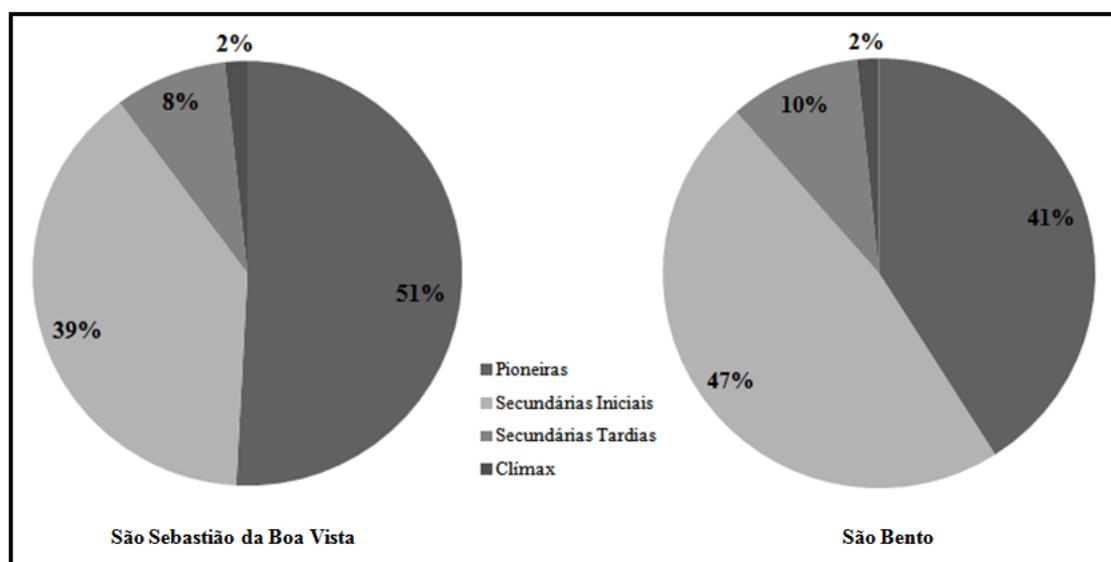


Gráfico 10: Porcentagem de espécies em relação à sua categorização de estágio sucessional para as duas comunidades consideradas.

Segundo os entrevistados de ambas as comunidades, as florestas locais caíram acentuadamente nos últimos 50 anos, com um aumento das terras de pastagem e de plantio de eucalipto. De acordo com relatos informais em SSBV, o aumento das atividades agrícolas desde a década de 1960 e o início de carvoarias na década de 1970 consumiram muitas árvores nativas florestais, já que eram as principais matérias primas utilizadas. Em SB, foi relatado que os fazendeiros locais emprestavam parte de suas terras para os Quilombolas em troca do trabalho destes nas colheitas das lavouras de suas fazendas. Desta forma as fazendas locais reduziam suas florestas para aumentar o

espaço agrícola. A combinação de fatores, tais como destruição do habitat e coleta inadequada, pode estar causando declínio das populações nativas das florestas locais

7 CONCLUSÃO

Os resultados encontrados no presente estudo demonstram que os Quilombolas de SSBV, SB e CP possuem um amplo conhecimento das plantas locais, porém ainda utilizam predominantemente espécies de origem exótica para o bioma local.

O conhecimento ecológico tradicional no contexto das comunidades Quilombolas de SSBV, SB e CP pode interferir diretamente na conservação da biodiversidade vegetal local. Além disso, a falta de espaço florestal em CP mostrou-se como um problema, não só para a preservação da biodiversidade, como também para a manutenção da perpetuação do conhecimento ecológico tradicional e consequente perda de patrimônio imaterial.

No contexto das comunidades de SSBV e SB, em que o acesso às florestas locais ainda é frequente, é possível concluir que, caso não haja intervenção em termos de gestão e replantio de determinadas espécies nativas úteis, estas passam a correr risco de desaparecer no local, sendo 42,4% destas em SSBV e 29% em SB. Chama-se a atenção para a espécie *Dalbergia hortensis*, por seu relevante índice de importância cultural e por sua alta vulnerabilidade em termos de manejo e uso em SSBV.

Para as comunidade de SSBV e SB, e em relação a importância local dada à às espécies, conclui-se que em geral as espécies mais importantes também correm maior risco, embora não se trate de uma regra geral, já que as algumas espécies em Categoria 1 e 3, apresentam importância cultural significativa, não confirmando a relação da conservação com a importância cultural.

Com base nos resultados é essencial a produção de um plano de gestão sustentável que leva em conta o conhecimento local sobre a gestão e utilização de plantas, com o desenvolvimento de programas que priorizem a recomposição florestal com espécies classificadas em risco. Pode-se incluir também programas agroflorestais que atendam às necessidades de produção de espécies culturalmente importantes e de conservação biológica .

As comunidades em questão mostram-se motivadas pelo presente trabalho, o que demonstra a viabilidade para o desenvolvimento de estratégias com base neste estudo, e que possam vir a dar maior visibilidade a estas que ainda são desamparadas pelas agências governamentais.

A diminuição dos espaços florestais que historicamente eram maiores e de livre acesso pelas comunidades em questão passaram a ser menos utilizado ou mesmo proibidos pelos fazendeiros locais, que ao longo dos anos aumentaram suas áreas de produção de eucalipto e criação de gado e acabaram tomando posse arbitrariamente dos espaços Quilombolas, onde as comunidades buscavam suas principais matérias primas para o atendimento das demandas locais.

É urgente a necessidade de iniciativa para a demarcação das terras das presentes comunidades, juntamente com o desenvolvimento de um plano de manejo sustentável que assegure aos moradores locais a possibilidade de melhoria sócio-econômica através da manutenção do conhecimento ecológico tradicional e que possa contribuir na promoção da melhoria da qualidade de vida dessas comunidades.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. Ateliê Editorial. 2003.

ALBUQUERQUE, U. P. Introdução a etnobotânica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência. 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 16(3): 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas para a coleta de dados. In: *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. (Ed.). ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Recife: Livro Rápido/NUPEEA. pp. 39-159. 2004.

ALEXÍADES, M. Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. New York. The New York Botanical Garden. 1996.

ALMEIDA, M. Z. Plantas Medicinais. Salvador, EDUFBA. 2003.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Medicinais. In: DI STATSI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP. pp. 47-68, 1996.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 16 (2): 189-203, 2002.

AMOROZO, M.C.M. & GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica* 4(1): 47-131, 1988.

ANDRADE, T. Quilombos em São Paulo: tradições, direitos e lutas. São Paulo: Imesp, 1997.

ARAÚJO, E. L.; FERRAZ, E. M. N. Análise da vegetação nos estudos etnobotânicos. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cruz da Cunha, L. V. F. 2010. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica, Recife: NUPEA. 2010.

AUSTIN-RAGOSTA, S. Historical influences on the Development of Indigenous Jamaican Maroon Ethnomedicine: comparisons with West African and Arawak Ethnopharmacopoeia. *Journal of Pan African Studies*, 5(1): 278-280, 2012.

BARBOSA, W.A. Negros e quilombos em Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1972.

BEGOSSI, A. Use of ecological methods in Ethnobotany. *Economic Botany*. 50 (3): 280-289, 1996.

BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y. Medicinal plants in the Atlantic Forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. *Human Ecology*. 30 (3): 281-299, 2002.

BERKES, F. *Sacred Ecology*. Philadelphia, Taylor and Francis. 1999.

BERKES, F.; COLDING, J.; FOLKE, C. Rediscovery of traditional ecological knowledge as adaptive management. *Ecological Applications* 10(5): 1251-1262, 2000.

BERNARD, H. R. *Research methods in cultural anthropology*. 4. ed. USA: SAGE Publication. 2006.

BRITO, M. R.; SENNA-VALLE, L. Diversity of plant knowledge in a “Caiçara” community from the Brazilian Atlantic Forest coast. *Acta Botanica Brasilica*. 26(4): 735-747, 2012.

BOTREL, R. T.; RODRIGUES, L. A.; GOMES, L. J.; CARVALHO, D. A.; FONTES, M. A. L. Uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingaí, MG, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 20(1): 143-156, 2006.

BUDOWSKI, A. Distribution of tropical American rain forest species in the light of successional progresses. *Turrialba*, 15: 40-2, 1965.

CAKILCIOGLUA, U.; KHATUNB, S.; TURKOGUC, I.; HAYTAD, S. Ethnopharmacological survey of medicinal plants in Maden (Elazig-Turkey). *J Ethnopharmacol* 137: 469 - 486. 2011.

CAMPOLINA, A. M. P.; MELO, C. A.; DE ANDRADE, M. G. Escravidão em Minas Gerais. *Arquivo Público Mineiro*, 1988.

CARVALHEIRO, A. L. A biologia na produção de sementes e mudas de espécies nativas. *Noções básicas*. Campinas: EDUEL. 12p., 2006.

CATHARINO, E. L. M. Florística de matas ciliares. In: *Simpósio sobre Mata Ciliar*. Campinas: Fundação Cargill, p. 61-70, 1989.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO ELOY FERREIRA DA SILVA (CEDEFES). *Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI: história e resistência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHRISTO, A. G.; GUEDES-BRUNI, R. R.; SILVA, A.G. Conhecimento local em horta medicinal numa comunidade rural adjacente à Floresta Atlântica no sudeste do Brasil. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 20(4): 494-501, 2006.

CINCOTTA, R. P.; WISNEWSKI, J.; ENGELMAN, R. População humana nos hotspots de biodiversidade. *Nature*. 404 (6781): 990-992, 2000.

CONDE, B. E.; PIMENTA, D. A. Conhecimentos tradicionais x modernidade: enfrentando a escassez de recursos naturais no planeta. In: Tropixel: as artes e as ciências. (Ed.). BRUNET, K.; RENNÓ, R. (Org.). Salvador: EDUFBA, 2015.

CONDE, B. E.; ROGÉRIO, I. T. S.; SIQUEIRA, A. M.; FERREIRA, M. Q.; CHEDIER, L. M.; PIMENTA, D. S. Ethnopharmacology in the vicinity of the Botanical Garden of the Federal University of Juiz de Fora, Brazil. *Ethnobotany Research and Applications*. 12: 91-111, 2014.

COOK, W. M.; YAO, J.; FOSTER, B. L.; PATRICK, L. B. Secondary succession in an experimentally fragmented landscape: community patterns across space and time. *Ecology*. 86 (5): 1257-1279, 2005.

COSTA, J. P. O. Diretrizes para a Política de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Mata Atlântica. Brasília, Série Cadernos da Reserva da Biosfera, 44p., 1999.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “*Quilombolas*” as subsidies for conservation efforts in an area of the Atlantic Rainforest in Espírito Santo State, Brazil. *Biodiversity and Conservation*. 19: 37-60, 2010.

CREPALDI, M. O. S. Etnobotânica na Comunidade Quilombola Cachoeira do Retiro, Santa Leopoldina, Espírito Santo, Brasil. Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – Escola Nacional de Botânica Tropical. Rio de Janeiro, 2007.

CUNHA, M. C.; ALMEIDA, M. W. B. populações tradicionais e conservação ambiental. In: CAPOBIANCO, J. P. R.; VERÍSSIMO, A.; MOREIRA, A.; SANTOS, I.; PINTO, L.P. Biodiversidade na Amazônia brasileira: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios. São Paulo, Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.

CUNHA, S. A. C.; BORTOLOTTI, I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 25(3): 685-698.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (Série Biodiversidade). 2001.

DIEGUES, A. C.; VIANA, V. M. (Orgs.) Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica. São Paulo: Nupaub. 2000.

DZEREFOS, C.M.; WITKOWSKI, E.T.F. Density and potential utilization of medicinal grassland plants from Abe Bailey Nature Reserve, South Africa. *Biodiversity and Conservation*. 10: 1875-1896, 2001.

EITEN, G. A vegetação do Estado de São Paulo. *Boletim do Instituto de Botânica* 7:23-72, 1970.

ESPÍRITO-SANTO, F. D. B.; SHIMABUKURO, Y. E.; ARAGÃO, L. E. O. C.; MACHADO, E. L. M. Análise da composição florística e fitossociológica da floresta nacional do Tapajos com o apoio geográfico de imagens de satélites. *Acta Amazonica*. 35 (2): 155-173. 2005.

ETKIN, N. L.; TICKTIN, T. Advancing an ethno-ecological perspective to integrate theory and Method in ethnobotany. In: ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. (Eds) *Recent Developments and Case Studies in Ethnobotany*. Recife, Brazil: Brazilian Society of Ethnobiology and Ethnoecology (SBEE)/ Publication Group of Ecology and Applied Ethnobotany (NUPEEA). 2010.

FERNADES-PINTO, E.; MARQUES, J. G. W. Conhecimento etnoecológico de pescadores artesanais de Guaraqueçaba, Paraná. IN: Diegues A.C. (Org.) *Enciclopédia caiçara. O olhar do pesquisador*. Vol. 1. São Paulo: HUCITEC: NUAPUB: CEC/USP. 2004.

FERRETTI, A. R. Fundamentos ecológicos para o planejamento da restauração florestal. A restauração da mata atlântica em áreas de sua primitiva ocorrência natural. Colombo: Embrapa Florestas, p. 21-26, 2002.

FLORA BRASILIENSIS: A obra. 2014. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em 26 de Maio, 2014.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. Acta Bot Bras 18(1):177–190. 2004.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEREIRA, T. S. A Etnobotânica e os Jardins Botânicos. 1ª. ed. Recife: Núcleo de Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada – NUPEEA. 2009.

FRANÇA, N. P. Conservação e desenvolvimento: o caso dos *quilombolas* do Campinho da Independência (APA de Cairuçu, Paraty, RJ). Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo. 2001.

GALEANO, G. Forest use at the pacific coast of Choco, Colombia: a quantitative approach. Economic Botany. 54: 258-376, 2000.

GANDOLFI, S. Sucessão florestal e as florestas brasileiras: conceitos e problemas. In: Anais do VIII Congresso de Ecologia do Brasil, Caxambu. pp. 1-2, 2007.

GANDOLFI, S.; LEITÃO FILHO, H. F.; BEZERRA, C. L. F. Estudo florístico e caráter sucessional das espécies arbustivoarbóreas de uma floresta mesófila semidecidual no município de Guarulhos, SP. Revista Brasileira de Biologia. 55(4): 753-767, 1995.

GUARIM-NETO, G.; CARNIELLO, M. A. Etnoconhecimento e Saber Local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: ALBUQUERQUE, U. P. ALVES C.G.A.; ARAÚJO, T.A.S. (Coord.) Povos e Paisagens: Etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil. Recife: NUPPEA/UFRPE. 2007.

HAMMER, O.; HAPER, D. A. T.; RYAN, P. D. Software PAST - Palaeontological Statistics. 2001.

HANAZAKI, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico tradicional. *Biotemas* 16: 23-47. 2003.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity and Conservation*. 9: 597-615, 2000.

HINDS, J.; SPARKS, P. Engaging with the natural environment: The role of affective connection and identity. *Journal of Environmental Psychology*. 28(2): 109-120, 2008.

HOFFMAN, B. Drums and arrows: ethnobotanical classification and use of tropical forest plants by a Maroon and Amerindian community in Suriname, with implications for biocultural conservation. PhD Thesis, University of Hawai'i at Manoa, Honolulu. 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Estrutura Fundiária: quilombolas. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/quilombola>> Acesso em 15 abril, 2015.

INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE (IUCN) 'Red List of Threatened Plants' 2016. Disponível em: <<http://www.iucn.org>> Acesso em 17 de outubro, 2015.

KAINER, K. A.; DURYEA, M. L. Tapping women's knowledge: Plant resource use in extractive reserves, acre, Brazil. *Economic Botany*. 46(4): 408-425, 1992.

KIESLING, F. M.; MANNING, C. M. How green is your thumb? Environmental gardening identity and ecological gardening practices. *Journal of Environmental Psychology*. 30(3): 315-327, 2010.

KURTZ, B. C.; ARAÚJO, D. S. D. Composição florística e estrutura do componente arbóreo de um trecho de Mata Atlântica na Estação Ecológica Estadual do Paraíso, Cachoeiras de Macacu, Rio de Janeiro, Brasil. *Rodriguésia*. 51: 69-12, 2000.

LEWIS, J. L. Challenges of interdisciplinarity for forest management and landscape perception research. In: TRESS, B.; TRESS, G.; FRY, G.; OPDAM, P. From landscape research to landscapes planning: aspects of integration, education and application. Springer. 2006.

LIMA, J. S.; OLIVEIRA, D. M.; JÚNIOR, J. E. N.; MANN, R. S.; GOMES, L. J. Saberes e usos da flora madeireira por especialistas populares do agreste de Sergipe. *Sitientibus. Série Ciências Biológicas*. 11 (2): 239-253, 2011.

LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; KUNIYOSHI, Y. S.; SILVA, L. B. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. *Etnoecológica*. 4(6): 33-55. 2000.

LINDOSO, D. O Poder Quilombola. Alagoas. Editora EDUFAL. 2007.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL (REFLORA). Jardim Botânico do Rio de Janeiro 2014. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em 26 de Maio, 2014.

LÖEFGREN, A. Ensaio para uma distribuição dos vegetaes nos diversos grupos florísticos no Estado de São Paulo. *Boletim da Comissão Geographica e Geológica de São Paulo*. 11: 5-50, 1896.

RESSEL, L.B.; BECK, C. L. C.; GUALDA, D. M. R.; HOFFMANN, I. C.; SILVA, R. M.; SEHNEM, G. D. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto contexto - enfermagem*. 17(4): 779-786, 2008.

LUCENA, R.F.P.; LUCENA, C.M.; ARAÚJO, E.L.; ALVES, A.G.C.; ALBUQUERQUE, U. P. Conservation priorities of useful plants from different techniques of collection and analysis of ethnobotanical data. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. 85 (1): 169-186, 2013.

MARTIN, G.J. *Ethnobotany: A Methods Manual*. WWF for Nature International, London, UK: Chapman and Hall. 1995.

MARTINS, R.B. Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora. *Estudos Econômicos, Instituto de Pesquisas Econômicas – USP*. 13(1), 1983.

MEYER, L.; QUADROS, K. E.; ZENI, A. L. B. Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*. 10: 258-266, 2012.

MOURA, G. Quilombos Contemporâneos nenhuma Brasil em Brasil. In: *África: Como se o Mar Fosse mentira*. (org) CHAVES, R.; SECCO, C.; MACEDO, T. São Paulo: Ed. Unesp. 2006.

MOURÃO, J.S.; NORDI, N. Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma abordagem etnoecológica. *Interciência*. 31(5): 1-7, 2006.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. *Dossiê Povo Negro – 300 anos*. *Revista USP*. 28: 56-63, 1996.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; DA FONSECA, G. A. B. & KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403: 853-858. 2000.

NAZAREA, V. D. “View from a Point: Entnoecology as Situated Knowledge. In: NAZAREA, V. D. (Org.). *Etnoecology: situated Knowledge/located lives*. The University of Arizona Press. pp. 03-20, 1999.

O'DWYER, E. C. Projeto Quilombos: laudos antropológicos, consolidação de fontes de consulta e canais permanentes de comunicação. Boletim da ABA, nº 30. Rio de Janeiro, 1998.

O'DWYER, E. C. Regularizando terras de quilombo: construção de identidades, conhecimentos autorizados e políticas públicas. In: Reunião Equatorial de Antropologia/X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste, 2007, Aracaju. Anais do Reunião Equatorial de Antropologia/X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste. Sergipe: CAPES/CNPq/UFS/ABA, v. 1, 2007.

OLIVEIRA, O. M. Negros, parentes e herdeiros. Um estudo da reelaboração da identidade étnica na Comunidade de Retiro, Santa Leopoldina – ES. Niterói, Dissertação de Mestrado em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense. 1999.

PAVAN-FRUEHAUF, S. Plantas medicinais de Mata Atlântica: manejo sustentado e amostragem. São Paulo: Annablume - FAPESP. 2000.

PERALTA, R. L.; ANDRADE, M. O. Direitos Quilombolas e acesso às políticas públicas: reflexos sobre a configuração da paisagem de uma comunidade no brejo paibano. 16: 272-300, 2011.

PHILLIPS, G. A.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. Economic Botany 47(1): 15-32. 1993.

PILLA, M. A. C.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. Acta Botanica Brasilica. 20 (4): 789-802, 2006.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 20 (4): 751-62, 2006.

POSEY, D. A.; ANDERSON, A. B. O reflorestamento indígena. In BOLOGNA, G. 1990. *Amazônia Adeus*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira. 1990.

POSEY, D. A. Introdução Etnobiologia, teoria e prática. pp. 15-25. In: D. Ribeiro (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Petrópolis, Vozes /FINEP. 1987.

RESOLUÇÃO nº 10 de 1º de outubro de 1993. Regulamenta o Decreto no. 750, de 10 de fevereiro de 1993, CONSELHO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE (CONAMA) Estabelece os parâmetros básicos para análise dos estágios de sucessão da Mata Atlântica. Disponível em: <www.mma.gov.br/port/conama/res/res93/res1093.html> Acesso em 27 de outubro, 2015.

RESOLUÇÃO nº 1 de 31 de janeiro de 1994, CONSELHO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE (CONAMA). Regulamenta o Decreto no. 750, de 10 de fevereiro de 1993 m relação à necessidade de se definir vegetação primária e secundária nos estágios pioneiro, inicial, médio e avançado de regeneração de Mata Atlântica a fim de orientar os procedimentos de licenciamento de exploração nativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <www.mma.gov.br/port/conama/res/res93/res1093.html> 1993. Acesso em 27 de outubro, 2015.

RODRIGUES, E.; CARLINI, E. L. de A. Levantamento etnofarmacológico realizado entre um grupo de quilombolas do Brasil. *Arq Bras Fitomed Cient*. 1 92): 80-7, 2003.

RODRIGUES, R. N. Procedencias Africanas dos Negros Brasileiros. In: *Os africanos no Brasil*. (Ed.) 2010.

SANTOS, M. W. Festas quilombolas: Entre a tradição e o sagrado, matizes da ancestralidade africana. *Revista HISTEDBR*. 50: 286-300. 2013.

SCANNELL, L.; GIFFORD, R. Definindo anexo lugar: A estrutura de organização tripartite *Journal of Environmental Psychology*. 30 (1): 1-10, 2010.

SCARATO, L. C. Caminhos e descaminhos do ouro nas Minas Gerais Setecentistas. In: Rodrigo Bentes Monteiro. (Org.). *Espelhos Deformantes: fontes, problemas e pesquisas em História Moderna*. São Paulo: Alameda. 227-248 pp, 2008.

SCARATO, L. C. Os caminhos do ouro nas minas setecentistas: contrabando, cotidiano e cultura material. 1. ed. São Paulo: Annablume. v. 1, 2014.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*. 5(10): 1-8, 2002.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO A MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE-MG). Diagnóstico Municipal de Santos Dumont, Minas Gerais. 1999.

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. (SEPPIR). Programa Brasil Quilombola: diagnóstico de ações realizadas. 2012. Disponível em: <www.seppir.gov.br>. Acesso em: Janeiro, 2013.

SILLITOE, P. The development of indigenous knowledge: a new applied anthropology. *Current Anthropology*. 39 (2): 223-252, 1998.

SILVA, A. L.; TAMASHIRO, J.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of Riverine populations from the Rio Negro, Amazonia (Brazil). *Journal of Ethnobiology*. 27(1): 46-72, 2007.

SILVA, N. C. B.; DELFINO-REGIS, A. C. S.; ESQUIBEL, M. A.; SANTOS, J. E. S.; ALMEIDA, M. Z. Medicinal plants use in Barra II quilombola community-Bahia, Brazil. *Bol. Latinoam. Caribe Plant. Med. Aromat.* 11: 435-453, 2012.

SILVA, M.J. *Quilombos do Brasil Central: Violência e Resistência Escrava 1919-1888*. Goiânia: Kelps. 2003.

SILVA, V.A., ANDRADE, L.H.C., ALBUQUERQUE, U.P. Revising the cultural significance index: The case of the Fulniô in Northeastern Brazil. *Field Methods* 18: 98-108, 2006.

SILVA, V.G. *O Antropólogo e sua magia*. São Paulo. Ed: Edusp. 2000.

STEHMANN, J.R.; FORZZA, R. C.; SALINO, A.; SOBRAL, M.; DA COSTA, D.P.; KAMINO, L.H.Y. *Plantas da Floresta Atlântica*. Rio de Janeiro, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2009.

TABARELLI, M. *Clareiras naturais e dinâmica sucessional de um trecho de floresta na Serra da Cantareira, SP*. São Paulo, SP, 1994. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo.

TICKTIN, T., GANESAN, R., PARAMESHA, M., & SETTY, S. Disentangling the effects of multiple anthropogenic drivers on the decline of two tropical dry forest trees. *Journal of Applied Ecology*. 49(4): 774-784, 2012.

TICKTIN, T.; SPOON, J. *Ethnobiology and Conservation*, in *Ethnobiology* (J.R. Stepp, Ed.), *Encyclopedia of Life Support Systems (EOLSS)*. Developed under the auspices of the UNESCO, EOLSS Publishers, Oxford, UK, 2010.

TOLEDO, V. M. What is Ethnoecology? Origins, scope and implications of a rising discipline. *Etnoecológica*. 1 (1): 5-20, 1992.

TOLEDO, V. M. M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 20, 2009.

VICENTE, N. R. *Sistemas agroflorestais sucessionais como estratégia de uso e conservação de recursos florestais nas zonas ripárias da microbacia Arroio Primeiro de*

Janeiro, Anchieta – SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

VIEIRA, R.F.; SILVA, S.R. Estratégias para conservação e manejo de recursos genéticos de plantas medicinais e aromáticas resultados da 1ª reunião técnica. EMBRAPA/IBAMA, CNPq, Brasília. 2002.

VINHOLI JÚNIOR, A. J. Contribuições dos Saberes sobre Plantas Medicinais para o Ensino de Botânica na Escola da Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio, Jaraguari, MS. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

VOEKS, R. A.; LEONY, A. Forgetting the Forest: assessing medicinal plant erosion in Eastern Brazil. *Economic Botany*. 58: 294-306, 2004.

WORLDWIDE Fund for Nature (WWF). Living planet report. 2002. Disponível em: <[http:// www.panda.org](http://www.panda.org)> Acesso em 25 de dezembro, 2014.

ZANK, S.; HANAZAKI, N. Exploring the Links between Ethnobotany, Local Therapeutic Practices, and Protected Areas in Santa Catarina Coastline, Brazil. *Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine*. 1-15, 2012.

ZSCHOCKE, S.; RABE, T.; TAYLOR, J.L.S.; JAGER, A.K.; VAN STADEN, J. 2000. Planta part substitution – a way to conserve edangered medicinal plantas? *Journal of Ethnopharmacology*. 71:281-292.

Anexos

Anexo 1: Diário oficial da União, com registro da comunidade Quilombola São Sebastião da Boa Vista.



FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
PORTARIA Nº 185, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2009

Comunidade de Bem Viver Vila Nova dos Poções, localizada no município de Janaúba/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.157 fl. 173,

Comunidade de Iguatemi, localizada no município de Canguçu/RS. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.158 fl. 174,

Comunidade de Cruzeirinho, localizada no município de Natividade/RJ. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.159 fl. 175,

Comunidade de Canoão, localizada no município de Ibititá/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.160 fl. 176,

Comunidade de Ibicuí da Armada, localizada no município de Santana do Livramento/RS. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.161 fl. 177,

Comunidade de Barra de Otis, localizada no município de Diamante/PB. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.162 fl. 178,

Comunidade de Pixaim, localizada no município de Piaçabuçu/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.163 fl. 179,

Comunidade de Namastê, localizada no município de Ubá/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.164 fl. 180,

Comunidade de Santa Maria das Mangueiras, localizada no município de Dois Irmãos/TO. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.165 fl. 181,

Comunidade de Engenho do Matapé, localizada no município de Santana/AP. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.166 fl. 182,

Comunidade de São Sebastião da Boa Vista, localizada no município de Santos Dumont/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 011, Registro n. 1.167 fl. 183,

Anexo 2: Diário oficial da União, com registro da comunidade Quilombola Colônia do Paiol.



ANO 2005

1. Água Preta - Localizada no município de Ouro Verde de Minas - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 05 - Registro 433 - Fl. 41, em 17/11/2005 - Publicada no Diário Oficial da União em 06/12/2005, Seção 1, nº. 233 - Folha 5. Retificado em 19/10/2006, Seção 1, Fl. 8.
2. Arturos - Localizada no município de Contagem - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 02 - Registro 114 - Fl. 19, em 25/11/2004 - Publicada no Diário Oficial da União em 25/05/2005, Seção 1, nº. 99 - Folha 04.
3. Bainha - Localizada no município de Vazante - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 02 - Registro 112 - Fl. 17, em 23/11/2004 - Publicada no Diário Oficial da União em 25/05/2005, Seção 1, nº. 99 - Folha 04.
4. Boa Morte - Localizada no município de Belo Vale - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 02 - Registro 109 - Fl. 14, em 22/11/2004 - Publicada no Diário Oficial da União em 25/05/2005, Seção 1, nº. 99 - Folha 04.
5. Boa Vistinha - Localizada nos municípios de São João da Ponte e Verdelândia - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 03 - Registro 243- Fl. 49, em 22/06/05 - Publicada no Diário Oficial da União em 12/07/2005, Seção 1, nº. 132 - Folha 15.
6. Bom Jardim da Prata - Localizada no município de São Francisco - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 03 - Registro 289 - Fl. 95, em 15/07/05 - Publicada no Diário Oficial da União em 30/09/2005, Seção 1, nº. 180 - Folha 12 e 13.
7. Cabeludo - Localizada no município de Vazante - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 03 - Registro 288- Fl. 94, em 15/07/05 - Publicada no Diário Oficial da União em 30/09/2005, Seção 1, nº. 180 - Folha 12 e 13.
8. Cercado - Localizada no município de Paracatu - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 03 - Registro 215 - Fl. 21, em 03/05/2005 - Publicada no Diário Oficial da União em 08/06/2005, Seção 1, nº. 108 - Folhas 15 e 16.
9. Colônia do Paiol - Localizada no município de Bias Fortes - Registro no Livro de Cadastro Geral nº. 02 - Registro 108 - Fl. 12, em 22/11/2004 - Publicada no Diário Oficial da União em 25/05/2005, Seção 1, nº. 99 - Folha 04.

Anexo 3: Diário oficial da União, com autorização para estudo etnobotânico nas comunidades estudadas.



**INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL**

AVISO DE AUTORIZAÇÃO

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no uso das competências conferidas pela Deliberação CGEN/MMA nº 279, de 20 de setembro de 2011, publicada no DOU de 9 de novembro de 2011, de acordo com a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001, o Decreto nº 3.945, de 28 de setembro de 2001, e demais normas atinentes, concedeu AUTORIZAÇÃO de Acesso a Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético, para fins de pesquisa científica, à Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, em conformidade com o Processo nº 01450.010839/2012-62:

Projeto - Estudo Etnobotânico em Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira.

Objetivo geral da pesquisa - O estudo fundamenta-se em registrar, documentar e resgatar os conhecimentos tradicionais relativos as plantas pelas comunidades quilombolas mineiras de São Pedro de Cima, Colônia do Paiol, São Sebastião da Boa Vista e São Bento, avaliando a erosão cultural nestas comunidades. Identificar a diversidade de vegetais utilizados, bem como o manejo dos mesmos estabelecendo comparações etnográficas, culturais e socioambientais das referidas comunidades.

Comunidade envolvida - Comunidades Quilombolas de São Pedro de Cima, Colônia do Paiol, São Sebastião da Boa Vista e São Bento

Localização - Municípios de Divino, Bias Fortes, Santos Dumont, Minas Geras-MG.

Validade da autorização - março/2014

JUREMA MACHADO
Presidenta do Instituto

Anexo 4: Pagina oficial do IPHAN na internet, com licença para estudo etnobotânico nas comunidades estudadas.



The screenshot shows the official website of IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). The header features the IPHAN logo and the text "INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL". Navigation links include "Início", "Contato", "Mapa", and "Intranet". A main navigation bar contains "IPHAN", "PATRIMÔNIO CULTURAL", "BENS TOMBADOS E REGISTRADOS", "GESTÃO", "PUBLICAÇÕES", and "EDITAIS E SELEÇÕES". The breadcrumb trail reads: "Principal » Patrimônio Cultural » Patrimônio Imaterial » Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético » Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU". A search bar with a magnifying glass icon and the word "buscar" is present. The main content area is titled "Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU" and contains a paragraph about the institute's authorization of scientific research access to traditional knowledge. A sidebar on the right, titled "Saiba Mais", lists various links such as "Agenda", "Bancos de Dados", "Bibliotecas do IPHAN", "Blogs do IPHAN", "Cadastro Nacional de Negociantes de Antiguidades e Obras de Arte", "Concurso IPHAN", "Editais e Seleções", "Legislação", "Links Patrimônio Cultural", "Notícias", "Perguntas Frequentes", "Sistema Nacional do Patrimônio Cultural", and "Transparência Pública".

IPHAN INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Início Contato
Mapa Intranet

IPHAN PATRIMÔNIO CULTURAL BENS TOMBADOS E REGISTRADOS GESTÃO PUBLICAÇÕES EDITAIS E SELEÇÕES

Principal » Patrimônio Cultural » Patrimônio Imaterial » Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético » Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU

Q buscar - A+

Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU

O Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no uso das competências conferidas pela Deliberação nº. 279, de 20/09/2011, de acordo com a Medida Provisória nº. 2.186 -16, de 23/08/2001, o Decreto nº. 3.945, de 28/09/2001, e demais normas atinentes, concedeu as seguintes autorizações de acesso a Conhecimento Tradicional Associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica:

2013

Autorização nº 001/2013
Processo nº.: 01450.010839/2012-62 – Rito ordinário
Instituição de origem: Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Projeto de pesquisa: "Estudo Etnobotânico em Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira"
Comunidade envolvida: Comunidades Quilombolas de São Pedro de Cima, Colônia do Paiol, São Sebastião da Boa Vista e São Bento/MG
Localização: Municípios de Divino, Bias Fortes e Santos Dumont /MG
Coordenador: Daniel Sales Pimenta – UFJF
Pesquisadores: Bruno Esteves Conde, Izabela Taiana Salazar Rogério, Aline Moreira de Siqueira e Mônica Ferreira de Britto Lyra
Status: Autorizado em 08/02/2013
Validade: 03/2014
Publicação DOU - UFJF - Processo nº 01450.010839/2012-62

Saiba Mais

- Agenda
- Bancos de Dados
- Bibliotecas do IPHAN
- Blogs do IPHAN
- Cadastro Nacional de Negociantes de Antiguidades e Obras de Arte
- Concurso IPHAN
- Editais e Seleções
- Legislação
- Links Patrimônio Cultural
- Notícias
- Perguntas Frequentes
- Sistema Nacional do Patrimônio Cultural
- Transparência Pública

Anexo 5: Formulário utilizado para coleta de dados etnoecológicos.



FORMULÁRIO PARA A OBTENÇÃO DE DADOS ETNOBOTÂNICOS

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA ZONA DA MATA MINEIRA

Nº

COMUNIDADE:	APLICADOR:	DATA:
NOME DO ENTREVISTADO:	IDADE:	SEXO:
ASSINATURA DO ENTREVISTADO:	ASSINATURA DO ENTREVISTADOR:	ASSINATURA DA TESTEMUNHA:

Anexo 6: Fotografias diversas, do período de realização de trabalho de campo, referente à comunidade de São Sebastião da Boa Vista.



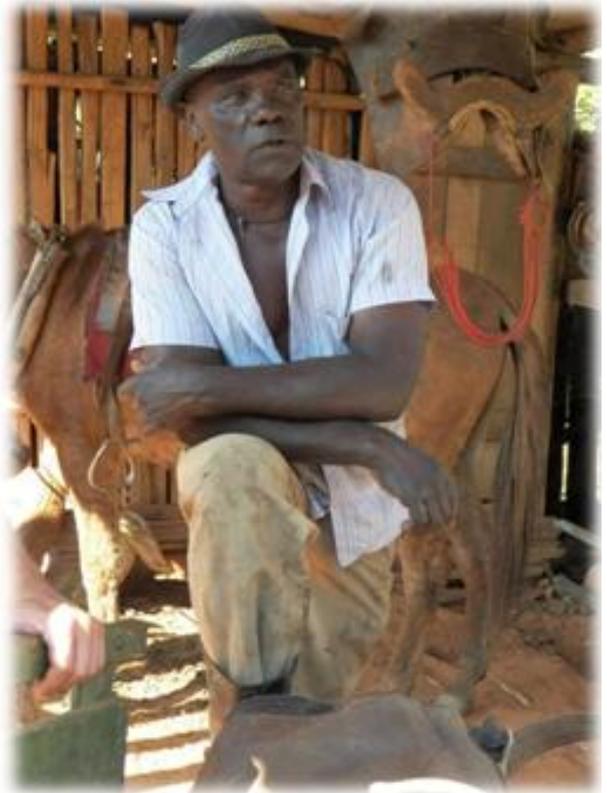




Anexo 7: Fotografias diversas, do período de realização de trabalho de campo, referente à comunidade de São Bento.







Anexo 8: Fotografias diversas, do período de realização de trabalho de campo, referente à comunidade de Colônia do Paiol.





